



Rilvan Batista de Santana

Contos & Crônicas

Ano 2018

Índice

01 – A noiva que saiu do túmulo

02 – Alcântara

03 – A idade da experiência e da razão

04 – Academia de Letras

05- A cultura do ódio

06 – Brechó

07 – Brincadeiras de criança

08 – Cacau e peleja

09 – Crimes na Tran\$valores

10 – Cristais Quebrados

11 – Coala

12 - Drogas

13 – Deitei o “rei” no xadrez na Academia de Letras de Itabuna – ALITA

14 – Desejo de matar

15 – Digressões literárias

16 – Eu não gosto de Félix

17 – Feira livre

18 – Fonsequinha

19 – Judite

20 - Jipe

21 – Labirintos da inteligência

22 – Ladrão genial

23 – Lamentos da velhice

24 – Manolo

25 – Morreu Maria Preá

26 – Major Dórea

27 – Malvado tempo

28 - O corcunda de Notre Dame

29 - O drama de Kaleb

30 – O guriatã e o pintassilgo

31 – O pequeno Cajueiro

32 – O talento

33 – O velho e o menino

34 – Premonição

35 – Pedro, o Grande

36 – Saudade eterna

37 – Tribunal do Crime

38 – Zé Pequeno

Apresentação

Mais um livro em PDF que estou colocando à disposição dos meus leitores. Agradeço a Deus por ter me dado mais este presente e sem nenhuma pretensão, coloco-o à disposição de quem quiser lê-lo.

Não é uma obra prima, mas é um trabalho criativo elaborado com os tropeços e as experiências do dia a dia. Não tem um personagem principal: herói, gênio, intelectual, bravo, covarde, legalista ou justiceiro, porém, são muitas caras de gente simples que dão vida ao texto.

Não obstante este livro ser em PDF, o trabalho não é menor que se fosse impresso por uma editora. Produz-se os textos e seleciona aqueles que na visão do autor foram os melhores, em seguida, elabora-se uma imagem da capa de acordo o título da obra. Neste caso, copiamos três imagens de domínio público e construímos uma imagem única modificada que simboliza os “Contos & Crônicas”.

Porém, nem sempre os textos selecionados e colocados em forma de E-book, são do agrado do leitor, porém, o livro impresso, editado numa gráfica, às vezes, não cai, também, no gosto do público alvo. No entanto, o livro eletrônico, o livro de biblioteca virtual, que não é vendido, o leitor tem a opção de fechar o programa sem prejuízo financeiro, diferente do livro impresso que fica relegado e empoeirado na estante.

O leitor é imprescindível para divulgação de trabalhos científicos e literários. O autor que não é conhecido nacionalmente e não faz do ato de escrever um meio de subsistência, mas uma atividade lúdica, esse site foi providencial, assim como, uma fonte de pesquisa essencial para estudantes e professores em qualquer curso de formação profissional.

A mim só resta agradecer ao pessoal deste site e desejar que os leitores deste país continental me deem a honra de sua leitura. Para mim não existe pagamento maior do que ser lido. Às vezes, sou criticado pelos meus trabalhos literários, não me importo, pois é sabido que é a crítica construtiva que ajuda o autor colocar as coisas no rumo certo. Rilvan Batista de Santana - autor

A noiva que saiu do túmulo

R. Santana

Tabitha Gabriele ia recostada no confortável banco de detrás da limusine. Trajava-se com vestido de noiva trabalhado, de véu, cabelos bem penteados, ostentava na cabeça uma coroa de flores de cristal, brincos cintilantes nas orelhas, sapatos de camurça de salto alto, anel de noiva da Tiffany no dedo anelar direito, buquê nas mãos e rosário entre os dedos, um look perfeito, um look de princesa.

A limusine rosa de Tabitha saiu de algum lugar de Brotas, destino à Igreja Nosso Senhor do Bonfim, localizada na Sagrada Colina, na cidade de Salvador. A limusine desceu a ladeira dos Galés, trafegou com cuidado a Rua Djalma Dutra até o Largo das Sete Portas, aí, dobrou à esquerda e saiu na avenida J. J. Seabra e segue em frente, pouco tempo depois, chega ao Largo de Aquidabã, dobrou à direita e atingiu o túnel Américo Simas, trafega pela Avenida Frederico Pontes, rumo ao Largo da Calçada, seguiu por ruas e transversais até o Largo dos Mares, saiu na Barão de Cotegipe, depois na Avenida Fernandes da Cunha, de lá, o motorista chega à Praça Irmã Dulce, quando deu início ao final da viagem pela Dendezeiros...

Enquanto o carro trafegava em ruas e avenidas com paradas obrigatórias, Tabitha refletia sobre os 5 anos de namoro e noivado com Andreas Folic. Conheceram-se no final do curso de medicina da UFBA, depois de diplomados e feitos os cursos de residência médica, noivaram e marcaram a data do casamento e aquele dia seria o dia D.

Optou por um casamento tradicional e elegante, mas sem exageros nem extravagâncias, não gostava de nada espalhafatoso, a discrição e a sobriedade eram suas marcas. Católica praticante, amiga do bispo e do pároco, obteve autorização pra se casar em outra igreja, de maneira especial, a Igreja Senhor do Bonfim.

Naquele dia, ela pediu aos pais que lhe esperassem no átrio da igreja até o início do ritual de entrada, queria chegar sozinha: sem os pais, sem padrinhos ou damas de honra de casamento.

Não trocou uma palavra com o motorista, o pobre do homem tentou ser agradável, mas em vão, pediu-lhe, apenas, que se livrasse do congestionamento o quanto possível, pois o casamento estava marcado para 20 horas e o relógio já passava das 19h30 min, gostaria de assistir a missa de início.

Vincenzo e Antonella estavam impacientes, pois àquela hora, sua filha ainda não havia chegado. Eles estranharam a demora porque sua filha era disciplinada e exigente com os horários de trabalho e compromissos outros, portanto, atraso por menor que fosse não era normal para Tabitha. Vincenzo não cabia em si de contente, passou a noite de véspera ensaiando como entrar com sua filha até Andréas, por isto, praticou com Antonella todo ritual do casamento, não queria fazer feio perante parentes e amigos.

Quando a ansiedade e a impaciência tomavam conta dos convidados, da família e do noivo, Tabitha surgiu do nada e mais ansiosa que todos, seus pais correram pra lhe socorrer:

- Minha filha, vamos!

Começou o cerimonial: o noivo entrou de braços dados com sua mãe, depois vieram os padrinhos de ambos e as damas de honra. A noiva entrou com o pai. As formalidades exigem que as mulheres entrem pelo lado esquerdo dos homens, exceto a noiva. No altar, o noivo permaneceu do lado esquerdo com os padrinhos e os pais, enquanto isto, a noiva ficou do lado direito com os pais e os padrinhos. Depois que o pai entregou sua filha ao noivo, os pais da noiva e do noivo retornaram à entrada e voltaram depois ao santuário com os casais trocados, ou seja, o pai da noiva de braços dados com a mãe do noivo e vice-versa, no altar, ambos os casais retornaram aos seus lugares de origem e, os noivos se postaram de frente ao altar, daí o sacerdote iniciou a celebração:

- Irmãos caríssimos, nos reunimos com alegria na casa do Senhor para participarmos nesta celebração matrimonial de Andreas Folic e Tabitha Gabriele, que neste dia, eles se propõem constituir o seu lar. Este momento, para eles, é de singular importância. Acompanhem-los com o nosso afeto e amizade e com a nossa oração. Juntamente com eles escutemos a Palavra de Deus. Depois, em união com a Santa Igreja, por Jesus Cristo, Nosso Senhor, nós supliquemos ao Deus Pai que acolha

benignamente estes servos, que desejam contrair Matrimônio. O Pai desça sobre estes servos suas bênçãos e os una para sempre...

Meus amigos e amigas, neste ponto da história, decidimos por conta e risco, encurtar o ritual por dois motivos: primeiro pra que o blabláblá não descambe em conversa fiada; depois, a descrição passo a passo do ritual não irá acrescentar para explicação lógica dos fatos, portanto, nada mais prático que registrar, apenas, seu início e fim.

...

... Nos ritos finais da missa, o sacerdote abençoa os esposos e o povo dizendo:

- Deus Pai vos conserve unidos no amor, que habite em vós todos, aqui presentes, a paz de Jesus Cristo para sempre.

- Todos: Amém! – O sacerdote finaliza:

- E a vós todos, aqui presentes, abençoe Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e... – o sacerdote interrompe a bênção abruptamente:

- Filha, isso foi o quê? Seu sangue está escorrendo pelo pescoço! – todos os convidados e parentes ficaram estonteados, todos correram para acudir a moça, o pandemônio tomou conta de todos e o tumulto e o medo se misturaram quando Tabitha desapareceu ao tempo que o motorista da limusine de Tabitha, entrava na igreja:

- Seu Vincenzo, seu Vincenzo, sua filha morreu!

Mais calmo, o motorista diante de convidados e parentes absortos, falou do acidente que havia ocorrido na Avenida dos Dendezeiros com sua limusine e feito Tabitha vítima fatal. Seu carro tinha sido empurrado por uma Toyota Hilux, Cabine Dupla 2010. O motorista da Hilux, numa ultrapassagem imprudente, empurrou a limusine para o acostamento que após subir num barranco vira duas vezes no asfalto. Tabitha sem cinto de segurança foi a vítima fatal.

Hoje, o viandante que por ali passa, vai ler a inscrição numa placa de cimento na beira da estrada.

“Tabitha, a noiva que saiu do túmulo! - *1980 / 2010”

Alcântara
R. Santana

Eu o conheci na adolescência, ele já era um homem maduro. A meninada o apelidava de seu “Arranca”, os adultos seu “Alcântara”. Quando Alcântara chegava a algum lugar era uma festa, o povo o idolatrava. Foi o político mais popular e mais carismático da história de Itabuna. Ele era simpático, bem apessoado, de traços europeus. As moças e menos moças gostavam de receber afagos e galanteios de seu “Alcântara”, porém, tudo não passava de amizade de político, pois ele era fiel como um cão a Florisbela, para amigos e não amigos Dona Sarinha Alcântara.

José de Almeida Alcântara foi eleito prefeito de Itabuna, duas vezes, deputado estadual da Bahia, uma vez, não teve o mesmo desempenho quando prefeito, ele tinha talento para executar não para legislar, porém, foi atuante na defesa dos interesses da Região do Sul da Bahia. Findo seu mandato de deputado estadual, volta para sua terra e concorre de novo para eleição de prefeito com José Soares Pinheiro (Pinheirinho), um filho da terra, um dos maiores líderes políticos, daquela época, além de empresário autorizado de revenda de automóveis da Willys, Pinheirinho era grande cacauicultor e pioneiro no cultivo da seringa no Sul da Bahia.

Pinheirinho foi presidente da câmara de vereadores por várias legislaturas. Não era má pessoa, contribuía material e financeiramente em várias obras sociais e programava outras, filantropo e empreendedor, porém, era de natureza afetada, introspectivo, não era político popular, não tinha intimidade com a pobreza quanto o seu adversário político José de Almeida Alcântara. Este, a elite e o empresariado da cidade consideravam-no populista e demagogo.

A campanha para prefeitura de Itabuna em 1966 ainda permanece na memória dos itabunenses daquela época: os ricos, os intelectuais e as forças conservadoras versus os pobres, as igrejas e a classe média. Pinheirinho fez uma campanha embasada em novo modelo de gestão pública: combate ao desperdício da coisa pública e à corrupção, planejamento dos recursos públicos, projetos comunitários, enxugamento do quadro de servidores comissionados e apadrinhados, promoção de concurso público, auditagem

dos desvios de recursos financeiros das gestões anteriores e criação de novos postos de trabalho com a implantação de um parque industrial através de isenção de tributos por anos, apoio material, ou seja, de olho no aporte de capitais do Sul e Sudeste com o objetivo de desenvolver econômica e financeiramente a terra do cacau.

Alcântara fez sua campanha no que tinha feito em seu primeiro mandato de prefeito de Itabuna, na boa gestão do seu sucessor e afilhado político, o jovem engenheiro Félix Mendonça e no apoio político do deputado federal Antônio Carlos Magalhães (ACM), e em seu razoável desempenho na assembleia estadual baiana. Não obstante os adversários políticos tê-lo como demagogo, ele fez promessas de pé no chão, não foi megalômano, enfim, prometeu fazer o que não tinha feito na primeira gestão, terminar as obras que seu antecessor não teve tempo de terminá-las e promover políticas públicas que atendessem à demanda do povo.

Naquela época não havia agência de publicidade como hoje, que cuida da imagem do candidato até do que ele vai falar aos eleitores com base nos institutos de pesquisa, todavia, Pinheirinho assessorou-se das melhores cabeças da comunicação local. Seu “Staff” só tinha gente qualificada, intelectuais de escol, pessoas versadas em Política, Sociologia e Psicologia. As atitudes e reações coletivas eram estudadas e analisadas cientificamente. Ainda não existia a “Lei Falcão”, por isto, as principais emissoras de rádio da cidade e as melhores gráficas estavam engajadas na eleição do candidato José Soares Pinheiro a prefeito.

Os layouts de Pinheirinho das páginas de jornais, dos semanários, cartazes e outdoors chamavam a atenção dos eleitores pela criatividade, imagem do candidato, mensagens de efeitos administrativos e esteticamente perfeitos. Os brindes tinham o designer de um pé de pinheiro em copos, chaveiros, caixas de fósforos, isqueiros, canetas, lápis, etc. Os “santinhos” foram substituídos por fotos e pôsteres de tamanho pequeno, médio e grande.

Pinheirinho era um dos maiores oradores da cidade naqueles tempos idos, não possuía formação escolar completa, apenas, o Fundamental I, ou seja, o curso primário, porém, era um autodidata, um leitor contumaz, em sua residência, a biblioteca chamava a atenção pela quantidade de obras, em particular, livros de Economia, de Administração, Direito Tributário e Contabilidade Pública. Por conta do seu saber nessa área de conhecimento, ele era constantemente convidado para palestras em clubes de lojistas, grandes empresas, faculdades, maçonarias e prefeituras.

Naquela época, não havia showmício, o candidato a prefeito e os candidatos ao legislativo municipal, eram as principais atrações, cada candidato a vereador levava seus correligionários e seu “Staff”. No comício de Pinheirinho havia grande concentração de pessoas e automóveis, por isto, seus adversários debochavam: “se carro votasse, Pinheirinho estaria eleito!”, decerto, seu apoio vinha do eleitor da elite e dos intelectuais.

Alcântara não era nenhum abestalhado nem intelectual, mas possuía educação média, de boa família (um dos irmãos, desembargador da Bahia). Coletor (agente fiscal) aposentado do estado da Bahia quando concorreu à prefeitura itabunense pela primeira vez. Não era bom orador, mas era emotivo e prático, falava a linguagem do povo, conhecia todas suas necessidades e carências. Sua força política maior vinha do contato, do corpo-a-corpo. Quando chegava a alguma casa por mais humilde que fosse, ia até a cozinha xeretar e, não saía de lá sem provar um cafezinho ou triscar levemente numa cachacinha.

Nos comícios de Alcântara, se contavam os automóveis nos dedos das mãos e, automóveis não eram necessários para seus eleitores, eles iam a pé, de carroça, a cavalo, de jegue, de ônibus... Os comícios eram lotados de gente simples de todos os bairros: os bairros centrais, a periferia, os distritos e a área rural, o povo chegava aos montes, como formigas que saem apressadas de um formigueiro. Tudo que Alcântara falava o povo aplaudia insistentemente. Quando ele terminava o discurso, descia do palanque (carroceria de caminhão), se misturava com o povo, abraça um, afaga outro, beija uma criança, toma-a nos braços, aí o povo ia ao delírio: “É de colher!” / “É de colher!” / “É de colher!” / “Alcântara é o prefeito!”, ou, parodiando “Pisa na Fulô” de João do Vale:

“Pisa na fulô, pisa na fulô / Pisa na fulô / Alcântara já ganhou!

Um dia desses / Fui dançar lá em Perdizes / Na rua do Pinheiro / Eu gostei da brincadeira / Zé Pretinho era o tocador / Mas só tocava / Pisa na fulô / Alcântara já ganhou!

Não precisa me pagar / Mas por favor / Arranje outro tocador / Que eu também quero Pisa na fulô / Pisa na fulô / pisa na fulô / Alcântara já ganhou!” (bis)

Para o entendimento do nosso leitor, esclareço que a colher tornou-se símbolo das campanhas políticas de José de Almeida Alcântara e, foi construído na Praça Jardim do Ó, na entrada de Itabuna, início da Avenida Cinquentenário, um monumento que representa uma colher para se reportar à eleição de 1966: “Essa vai ser de colher”. Em

1994, a praça foi reurbanizada e o antigo símbolo foi substituído por um designer mais moderno, que não lembra a colher de seu “Alcântara”.

Pinheirinho foi derrotado na eleição de 1966 por significativa percentagem de votos. A elite não se conformou, desenterrou um processo administrativo (não havia a “Lei da Ficha Limpa”), do tempo que Alcântara era chefe da Coletoria de Itabuna. Conta-se que houve uma grande enchente no Rio Colônia / Rio Cachoeira, nos meados de 1950, e a população ribeirinha de Itapé (naquela época, distrito de Itabuna), foi muito prejudicada, os ribeirinhos perderam seus haveres e barracos, e ao invés dele encaminhar o pedido oficial de ajuda ao governo, usou o dinheiro da coletoria em mantimentos e agasalhos para socorrer os flagelados, depois, comunicou às autoridades responsáveis.

Uma comissão de mulheres da alta sociedade, dentre elas, uma cunhada de José Soares Pinheiro, a educadora Celina Bacelar, foi a Brasília com o processo a tiracolo do prefeito eleito, falar com o presidente e marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, cujo objetivo seria impedir a posse de Alcântara, pois estávamos no início da Revolução Militar de 1964, período discricionário e arbitrário da República. Porém, elas deram com a cara na porta, assim que chegaram ao palácio, encontraram o jovem deputado federal Antônio Carlos Magalhães (ACM), amicíssimo de Alcântara, pois lhe transferiu mais de 10.000 votos nessa eleição, ACM saiu de Itabuna, praticamente, eleito.

A zombaria foi geral na cidade. Os gozadores diziam que o presidente sugeriu que elas fossem cuidar dos seus lares e dos seus filhos ao invés de se envolverem em picuinhas políticas partidárias locais. Os mais gozadores afirmavam de pés juntos e mãos em oração que o presidente sugeriu-lhes que fossem procurar uma lavagem de roupa. Por outro lado, os correligionários do candidato derrotado afirmavam que as damas tinham sido bem tratadas, que o marechal foi cavalheiro, que havia as recebido bem e prometeu-lhes encaminhar o processo aos órgãos responsáveis para apuração devida.

Alcântara foi empossado prefeito. O “processo” deve ter ficado em algum arquivo no subsolo do palácio, ninguém falou mais no assunto, Castelo Branco morreu em 18 de julho de 1967 e José de Almeida Alcântara em 7 de abril de 1968.

Esta modesta crônica histórica não é tendenciosa e Jamais irá manchar a memória desses homens públicos que prestaram relevantes serviços a esta terra que já foi do cacau, portanto, faz-se necessário dizer que eles não se locupletaram de recursos públicos, a exemplo de propinas, caixa 2, desvios de dinheiro do povo, licitações

viciadas, etc. Pinheirinho não ficou mais rico nem Alcântara deixou fortuna para seus herdeiros. A lisura e o zelo pela coisa pública eram preocupações de ambos.

O maior fenômeno eleitoral de Itabuna foi vencido pela lei da morte (infarto fulminante) prematura. Não desejo conjeturar o passado, porque não se profetiza o que já passou, diria que Alcântara morreu no poder como prêmio da Providência pelo seu amor às causas dos menos contemplados da vida, enquanto Pinheirinho teve como prêmio mais alguns anos de vida.

Enfim, se o céu é reservado para os homens bons e o inferno para os homens maus, Alcântara e Pinheirinho foram homens bons, logo, eles foram pra o ceu.

A idade da experiência e da razão

R. Santana

Eu não sou daqueles que diz que não gosta de novela, que não perde tempo em frente ao televisor assistindo programas populares, que são informações fúteis, subprodutos culturais, informações não sistematizadas, opiniões pessoais que pouco acrescentam ao conhecimento formal, sistematizado. Acho puro preconceito e intelectualismo. A aprendizagem, segundo Piaget, ocorre quando o objeto do conhecimento tem significado para alguém, se um sujeito do outro lado da tela do televisor fala alguma coisa que interessa e desperta a curiosidade do telespectador, a experiência virtual passa ser real. Se o saber de A não interessa pra B, neste caso, a experiência da A é inútil pra B, aí a informação é fútil, sem significado, inútil, sem aprendizagem, porém, não se pode subestimar o saber de A, pois sua experiência pessoal tem para si significação.

Um desses dias, assistindo ao programa “Encontro”, Rede Globo, da apresentadora Fátima Bernardes, ela solicitou aos seus convidados e aos populares do outro lado da telinha que escrevessem numa tabuleta ou, eles falassem sua verdadeira

idade, isto é, a idade do corpo ou a idade da alma. A maioria disse que sua idade física não correspondia à sua idade mental, portanto, cada convidado deu sua idade diferente daquela do registro de nascimento. Decerto, é um mecanismo psicológico de racionalização: “... tenho “x” anos, mas com aparência e vigor de...”, pura sublimação, a nossa idade não é aquela que aparentamos ou achamos, mas o somatório dos anos que consumiram o corpo e a mente.

A morte e a velhice são estados da vida de nossa pequenez, quem não morre moço, velho não escapa. Já pensou, leitor, se o homem não morresse ou envelhecesse? O mundo seria imundo! O tempo e o fim são cutelos de Deus, tudo será destruído pela ação do tempo, nada é para sempre, infinito é Deus. Porém, a morte não é má, é a renovação da vida, pois para renascer tem que morrer. O fenômeno do renascimento dá-se com a morte do ser vivo.

Superestimar a velhice é romantismo. É humilhante a sobrevida de um corpo carcomido pela doença e pelo tempo. O significado da vida do ser humano é a saúde, ninguém é feliz na dor. A juventude é o crepúsculo matutino da vida, enquanto a velhice é o crepúsculo vespertino da vida, a ausência de luz e, não se é feliz quando a luz, os sonhos e as esperanças vão sumindo...

Achar a velhice “a melhor idade” é suavizar a decadência física, intelectual, às vezes, moral, é desencargo de consciência coletiva. O idoso, além de enfrentar no dia a dia os males da idade, enfrenta problemas de acessibilidade, financeiros, rejeição social e falta de afetividade dos parentes e da família. Os filhos, os netos, os genros e as noras se preocupam com seu idoso, quando esse idoso é independente econômica e financeiramente, grosso modo, para usufruírem de benesses. Claro, não é regra geral, há exceção, todavia, são raras as exceções.

Há uma lenda russa, do início do Século XX, que quando o pai ficava velho, o filho lhe dava uma manta para lhe proteger do frio e o expulsava de casa para que morresse longe de seus olhos. Um neto que amava muito o avô, incumbido pelo pai dessa amarga tarefa, cortou a manta em duas partes, questionado pelo pai, respondeu-lhe que a metade da manta seria guardada para quando ele tivesse velho quanto seu avô. Hoje, os filhos não usam a manta, mas colocam o pai num quarto nos fundos de sua

casa e o esquecem lá, então, quando possuem recursos, eles colocam o pai num abrigo e as visitas vão se espaçando à medida que o tempo passa.

Caro leitor, não se engane com a propaganda enganosa da mídia que nos países desenvolvidos e culturalmente históricos, o cuidado com o idoso é melhor que o nosso país tupiniquim, não é verdade, as mazelas familiares, os preconceitos sociais, as exclusões, os descasos das políticas públicas, são iguaizinhos aqui, talvez, a diferença é que, lá, as leis funcionam pra brancos, negros, ricos, pobres, princesas e prostitutas.

Enfim, o idoso é a idade da experiência e da razão, agora, dizer que é a melhor idade... merda!..

Academia de Letras

R. Santana

Ao adquirir os jardins de AKADEMUS, na Grécia antiga, para fundar sua escola filosófica, Platão queria, somente, um lugar para discussão do conhecimento socrático e seu método maiêutico revolucionário, diferente do saber repetitivo de Isócrates e outros mestres do conhecimento (magister dixit et dixit) daquela época, jamais imaginou que sua escola fosse se tornar sinônimo de templos do conhecimento em todo mundo. Hoje, as academias se multiplicam (academia de literatura, academia de ciência, academia de música, academia de arte etc., etc.), em quantidade nem sempre em qualidade.

Para fazer frente às demandas de poetas, escritores, juristas e artistas, surgiram as academias mistas que contemplam todos os ramos do saber, porém, as academias de letras têm o seu lugar e seguem, hoje ainda, o modelo da Academia Francesa de Letras (40 membros efetivos e 20 membros correspondentes), a nossa Academia Brasileira de Letras (ABL) é o nosso modelo maior.

A academia é a entidade que preserva para sempre o melhor pensamento intelectual de cada época, por isto, diz-se que os seus membros são “imortais”, ou seja, sua obra não morre. Mas, com a proliferação dessas entidades (a cidadezinha mais remota do país tem sua academia), a produção intelectual dá lugar à importância social,

econômica e política dos seus membros na comunidade, aí, não se tem um pensamento intelectual refinado, mas uma academia de notáveis sociais.

No seu livro “Farda, Fardão, camisola de dormir” Jorge Amado narra com propriedade a vaga que surgiu na ABL com a morte do acadêmico Antônio Bruno e a disputa entre o coronel Agnaldo Sampaio e o general Waldomiro Moreira para preenchê-la. Porém, o coronel e o general não têm o perfil do poeta boêmio e humanitário Antônio Bruno... O livro é uma alegoria satírica ao poder autoritário do Estado Novo. O poder discricionário de Getúlio Vargas tem influência até entre os literatos, então, Jorge Amado narra as futricas da academia metaforicamente e critica o regime getulista.

Não obstante as academias representarem o “noús” de uma comunidade, de um estado, ou de um país, elas não são vanguardistas, não exercem papel pioneiro nos movimentos artísticos, culturais e sociais. As ideias novas não nascem nas academias, mas fora delas, seu papel histórico é a preservação da memória dos seus literatos e suas produções, por isto, diminui cada vez mais o interesse de poetas e escritores de escol, concorrerem a uma cadeira na principal academia do Brasil. Mário Quintana atribuiu este fato à ingerência política: “Só atrapalha a criatividade. O camarada lá vive sob pressões para dar voto, discurso para celebridades, é pena que a casa fundada por Machado de Assis esteja hoje tão politizada, só dá ministros”. Hoje, se Mário Quintana estivesse vivo acrescentaria: “... e ex-presidentes do país”.

No interior os problemas das academias se somam, elas possuem autonomia financeira e administrativa, no entanto, não possuem receitas além das contribuições dos seus membros, geralmente, insuficientes para as despesas, quando são reconhecidas de utilidade pública, elas conseguem verbas de instituições municipais, estaduais e federais, todavia, é uma caminhada para isso acontecer, será necessário que as academias apresentem projetos factíveis e de interesse público para suas comunidades.

No ato de fundação de uma academia, os empecilhos não são menores, além da elaboração do seu estatuto e do seu regimento, o preenchimento das cadeiras, é um processo seletivo demorado para que sublitteratos não tomem conta da entidade e comprometam sua representatividade. No interior, o indivíduo produz alguns poemas menores, prosa de má qualidade, sublitteratura enfim, e, autodenomina-se escritor ou poeta e como tal quer ser reconhecido pela entidade acadêmica do lugar.

Afora os fuxicos, as intrigas sorradeiras, a difícil convivência com egos inflados, a paciência para suportar egoístas e autossuficientes neuróticos, sabedoria para

eufemizar a ascendência acadêmica desleal de alguns, as academias são lugares de conhecimento eterno e repositórios do saber. Se lideradas por pessoas de bom senso, capazes, humanas, de grandeza de espírito, as academias são indispensáveis na promoção do saber e na preservação para sempre da cultura de um povo.

5

A cultura do ódio

R. Santana

Conheci um sujeito na pré-adolescência, brigão e polêmico, pecava pela franqueza, de quando em quando, ele estava envolvido em confusão. Não entendia a causa daquelas desavenças, porque Charqueada de costume, era um negro amigo, fiel, prestativo, solidário e generoso.

Como todo ser humano, ele tinha seus defeitos, dentre esses defeitos, tinha fama de “pavio curto”, que não levava desaforo para casa e temido pelo manejo de seu “Tramontina” de 20 polegadas.

Tinha-lhe certa afeição, pelos seus causos e, por sua proteção. Certa feita, um sujeito surgiu do nada e passou beber na bodega do meu tio Pedro, quando já tinha bebido quase um litro de cachaça e estava de cabeça cheia, quis me dar o calote: alegou que tinha deixado o dinheiro em casa. Passei lhe acompanhar aqui, ali e acolá, nada de chegar ao destino desse sujeito, quando íamos à altura do DNIT (naquela época, capoeira e mata fechada cortada por um caminho), embaixo duma Jaqueira, surge Charqueada:

- Ei moço, aonde vai com este menino!? – O cara titubeou, tremeu na base (Charqueada tinha quase 1,90 m de altura, os braços enormes e musculosos), apontou o lugar: “acolá, ali perto do...”, o meliante não completou a frase, recebeu uma bofetada em cima das fuças, caiu, levantou, tomou mais bofetadas, e pernas pra que te quero? Sumiu nas perambeiras...

Um dia, eu lhe perguntei:

- Charqueada, por que tanta rixa?

- Doutorzinho, eu não mexo com as pessoas, elas que mexem com a minha pessoa!

- Compreendo...

Hoje, 6 décadas depois, não me sai da cabeça, o significado da frase de Charqueada: “Doutorzinho, eu não mexo com as pessoas, elas que mexem com a minha pessoa”. Algumas pessoas não conseguem se relacionar com outras de forma natural, são rejeitadas sem motivo, não são simpáticas, não são envolventes, por mais que se esforcem, às vezes, elas se impõem pelo exemplo, pela firmeza e coerência de suas atitudes, mas não aceitam de bom grado, elas sempre são cutucadas de graça, sem motivo significativo. Eu sou um pouco Charqueada, eu não mexo com as pessoas, elas que mexem comigo, como não sei usar um “Tramontina”, Deus deu-me o dom da caneta.

Em 2017, fui ultrajado publicamente em sites e revistas pela direção da ALITA, daquela época, minha dignidade pessoal foi achincalhada, se tenho algum mérito intelectual foi para Cucuia, eles espalharam a cultura do ódio, muitos confrades viraram-me a cara, fui taxado de “pavio curto”, "Sujeito difícil...", não participei da primeira revista histórica Guriatã, por mais que me penitenciasse, fui alijado pela entidade que ajudei fundar. O crime que fiz, foi criticar publicamente (não tinha espaço no grupo intolerante e tendencioso), a má gestão desses próceres e lhes sugerir novos caminhos no blog que administro Saber-Literário.

Por isso, surpreendi-me quando no dia 6 de fevereiro, deste ano, recebi um e-mail do escritor Cyro de Mattos, convidando-me para enviar um texto para 3ª. Revista Guriatã, de chofre, achei que o convite não passava de um “acidente”:

Cyro de Mattos

Escritor e Diretor da Revista

Guriatã

Fonte: Google

“Alitanos: Enviei no ano passado vários comunicados aos membros da ALITA para que enviassem colaborações para o número 3 de Guriatã.

Recebi apenas textos de Sônia Maron, Ruy Póvoas, João Otávio e Ceres Marylise.

Estou fechando o número 3 da revista, que suponho terá o mesmo nível dos números anteriores ou melhor.

Mantenho contato com uma gráfica para obter os custos da edição em torno de 3 mil reais, abaixo dos das edições anteriores.

Quem quiser, ainda pode enviar suas colaborações para este número de Guriatã, três páginas no máximo, ensaio, crônica, conto, menos poesia, até o dia 13 deste mês de fevereiro.” *Cyro de Mattos.*

Respondi-lhe no mesmo dia:

“Acho que este e-mail para mim foi um "acidente", pois fui "expulso" da ALITA, mas se não foi "acidente", eu tenho 168 contos publicados, poderei selecionar o mais lido e enviar-lhe” Cordialmente, Rilvan Batista de Santana

Mesmo assim, enviei-lhe um pequeno conto infantil, desprezioso, que exalta o amor filial com o título: “O Segredo”, recebi no dia 14.02, o e-mail:

“Seu texto não se encaixa na revista Guriatã, por ser de natureza infantil, destinado ao público infantil. Obrigado.” *Cyro de Mattos*

Queixei-me, sabia a priori, que meus textos não seriam publicados, ele respondeu-me:

“Lembro que seu texto Jupará foi publicado no número 2 de Guriatã. Foi publicado por suas qualidades. O autor nem sempre acerta no que escreve. Nem os grandes. Perfeito só Deus. Lerei logo este novo texto de sua autoria.” *Cyro de Mattos*

Enviei-lhe mais um texto, desta vez, não escolhi texto infantil, mas um texto filosófico e metafísico sobre o “nada”, “O cadáver”:

“E, esse, prezado acadêmico? É um texto de adulto, inclusive, filosófico: uma discussão sobre a morte”.

“Sei, a priori, que nenhum texto meu, será publicado, porém, recebi um e-mail de V. S.^a solicitando a colaboração dos acadêmicos para completar a edição da revista.

Se não for possível não será necessário responder-me...” Cordialmente, Rilvan Batista de Santana

Não me respondeu, certamente, não será publicado. A cultura do ódio ainda continua. Lembro-me que a presidente atual me disse no Shopping Jequitibá, quando manifestei meu desejo de voltar e frequentar às sessões da ALITA: “O senhor não se

sentirá confortável, não existe clima...”, e a professora Lourdes Bertol completou: “Fulano e sicrano disseram na reunião: - ele ou nós!”

Acho que eles não leram “O cadáver”, pois, lá diz:

“Ele estava ali estirado, o cadáver, o nada diante do tudo e tudo diante do nada, mas o tudo é o nada... Deus, ó Deus, onde estás que não vês o nada?! Nós todos, somos o nada diante de Ti! O nada é o cadáver, mas o cadáver já foi o tudo e o tudo um dia será o nada! O nada é o que existe..”

6

Brechó

R. Santana

Hoje, pensei fazer uma catarse, uma purificação das coisas ruins que me estão incomodando. Inicialmente, pensei consultar meu babalorixá: “agô, babá...kalofé!?” e a voz do babalorixá em meu ouvido: “Kalofé olorun, abiã!”. Porém, lembrei-me que estava devedor de oferendas e o pensamento não foi longe. Pensei procurar um padre exorcista, mas a ideia morreu no nascedouro, na minha paróquia não existe padre exorcista como Karras e Merrin no filme: “The Exorcist”. Um psicólogo freudiano, também, não seria a solução: ele só sabe ouvir e fatura em cima do incauto paciente que “vomita” suas frustrações e seus complexos sexuais, e se autoexorcisa... Pensei numa sessão de quiromancia, mas as ciganas de hoje, não são como as ciganas de antigamente. Pensei consultar um pastor, mas o seguidor de Lutero, hoje, está mais preocupado em ganhar dinheiro do que tirar os males de alguém. Pensei consultar as bruxas... mas, as bruxas atuais, deixaram a vassoura e andam de automóvel. Pensei consultar a minha mãe Iyalorixá e pedi-lhe que jogasse os búzios e consultasse os meus orixás, mas lembrei-me que estava em débito com as orações...

Porém, a solução veio por acaso ou montada numa bicicleta, explico: quando fui tirar o carro da garagem, de ré, quase atropeliei um ciclista, ele olhou pra mim, e gritou:

- Brechó!!! - tive um insight: “eu vou construir um brechó (autocatarse) de sentimentos bons, sentimentos ruins e, condutas boas e ruins, atitudes espirituosas, imorais e antiéticas”.

Não será uma loja só de trastes desgastados pelo tempo, será uma loja de produtos que nunca ficam velhos e velhos pelo uso. Na faixa ler-se-á em letras góticas douradas: “BRECHÓ”. O produto não será exposto em tabuleiros feitos por qualquer marceneiro, mas em gôndolas planejadas. Nas primeiras gôndolas, ficarão os produtos sem valor ou quase nenhum valor; nas gôndolas intermediárias, ficarão os produtos de valores expressivos; nas últimas gôndolas, ficarão os produtos nobres que a moeda de venda é o tempo.

Quero deixar um recado para os desavisados: não sou feito da argamassa desses males nem do barro dessas condutas ou atitudes, mas o homem, ao contrário de Rousseau, não nasce bom, ele é naturalmente mau, a educação é que o transforma num ser sociável. Porém, em algum momento da vida o homem é mau, se o homem não tivesse consciência de sua pequenez, que é sujeito à morte, que nem a fé soluciona a certeza da vida eterna, seria o pior dos animais.

A oração é imprescindível no processo da vida. Quando alguém ora, faz uma catarse de suas condutas más e sentimentos maus, vejamos:

“Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”

“Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”

“E Santa Maria, Mãe de Deus / Rogai por nós pecadores / Agora e na hora da nossa morte. Amém!”

Caro leitor, deixando os considerandos de lado, vamos para os finalmentes nas gôndolas:

(I) **Gôndola:** Ambicioso, antiético, capcioso, egoísta, embusteiro, impostor, imoral, maquiavélico; mau caráter, mesquinho, nerd, plagiador; traidor, tarado, safado, velhaco;

(II) **Gôndola:** Caftina, covarde, desleal, desonestidade, descarado, estuprador, falsidade, fake, falsificador, ira, invejoso, ladrão, ódio;

(III) **Gôndola:** Bruxo, discricionário, imprestável, maldade, mau, raiva, ruim;

(IV) **Gôndola:** Mal, ocioso, mentira, preguiçoso, misantropo, traição, vaidade, autoritário, fanqueiro intelectual, hackers, hipocrisia, inimigo, enganador, marqueteiro, destempero;

(V) **Gôndola:** Amigo, bondade, bom, bom caráter, bem, corajoso, ético, filantropia, generosidade, honestidade, humildade, ingenuidade, amizade e **AMOR!...**

Leitor amigo, eu fiz uma classificação empírica do que é ruim e bom em nossa vida, escolha uma gôndola de acordo seu mal ou seu bem, faça catarse das coisas ruins e agradeça ao Senhor as coisas boas.

Ah, antes de fechar este texto, leitor amigo, permita-me saudar a minha mãe Iansã, esposa de Ogum e amante de Xangô:

- Epahey Oyá!...

7

Brincadeiras de criança

R. Santana

Duas garotas de 8 ou 9 anos de idade, não sei por certo as idades, lembro-me das feições e do tipo físico: uma morena cor de jambo, cabelos castanhos até os ombros, olhos cor de mel, mãos finas, pernas longilíneas e rosto bonito; a outra, cútis branca, cabelos de espigas de milho, olhos verdes, mãos delicadas, pernas também longilíneas e rosto belo. O nome de família delas eu não me lembro, sei que a loira tinha o apelido de Pixixica e a outra o prenome Nilce. A loira era apimentada, não levava desaforo pra casa, quanto mais zangada mais bonita e, a morena cor de jambo, doce, calma, classuda.

Morávamos na mesma rua – não se podia chamar aquilo de rua, era mais um caminho que o capim morria de pisado - em casas de adobe, cobertas de telha, caiadas por dentro e por fora, um luxo, já que a maioria era de taipa e palha de dendezeiro ou açai. Os quintais confundiam-se com as matas que ficavam nos fundos das casas, não valia a pena delimitá-los com cercas de arame, com o tempo,urgia a necessidade de lavar roupa nos córregos ou nos ribeirões, então, buscar água para beber de algum minadouro nas grotas da mata, aí o arame era rompido ou fazia-se algum passadiço.

Não tínhamos brinquedo de loja. Os brinquedos eram improvisados pelos meninos e pelas meninas. Os meninos gostavam de badoque, empinar papagaio, carrinhos de madeira, brincar de gude, cavalo-de-vara, pião, mas nos divertíamos mais nadando nos ribeirões das matas próximas ao vilarejo “Fuminho”. As meninas improvisavam bonecas de pano, bambolê, jogo da velha e adoravam maquiar-se de princesa com os apetrechos de beleza das mães.

Porém, as brincadeiras ganhavam vida quando meninos e meninas se juntavam no jogo de esconde-esconde, caça ao tesouro, o mestre mandou, dança das cadeiras e amarelinha. Não havia maldade, tudo era inocência até no beijo roubado. Éramos ricos na pobreza.

Os meninos maiores, os mais taludos, beirando os 13 e os 14 anos de idade, com a permissão dos pais, embrenhavam-se nos cacauais, nas matas, à procura de assanhaço, bem-te-vi, curió, guriatã, cardeal, rolinha, canário, sabiá, araponga-do-nordeste, pássaro preto, azulão, e, outras espécies da fauna do Sul da Bahia. Além dos passarinhos, a meninada caçava tatu-canastra, saruê, cágado, teiú, preá, etc. Os passarinhos eram pra criar e as caças comidas cozidas ou assadas. Quando a tarde findava, eles voltavam das roças com os bornais nas costas abastecidos de jaca, banana, abacate, fruta-pão, graviola, jambo, e numa das mãos, uma vara de bambu com gaiolas e caças penduradas. A molecada não usava arma de fogo, no máximo, faca, facão, badoque, alçapão e visgueiras.

Criar passarinho no “Fuminho” era uma brincadeira para molecada e uma atividade séria para gente grande, gente que vivia de adestrar passarinho e fazer gaiola. Não havia uma casa que não tivesse 3 ou 4 gaiolas com passarinhos cantando e encantando e o mais disputado era o curió, depois o canário o pássaro preto e o sabiá. No casebre podia faltar o pão, a farinha ou o feijão, mas não faltava o alpiste, quando a situação apertava, os passarinhos recorriam à natureza, assim, suas criaturinhas não passavam fome nem sede.

Pele cor de leite, olhos verdes, cabelos loiros escorridos, mãos finas, esbelto, dentição perfeita, eu era mimado pelas mulheres velhas e disputado pelas meninas da mesma idade do “Fuminho”, porém, o meu coração era ocupado por Pixixica e Nilce. Claro que era amor de criança, sem maldade, a libido se manifestava em sonhos...

Ali não havia pabulagem, todos eram iguais socioeconomicamente naquela pequena comunidade, todo mundo conhecia todo mundo, todos cultivavam relações de amizade, porém algumas afinidades, algum bem-querer, algumas preferências pessoais e algumas simpatias eram diferentes: - mãe Judite tinha mais amizade com as mães de Pixixica e Nilce.

Hoje, desconheço o paradeiro das minhas amigas de infância, não sei se estão vivas ou mortas, não sei se estão solteiras, casadas ou viúvas, se estão sozinhas ou rodeadas de filhos e netos, se estão ricas ou pobres, se estão com saúde ou doente, mas elas estejam onde estiverem, sei que dói no peito e na alma de ambas, a saudade dos tempos de infância, dos tempos perdidos no tempo, as nossas brincadeiras de criança.

8

Cacau e peleja

R. Santana

I

Joaquim Santos Almeida, conhecido por amigos e inimigos por “Kinkim”, do balaústre da sua casa, olhava a beleza que ficava abaixo do outeiro, na entrada da fazenda Angicos: uma cancela, uma estrada de pedras brutas multiformes com mais ou menos 500 m de comprimento por 8 m de largura, ladeada por palmeiras imperiais, mudas importadas de longe que lhe custou “os olhos da cara”; uma enorme represa, onde gansos e patos davam o toque de beleza ao cenário e os gramados laterais arborizados completavam a visão bucólica. Tudo aquilo não tinha sido construído de estalo, mas com muito trabalho, suas terras de mata e cacau formavam um grande latifúndio, possuía terras cultivadas e incultas às margens do Rio Pardo, no vale do Rio Panelão e às margens do Rio Panelinha.

Kinkim e seu amigo Natalino Pataxó vieram para o Vargito na 2ª. Expedição liderada pelo médico José Elias Ribeiro, ambos, com um pouco mais de 17 anos de idade. Derrubaram matas, cabrocaram capoeiras, demarcaram terrenos e plantaram cacauzeiros, mataram quem lhes quis atrapalhar, construíram casebres de pau a pique entrelaçados de varas amarradas com cipós em forma de quadrados e preenchidos de

barro, casebres cobertos de piaçava, outrora, usavam as copas mais altas das árvores para passar a noite.

No início do desbravamento, eles se alimentavam de peixes, tatus, saruês, quatis, carne-seca, toucinho, dobradinhas, farinha, sal e pimenta, de quando em vez, feijão e carne de boi e carne de porco adquiridas na feira-livre do Vargito. Além de lhes faltarem recursos financeiros, sem produtividade de cacau, toda economia era bem-vinda. Anos depois, lá para o ano de 1935, eles eram ricos fazendeiros e inimigos figadais.

Kinkim tinha ambição desmedida, aumentou suas terras comprando-as por vinténs ou expulsando posseiros pelo argumento do bacamarte e do parabélum. Sovina, tudo que produzia em suas terras, o dinheiro era guardado sob sete capas. Não desperdiçava nada, até as mulheres de vida fácil do povoado Vargito não lhe arrancava dez-réis de mel coado, além do combinado.

Kinkim não gostava de cachaça, não fumava, não jogava, seu único vício, era o bate-coxa no cabaré de Maria João. Gostava de andar sozinho, dizia que “puta só e ladrão só”, ou, “melhor sozinho do que mal acompanhado”. Quando enricou, junto com o dinheiro e os bens, vieram atrás de si, muitos inimigos, por conta disto, sofreu dois atentados rechaçados por tiros fatais ao inimigo, porém, num deles, o cavalo foi morto. Daí em diante, passou ser acompanhado por jagunços guarda-costas armados até os dentes com carabinas e pistolas.

Natalino Pataxó tornou-se também homem rico, não tanto quanto Kinkim, não tinha a mesma ambição desmedida do outro, fazendeiro de 2000 arrobas de cacau que lhe propiciou ter casa em Itabuna para manter os meninos na escola e o filho mais velho foi estudar engenharia em Salvador. Também, não tinha vícios, de quando em vez, fumava um charuto para distrair-se não por necessidade.

Jovem, teve que enfrentar com clavinote e pistola, índios indolentes e jagunços travestidos de posseiros para se estabelecer, porém, intuitivamente, sempre teve bom senso para separar o certo e o errado. Sempre soube separar o pioneiro do desbravador sanguinário, não atacava, contra-atacava, rompeu a amizade com Kinkim porque ele era desprovido de senso moral, ele não separava a justiça da injustiça, “os meios justificam os fins”, com este marco, ele ceifou a vida de muitos inocentes para construir seu latifúndio.

Natalino herdou dos pais o sentimento religioso, sua mãe era papa hóstia, seu pai não ficava atrás, a Bíblia era o seu livro de cabeceira, não perdia uma missa, chovesse

ou fizesse sol, não tinha inimigos, pequeno agricultor, sua fazendola nunca foi além de 200 arrobas de cacau e, louvava a Deus todos os dias, seus filhos não passarem fome e levarem uma vida digna. Natalino saiu de casa a contragosto, ele e a mulher passaram dias na igreja orando para que nada lhe acontecesse, só relaxaram a devoção quando souberam que o filho estava no Vargito são e salvo.

Por isso, não se tomou como surpresa o misticismo de Natalino depois de maduro. No início, ingressou numa igreja evangélica, depois pelos caminhos tortuosos da vida, ele começou a frequentar um candomblé da redondeza e com a morte do “Pai de Santo”, ele assumiu os trabalhos com o título: “Pataxó Babalorixá”. Algum tempo depois, transferiu o terreiro de sua seita para sua fazenda num grande e suntuoso caramanchão.

Tinha consciência que corria perigo de morte desde que recusou, peremptoriamente, vender suas terras da fazenda Jupará para Kinkim, pois seus 150 hectares, afora a produtividade de cacau, possuía boa aguada, 30 hectares de mata, 40 hectares de pastos piquetados e, inviabilizava seu arquiinimigo estender suas terras pelo lado norte de sua fazenda. Não tinha medo dele tête-à-tête, porém, o conhecia desde o tempo das “vacas magras”, o homem era mais traiçoeiro do que corajoso, se vacilasse, ele viraria comida de urubu por algum jagunço de seu desafeto, escondido atrás de uma jaqueira ou um pé de vinhático, a soldo de Kinkim, por isto, nunca se despartou de um parabélum ou um clavinote.

II

Natalino Pataxó teve razão em alimentar por muito tempo a covardia de Kinkim, naquela manhã, “Joaquinzinho” presenciou a conversa particular do seu pai com um conhecido pistoleiro:

- Vesgo, ele vai ver a mulher e os filhos em Itabuna!
- Quando?
- Dia 30, deste mês!
- Ele tem fama de bruxo...
- Supersticioso?
- Não!
- Medo é pra maricas, rapaz!
- Eu sou homem de fé...
- Quer desistir?

- Não! – Completou:

- Não sou homem de mijar acororado, patrão!

Silêncio...

- Quanto é o serviço?

- Dez contos de réis!

- Tudo isso?

- É bagatela. Ainda lhe trago a cabeça e os colhões!

´-Tá doido, Rapaz!?

- É costume!

- Negócio fechado. Daqui a 15 dias compareça aqui, quero lhe dar uma carabina nova e munições, vá lá que surja muita gente lhe...

- Patrão, desculpe-me, mas não uso ferramenta alheia, tenho por costume fazer uma marca na coronha do meu clavinote, cada vez que eu envio um daqui pra o lado de lá! – ele mostrou a coronha da arma toda picotada.

- Até mais ver!

- Até!

III

Joaquinzinho não aprovou a conversa de Vesgo e seu pai, inclusive, tiveram uma discussão. Não compreendia aquela inimizade, pois na mocidade ambos eram carne e unha. Trabalharam como um condenado, construíram suas fazendas, até tinham casa em Itabuna para que os filhos pudessem estudar. Entendia que matar um homem só em legítima defesa, principalmente, se esse homem era compadre recíproco. Gostava do padrinho e faria tudo para evitar que ele fosse assassinado. Gostava também do seu pai, mas depois que ele começou estudar na capital, lhe reprovava o comportamento desumano, primitivo, sua ambição não tinha limite, pressentia que seus últimos dias de vida não tardariam chegar.

Mantinha boa relação com Natalino, a contragosto do seu pai, argumentava que o padre da paróquia dizia que “o padrinho é um segundo pai”, por isto, não tinha nada a ver com suas desavenças.

Seu padrinho o tinha como filho, lhe dispensava os mesmos cuidados que dispensava aos próprios filhos, até a idade de 12 anos, passava mais tempo na casa do padrinho que na casa dos seus pais, depois do rompimento de amizade dos adultos, é

que passou se encontrar de quando em vez com Natalino, portanto, vê-lo morrer numa tocaia promovida pelo seu pai, seria o mesmo o que Judas Iscariotes fez ao Cristo.

Enfim, às escondidas, seu padrinho dava-lhe uma mesada mensal para que não lhe faltasse nada em Salvador.

IV

Naquele dia 30 de junho de 1937, às 17 horas, Natalino e mais 3 camaradas, encilharam os animais para seguirem viagem até Vargito de lá para Itabuna, que se o tempo tivesse bom, eles levariam 2 dias na viagem, mesmo com trechos íngremes, riachos e ribeirões para os cavalos atravessarem, se o tempo tivesse chuvoso e relampejando, o tempo na estrada seria maior. De sua fazenda Jupará até o Vargito dista 1,5 légua, por isto, ele e os camaradas programaram sair mais cedo e pernoitarem no povoado. Além dos animais de montaria, levaram mais 3 animais de cargas que seriam usados no retorno com os caçuás de mantimentos.

Ardiloso, dessa vez não quis viajar sozinho e preparou vários artifícios para não ser pego desprevenido em alguma tocaia desde que recebeu um bilhete de Joaquinzinho: “...padrinho o senhor está na mira do clavinote de Vesgo, cuidado quando for viajar”. Por isto, quando saiu do descampado ainda dia e entrou na mata, frouxou o cabresto de uma égua e esperou sua reação, repassou as estratégias combinadas com os camaradas, à frente do grupo, um boneco tamanho homem, vestido com um capote colonial de luvas e chapéu confundia qualquer cabra por mais sagaz que fosse, não tardou a égua sair do grupo e adentrar na mata atrás de algum cavalo ali, enquanto o boneco avançava e recebia uma saraivada de balas, ao mesmo tempo, todos saíram agachados em direção contrária à linha de fogo.

Quando Vesgo entendeu que havia caído numa cilada quatro carabinas miravam suas costas, tentou reagir, mas uma bala certa despedaçou a coronha de sua arma, enquanto Natalina gritava: “A próxima será em sua cabeça, levante as mãos!” Vesgo, boca dura, quis dar uma de pistoleiro ético e recusou-se falar do mandante, então, 2 camaradas amarraram o pistoleiro, jogaram-no em cima dum cavalo, uma corda foi laçada no seu pescoço e a ponta amarrada num galho de ipê amarelo, Natalino Pataxó argumentou:

- Cabra, aqui tem 4 carabinas apontadas pra você, se quiséssemos já tínhamos lhe matado e jogado seu corpo no pasto para os urubus, porém, dou-lhe a chance de

viver se disser quem mandou me matar (ele sabia...), mas se insiste vou soltar este cavalo, você sabe o que irá lhe acontecer. Vou contar até 10:

- Um, dois, três, quatro, cinco, seis... – na casa do sem jeito, Vesgo gritou:
- Foi seu Kinkim!!!

V

Na manhã seguinte, Natalino abre a cancela da fazenda Angicos com 6 homens armados com carabinas engatilhadas, parabéluns pendentes nos arçõs da sela, peixeiras nas cinturas, numa distância prudente, Natalino Pataxó, grita:

- Kinkim! Kinkim! Kinkim! – ele aparece com dois cabras:
- Quem lhe autorizou você entrar em minha propriedade? – os cabras se mexeram, mas foram desarmados pelo pessoal de Natalino numa ação relâmpago...

- A polícia! Você conhece o sargento Barreto? – Kinkim empalideceu, respondeu:

- Não! Não tenho nada ver com a polícia, saiam de minhas terras! – O sargento não aguentou:

- O senhor está preso!
- Por quê?
- Mandou assassinar Natalino Pataxó!
- Quais as provas?
- O pistoleiro Vesgo preso, mais dez contos de réis! – ele tentou reagir, mas o sargento tirou sua arma do coldre com um tiro.
- Mãos pra cima, está preso!

Cena macabra: o temido fazendeiro Joaquim Santos Almeida em cima do seu cavalo com os punhos atados, desarmado, seus asseclas atrás, sete carabinas prontas para qualquer eventualidade, cavalgavam lentamente em direção ao Vargito. Começava, ali, a Lei dos homens ser cumprida naquelas terras do sem fim.

O “professor” explicava o uso da nova tecnologia aos 15 homens que compunham sua pequena plateia com um “Data Show” que projetava numa grande tela as imagens por dentro e por fora da transportadora “Tran\$Valores”, feitas por um quadricóptero com câmera Wiffi 4 de canais. Não que fosse uma aula de tecnologia, mas conhecer os cantos e os recantos da transportadora que eles iam assaltar, seria fundamental para sobrevivência de cada e levar a cabo o sucesso do empreendimento.

A preocupação do “professor” de usar a tecnologia e o planejamento na investida à “Tran\$Valores”, assentava-se na ideia de crime perfeito, para que não houvesse morte em nenhum dos lados, salvo, em legítima defesa. Crime de roubo, não de pessoas, o dinheiro, necessariamente, não precisava ser manchado de sangue, mas de astúcia e inteligência.

Tudo teria que ser estudado, inclusive, o inesperado, por isto, reuniu ali, naquela chácara 15 homens, escolhidos a dedo com profissões definidas: eletricista, técnico em informática, chaveiro eletrônico, especialista em explosivo, motorista profissional, além de ferramentas eletrônicas e mecânicas.

A caguetagem invadia o espírito e a mente do professor. Se algum indivíduo “amarelasse” e denunciasse às autoridades a “Operação Águia”? A possibilidade existia, mas todos estavam cientes que se alguém delatasse a operação pagaria com a vida, inclusive, algum membro querido da família, por isto, longo foi o processo de inteligência para escolha dos 15 homens.

O Dia-D sairia naquela reunião. Porém, para salvaguarda da “Operação Águia”, e partícipes, as armas e as munições serão distribuídas na hora agá. O professor adiantou aos chefes da organização criminosa que iria utilizar os simulacros de armas para orientar os sujeitos da operação que se realizará em data próxima. Seu objetivo seria potencializar todo conhecimento para que os partícipes desenvolvessem habilidades para o uso correto e rápido das armas verdadeiras.

Por isso, faz-se necessário analisar o discurso feito pelo professor aos sujeitos de sua organização:

Companheiros, boa noite:

Nós estamos do outro lado da lei, todavia, temos consciência que não somos facínoras desalmados e latrocinas. A “Operação Águia” será exitosa se conseguirmos fazê-la sem sangue, porém, tenham certeza se acontecer algo funesto com qualquer um do grupo, sua família receberá a cota que lhe pertence na operação por ato solidário.

Um companheiro que trabalha na Tran\$Valores, será decisivo na operação. Esse companheiro vai desligar a energia que alimenta o sistema de segurança, deixar o portão encostado por onde saem os carros de valores, colocar narcóticos em sucos da merenda de meia noite e avisar ao comando da organização por Whatsapp, o momento de agir. Este companheiro vai receber um pouco mais do que os demais, pois, ele é decisivo para que a operação seja exitosa. Ele já passou pra organização o cronograma de todas as atividades na empresa e a localização do cofre. Ele nos garantiu que nos finais de semana, os depósitos chegam ao montante de R\$ 20.000 000, 00 (vinte milhões de reais), afora quilos de barras de ouro e os seguranças não passam de meia dúzia, o risco maior, é que há um alarme conectado à companhia de polícia.

Companheiros, a maioria irá receber um kit com uma pistola Glock 20, calibre .40 e 2 carregadores, mais 2 granadas, um colete a prova de bala e uma toca tipo ninja. Os comandantes da organização, levarão além do kit, fuzil AK105 e submetralhadora MT 40. Os dinamiteiros cuidarão do cofre.

A nossa estratégia é adentrarmos na Tran\$Valores com 8 parceiros, dois parceiros ficarão responsáveis pelos explosivos, um eletricista, outro responsável pela informática e, os atiradores de ponta ficarão comigo, o restante do grupo ficará fora para manter a polícia distante, se numa eventualidade, os homens fardados aparecerem.

Parceiros daqui lá (usou as imagens do Data Show), têm uns 10 Km, o carro a 50 Km/h, deve levar 12 mm, com os imprevistos de 12mm a 17mm. Aqui (apontou a tela) devemos ir pela Avenida General Labatut, à direita, depois do último semáforo, ir pela Santos Dumont, pegar este atalho (na entrada, deixar para trás, uma esteira de miguelitos, na saída do atalho, postar quatro homens com submetralhadoras e granadas), 30 m depois, numa quadra enorme, é a sede da Tran\$Valores. Os senhores podem observar nestas imagens, tiradas pelo nosso drone, que ao redor da empresa não há vizinhos, existe um ralo matagal, informou o nosso parceiro de lá, que a empresa comprou todos os terrenos ao redor como medida de segurança.

Enfim, discorri em poucas palavras o plano de ação de nossa “Operação Águia”. Se alguém tiver sugestão ou reclamação, fique à vontade.

- Professor, quando e onde as armas serão entregues?

- Aqui, 1 hora antes da operação. Cada parceiro receberá uma mochila com kit: pistola, munições, granadas, colete e toca! – alguém mais falou:

- Professor, esse companheiro que trabalha lá, é confiável? Já pensou em traição, caguetagem?

- Companheiro, aqui, ninguém confia em ninguém. Só os senhores sabem em passant o plano de ação da operação que discorri na minha fala, todavia, tudo que lhes falei poderá ser mudado pela organização, daqui um instante. Há 6 meses esse vigilante é subsidiado financeiramente pela nossa organização com vultosa quantia mensal, se for um alcaguete, será eliminado sem dó nem piedade e tomaremos da família tudo que foi investido – todos concordaram com o professor e a reunião foi encerrada.

Um mês depois: Dia-D.

Às 2:00 horas, o professor e seus homens esgueiravam as laterais do muro da transportadora de valores quando seu celular vibrou: “gato na tuba com rabo de fora”, a base informava em código que havia algo suspeito, estranho ao combinado e o professor tomasse cuidado. Experiente, embora jovem, ele dividiu seu grupo em dois: o grupo que ia entrar pelo portão encostado; o outro grupo, escalar o muro, desligar o sistema de alarme e, toda fonte de energia.

Antes de lhes dispersar, o professor recomendou ao líder do grupo que o portão fosse aberto com cuidado, os homens rastejando, que ele jogasse em direção ao prédio qualquer coisa que fizesse zoada, que ele não respondesse logo aos tiros, esgotasse as balas e a imperícia dos vigilantes, depois, jogasse uma granada no centro dos tiros e aguardasse 2 minutos, seu grupo iria entrar pelo flanco direito do muro e surpreender os vigias...

O professor entendeu que a mensagem “gato na tuba com rabo de fora”, indicava que o informante havia lhe traído, todavia, por inexperiência de inteligência, tinha deixado o “rabo de fora”, ou seja, algo que o denunciava à captura de imagem do quadricóptero e aos olhos do operador, por isto, o professor mudou de última hora, todas suas estratégias de ação e fez bem.

O tiroteio foi renhido, sangrento, dos 8 vigilantes escalados para salvaguardar a empresa do perigo iminente, 4 morreram de imediato, 3 feridos graves e por ironia do destino ou covardia, o informante foi o único são e salvo que sobrou, por isto, a fúria do professor:

- Canalha está satisfeito com o resultado de sua traição!? Desde o início, reneguei o sangue... você é culpado e, ”O salário do pecado é a morte. O dom gratuito de Deus é a vida”. Você vai morrer! – o homem tremia que só vara verde. Ele foi amarrado na porta do cofre e dinamitado.

O cofre estava vazio. Lá fora, os outros comparsas mantinham os policiais distantes (não eram muitos e despreparados pra o fogo intenso). O plano de fuga foi acionado: um carro-baú fugiu com a maioria dos bandidos enquanto 2 automóveis atrás davam cobertura com fuzis Ak105, granadas e a polícia cada vez mais distante, até sumirem na bruma da noite.

Dois dias depois do Dia-D:

- Professor, tanta tecnologia, falhamos e quase morremos?

- Sim. Mas, se não fosse a tecnologia não estaríamos vivos. A natureza humana é mistério... até Jesus Cristo foi traído, não?

-Sim!

Com o depoimento da família do traidor e o depoimento de um dos feridos, o serviço de inteligência da polícia chegou à maioria absoluta dos bandidos, salvo, o professor que fugiu sem deixar rastro.

Há mil anos se diz que o crime não compensa e mais mil anos se dirá que o alheio chora seu dono com as lágrimas do bem.

Cristais Quebrados

R. Santana

Doutor Fernando D'Angelo Consetti jamais desconfiou de sua esposa Maria Eduarda, ambos tinham cumplicidade de vida invejável, ambos se amavam, ambos eram referências de casamento, ambos eram presenças obrigatórias nos eventos sociais e ambos se completavam com o amor das filhas Milena e Mariana. Porém, o destino faz surpresa que a razão condena, naquela noite, enquanto Maria Eduarda dormia, o médico Fernando Consetti, impulsionado por estranha curiosidade, pegou seu celular, no canto do sofá, e começou bisbilhotar seu Whatsapp:

“O nosso segredo está cada dia mais insuportável... Fernando e as meninas têm que saber, não dar mais para esconder, senão vou à loucura!”

“Depois que te encontrei, lamento o tempo que tivemos longe um do outro, quero dizer ao mundo quanto tu és importante em minha vida.”

“Calma! Calma! Depois da formatura das meninas, irei dar um jantar de apresentação, é difícil viver nessa farsa, todos irão nos compreender...”

“Posso comparecer à festa de formatura de Milena e Mariana?”

“Não! Como iria lhe apresentar?”

“Soube que será uma festa de arromba... ninguém daria por mim!”

“Sim!”

“Então?”

“Fernando é muito perspicaz...”

“Mas não me pedirá identificação!”

“De jeito nenhum!”

Naquela noite, Fernando Consetti não mais pregou os olhos, relutava em acreditar que sua amada esposa o estivesse traindo, mas o diálogo e as imagens do Whatsapp não lhe deixavam dúvidas: Maria Eduarda estava lhe traindo com um homem bem-apeadoado e muito mais novo! Agora, ele tinha as respostas de suas saídas pra visitar uma pobre tia paterna do outro lado da cidade, que Maria Eduarda resistia lhe apresentar com pretextos estapafúrdios.

Quando ele a conheceu seu pai já havia morrido. Sua mãe possuía uma pequena lanchonete e Maria Eduarda estudava faculdade de enfermagem, 27 anos atrás. Ambos se amaram e se apaixonaram nos primeiros encontros, simbiose de sentimentos. Ambos com trabalho e determinação construíram um patrimônio considerável e mais importante do que o material, construíram uma família linda.

Daquela noite em diante, Fernando Consetti de comportamento alegre, brincalhão, otimista, tornou-se sério, taciturno e arredio. Já não ficava nas refeições conversando abobrinhas ou conjecturando projetos com a família, sentava-se mudo e saía calado, quando Milena e Mariana cutucavam-no com o objetivo de lhe envolver nas conversas de família, ele era econômico nas palavras:

- Paizinho, já contratou o “Buffet” para nossa festa?

- Sim! – então:

- Já contratou o mestre de cerimônias?

- Não! – as meninas aflitas:
- Ainda não contratou o mestre de cerimônias, paizinho!?
- Não se preocupem...
- Sugerimos-lhe o jornalista Egydio Antonelli!
- Tá!

Suas filhas conversavam e tergiversavam, às vezes, sobre coisas que não lhes diziam respeito, a exemplo da bebedeira do vizinho, o sortudo da Mega-Sena, Bill Gates, etc., mas ele não falava nem rosnava. Sisudo estava e taciturno continuava, nada lhe cheirava nem fedia, um estranho no ninho.

Maria Eduarda não sabia mais como lhe agradecer, pois o homem gentil, carinhoso, amável, de antes, quase não lhe dava uma palavra, substituiu a doçura pela rudeza, as palavras lhe saíam de estucadas, atropeladas, quase inaudíveis, com raiva, deixando-a apavorada, aí se refugiava no quarto em choro contido e pressentimento ruim.

Pressentia que o marido havia descoberto o seu segredo e se perguntava: “Como?”, “Será que me seguiu?”, “Será que foi no celular?”, “O celular tem senha, e o trago com cuidado. Será que ele realmente descobriu? Não vejo como?...”

Uma força estranha brotava dentro de si, pressentia que algo sinistro estava pra acontecer... O quê? Não tinha resposta. Esperava que todos lhe compreendessem, pois Carlos Eduardo não carrega culpa, ela sim, escondeu de Fernando Consetti, das filhas e da sociedade que tinha outra pessoa em sua vida, portanto, era a única responsável por ter escondido das pessoas queridas o que não se esconde: o amor maior! Jurou pra si que depois da formatura, revelaria o que já deveria ter sido revelado fazia tempo e não o fez por falta de coragem.

Maria Eduarda conhecia bem seu marido, talvez ele resistisse, por amor próprio, no primeiro momento, porque ninguém gosta de ser enganado, porém, com o tempo, ele assimilaria tudo mais do que os outros, pois sabia que Fernando Consetti é mais coração do que razão. E o bom coração não alimenta ódio, mágoa, desprezo, ou, ressentimentos menores. Por isto, estava decidida por um fim naquela situação que lhe tinha dado o destino.

Milena e Mariana amavam sua mãe, mas o prato da balança pendia mais pra o pai. Ele desde cedo cuidou delas com cuidados extremos: do banho ao penteio dos cabelos. Nas reuniões da escola, ele mais do que a mãe, era presença constante. Qualquer folga no trabalho, saía e se divertia com as filhas, na rua, nos jardins, nos

parques de diversão, nas brinquedotecas, sempre com as filhas, por isto, a situação atual deixava as moças preocupadas, aguardavam a formatura pra colocar os pontos nos ís.

A deslealdade da pessoa amada talvez seja o sentimento mais pérfido do ser humano. Ninguém gosta de ser traído... A traição transforma o amor em ódio, destrói todos os sentimentos bons alimentados por uma pessoa ao longo da vida, até o traidor não justifica sua traição, mesmo em graves circunstâncias, o segredo mais pérfido, o mal absoluto, a verdade liberta.

Maria Eduarda transformou o amor de Fernando Consetti em ódio, o tempo seria o bálsamo para fechar todas as feridas, mas até lá, a deslealdade e o ódio deixariam muitos corações despedaçados, mágoas e decepções eternas. Todavia, juízos precipitados causam danos e injustiças irreparáveis.

A mansão dos Consettis parecia coisa de cinema: iluminação direta e difusa (em alguns ambientes), garçons espelhados por todos os cantos, cadeiras e mesas espalhadas à borda da piscina, cozinha repleta de servidores para que tudo fosse a contento, na parede frontal, um grande banner exibia as imagens de formandos de Milena e Mariana, Fernando Consetti se desdobrava em gentileza para ser um anfitrião perfeito e Maria Eduarda, toda graciosa, vestida à moda de Grace Kelly.

Não se podia reclamar do “Buffet”, comida e bebida de qualidades aos montões, os garçons se esmeravam no atendimento.

Música para todos os gostos, a Banda “Xis” se revezava com dois vocalistas: um com música jovem, popular; o outro, com música menos popular, afeita para homens e mulheres cinquentões.

O jornalista Egydio Antonelli cerimoniava com competência, nada saía da pauta, um vídeo lhe ajudava contar a trajetória de vida dos formandos, ambas tinham lutado pra chegar até ali, porém, os pais tinham sido decisivos, mas num trecho do depoimento, ambas destacaram a dedicação especial do pai.

A certa altura da festa, Egydio convidou os pais para falar, Maria Eduarda foi sucinta: elogiou as filhas, agradeceu aos presentes o comparecimento e elogiou o marido. Fernando Consetti fez um discurso:

“Senhores e Senhoras”:

“Os pais se realizam no sonho cumprido de seu filho. Quando o destino frustra esse sonho não sofre somente o filho, os pais sofrem mais do que o filho, hoje, o destino está do nosso lado, Milena e Mariana realizaram seus sonhos.”

“Embora ficasse lisonjeado com a fala de minhas filhas, não fui mais que minha esposa nessa caminhada, pois se não fosse seu trabalho administrativo no hospital, nas fazendas, na lida doméstica, no seu apoio emocional, jamais eu teria desempenhado bem o papel de paizão! Maria Eduarda é guerreira, é companheira e mãe estremada.”

“Portanto, nós queremos agradecer a presença de todos os amigos e amigas nesta festa, nossa felicidade, agora, nunca será empanada no que possa vir no futuro”

“Muito obrigado, que Deus lhes pague... E, Parabéns para Milena e Mariana!”

Às 3 h: 30 min do dia seguinte, os convidados deixaram pouco e pouco a mansão dos Consettis, a festa foi encerrada.

12 horas depois:

Os empregados da mansão dos Consettis estranharam os patrões dormindo àquela hora, evidente que a festa de formatura terminou de madrugada, mas não era costume o casal dormir até tarde, festa ali era constante e os patrões acordavam sem prejuízo de suas atividades de trabalho, naquele dia, os ponteiros do relógio marcavam 15 h:30 minutos, nada... Então, eles levaram suas preocupações pra Milena e Mariana.

A surpresa e o pavor tomaram conta de todos: Fernando e Maria Eduarda abraçados na cama e a caminho da eternidade... Tudo estava em seu lugar, exceto dois cálices de cristais quebrados!

Um mês depois:

Cedo ainda, o mordomo anuncia a presença de um moço às herdeiras Consetti:

- Ele deseja falar com as senhoritas!

- Quem é? – apresentou-lhes um cartão onde se lia: “Carlos Eduardo N. Souza - Engenheiro Civil”

- Mande-o entrar! – minutos depois:

- Meus pêsames!

- Obrigado! – responderam ao mesmo tempo Milena e Mariana e completam:

- Deseja o quê?
- Meu nome é Carlos Eduardo... – interromperam-no:
- Lemos o seu cartão!
- Eu sou filho... filho... filho... – desembuche rapaz!
- Eu sou filho bastardo de Maria Eduarda Nascimento Consetti!

Elas desabaram em choro, e choraram... Compreenderam que aquele segredo mantido por sua mãe por mais de três décadas, fez de seu pai vítima e assassino-suicida! Jamais a perdoariam...

11

Coala

R. Santana

No dia 26 de maio do ano cristão de 2016, encontrei-me sem querer querendo com meu velho guru Tanaguchi, no lugar de sempre: Praça Olinto Leone, no centro da cidade de Itabuna. Quando algumas caraminholas fustigam minha cabeça, recorro ao velho guru para tirar minhas dúvidas ou acrescentar mais algumas, pois como Sócrates, Tanaguchi puxa e repuxa o assunto, ele nunca esgota um tema, mas o estica sem limite para compreensão da maioria dos mortais.

- Bom dia, Tanaguchi!
- Que o dia seja bom... Mas, o que faz aqui tão cedo?
- Jogar conversa fora!
- Mas, sair de tão longe...
- Não é tão longe assim, moro do outro lado do rio Cachoeira, já não lhe dei meu endereço?
- Sim!
- Então, homem?
- Desculpe-me Narvil, mas quando se caminha para o ocaso, as pernas não respondem mais ao nosso desejo, por isto, nunca lhe visitei!

- Explica, mas não justifica. Você tem uma frota de ônibus grátis à disposição, não é tão má ser idoso!

- Já me desculpei...

- Ok! – mudei de assunto:

- Os coalas estão em extinção... – quase inaudível.

- O quê?

- O coala está em extinção na Austrália: primeiro, o homem o matava para fazer bolsas, sapatos, e outros apetrechos da moda feminina, com a proibição legal, o homem abandonou essa prática abominável; segundo, os coalas vêm sendo dizimados pelo fogo de prolongadas estiagens em seu habitat, até as folhas de eucaliptos são queimadas, deixando-os sem comida... – e completei:

- Darwin teve razão quando nos deixou crer: somos o capricho de uma seleção natural sem fim, todavia, nesse processo seletivo, o homem é o mais forte e mais predador que os outros animais - “homo homini lúpus”- e assusta, pois é o único animal que pensa. Ou não é, Tanaguchi!?

- Concordo. Mas, aonde quer chegar com esses animaizinhos marsupiais, homem?

- Tanaguchi, não se preocupe, são digressões, cultura inútil, sem nenhuma contribuição para filosofia ou ciência. Eu fui tocado por um DVD que meu neto gosta, intitulado: “Out Back”, “mundo animal”, que sucintamente, é a história de um coala (branco) diferente chamado Johny. Ele está entediado de sua vidinha de bibelô turístico da cidade e decide aventurar a vida selvagem com ajuda do macaco Higgens e um demônio da Tasmânia: Hasmih. Este trio passará por aventuras emocionantes e a vida de Johny torna-se encantadora, protagoniza muitas histórias, principalmente, com a ajuda de Higgens que questionado pelo coala: “Que devo fazer?” Responde: - Seja você mesmo!

- Ah, meu caro Narvil, sua historinha é uma mensagem de autossuficiência, de autoafirmação, de rompimento com o estado das coisas, o rompimento com a vida arrumadinha, mas infeliz, para se aventurar no desconhecido e fazer aquilo que gosta, é uma lição de vida que muitos deveriam seguir e a receita é simples no dizer de Higgens: - Seja você mesmo!

- Quando era jovem me preocupava: “Quem sou eu, de onde vim, para onde vou?” Hoje, deixei de lado esses questionamentos existenciais, estou preocupado com a vida, não com a vida dom de Deus, mas viver a vida, seus problemas cotidianos e as

relações com o outro. Todavia, jamais deixar de praticar a ética, a moral, a justiça, a partilha, a solidariedade, a amizade, a paixão e o amor. Por isto, lhe contei a história de Johny, meu caro guru!

- Concordo. O lado metafísico da vida é chato e árido, o importante é estar vivo, gozar das benesses da vida e olvidar o sentimento de culpa de Adão e Eva. Aliás, nunca entendi esse tal de “pecado original”, nascemos como uma página em branco, as nossas atitudes, as nossas escolhas e as nossas experiências vão se somando e definirão a nossa vida boa ou má. Se nós usamos o livre arbítrio para escolher o lado errado da vida, a adversidade não é destino, mas o resultado de nossas escolhas!

- Certa feita, Tanaguchi, eu ouvi alguém dizer: “eu não mexo nas coisas, as coisas que mexem comigo”, ou seja, ele se achava estigmatizado de nascença!

- Não é verdade que alguém nasce sob o signo da cruz, do destino, mas é verdade que a cruz é construída ao longo da vida. O homem quando chega ao mundo, encontra uma diversidade de madeirame, alguns escolhem a madeira mais leve para construir sua cruz; outros, não têm o mesmo cuidado!

- E, as circunstâncias acidentais?

- O mundo é de possibilidades, possibilidades contingenciais, possibilidades necessárias, possibilidades reais...

- Isso é o quê?

- Certas coisas independem de nossa vontade, a exemplo dos acidentes naturais, das doenças, de alguns sinistros, tudo tem raiz contingencial, isto é, existe a possibilidade. Existe a possibilidade necessária, que se impõe por si, não deixa de ser, existe em si, a exemplo de Deus. E, a possibilidades real, ligada à influência do meio ambiente. Não existe fatalismo, existe livre arbítrio, possibilidades...

- Há uma receita para bem viver?

- A vida não é um bolo de noiva, mas um conjunto de fatores existenciais: tristeza, alegria, expiação, provas, o bem e o mal. Viver bem é administrar a fortuna e o infortúnio com equilíbrio, ter consciência da exiguidade de nossa vida, que tudo é passageiro, que nada é absoluto (exceto Deus), que não existe tempo ruim que não se acabe nem tempo bom que dure sempre. O poeta foi feliz quando diz: “E deixa a vida me levar - vida leva eu!”

- Tchau meu amigo, nos veremos amanhã!

- Amanhã poderei não estar vivo, a morte me cobra...

Drogas

R. Santana

Gosto de conversar com Tanaguchi. Não sei onde ele reside, acho que para as bandas do Pontalzinho. Não sei se ele tem filhos, mulher, netos, sogra, sogro... a única coisa que sei é que ele é nissei e aposentado do Ministério da Agricultura. Acho que se xeretasse mais seu lado pessoal, ele se recolheria como ostra, pois japonês ou filho de japoneses, não é de muita intimidade, os orientais são cismados por natureza. Mas quando nos encontramos, saio menos ignorante, pois ele é um sábio.

Hoje, nosso bate-papo na praça Olinto Leone, foi sobre as drogas e seus malefícios. Claro, que não concluímos nenhum documento que irá nortear as autoridades governamentais do nosso país, mas assim como o beija-flor que com uma gota d'água quis apagar o incêndio da floresta, com o nosso pitaco e milhões de outros pitacos num futuro não muito distante o problema das drogas seja solucionado, que este mal não mais faça chorar tantas mães e tantos pais, aqui, ali e acolá. Por isto, vou usar do peso literário para tornar verdade as nossas ideias sobre o consumo das drogas e o narcotráfico:

-Tudo bem, Tanaguchi?

-Se a Bélgica não desclassificasse a Seleção, tudo iria bem!

-Jogo é jogo, não?

-Sim!

-Tanaguchi, a Copa do Mundo serviu para demonstrar que a Rússia, além de superpotência militar e de grande economia, seu povo é alegre e hospitaleiro. Parece que no país de Putin o controle do narcotráfico é absoluto. A preocupação do governo russo é com os terroristas políticos de alguns territórios que continuaram anexados à Rússia depois do esfacelamento da União Soviética, a exemplo da Criméia que é disputada com a Ucrânia. Lá não se viu aquele aparato militar que o Brasil instalou na Copa de 2014 para conter às ações dos traficantes e os reles assaltantes do Rio de Janeiro e de outros estados. Não se sabe o tamanho do tráfico internacional da Rússia, sabe-se que lá, a tolerância da droga é zero!

-Ufa, meu amigo! Estou estupefato com seu discurso sobre a Rússia. Não entendi, seu raciocínio: trocou o resultado do jogo pela história política da Rússia, depois, abordou o narcotráfico, afinal, você quer falar sobre o quê?

-Meu velho, seu sentimento intuitivo é aguçadíssimo, gostaria de ter esse feeling, essa percepção imediata das coisas, você tem razão, quero mesmo é falar de droga ilícita. O aliciamento de jovens e menos jovens para o mundo do crime, assusta-me e, assusta-me mais a impotência dos governos para combater o uso da droga e seu comércio. O bandido do tráfico é uma erva daninha que se espalha sem solução de continuidade, quanto mais arrancado do chão, mais brota com força no campo, por isto, acho que o Século XXI será prejudicado na história da humanidade. Portanto, gostaria que analisássemos o assunto. Concorda?

-Sim, amigo! Porém, deixo-lhe claro que não existe um remédio que cure os males das drogas. O uso de entorpecentes, psicotrópicos, transcende ao tempo de Jesus Cristo. Os escravos trouxeram de sua terra africana, a maconha (Cannabis Sativa), e os curandeiros usaram-na muito em seus ritos religiosos. Os pigmeus africanos usaram como entorpecentes a droga conhecida como iboga. A folha de coca é um alucinógeno muito usado na Bolívia e no Peru, inclusive, como chá. Os maias, os incas, os guaranis, os xavantes e os cheyennes fizeram uso de chás alucinógenos. Os povos orientais e ocidentais consumiram por demais o haxixe e o ópio. Mais recente, novas drogas industrializadas surgiram no mercado, a exemplo da LSD, cocaína, ecstasy, crack... – aparteei-o:

-Meu amigo Tanaguchi, na prática, nada acrescenta a história das drogas, é demais conhecida, produtivo, seria se pudéssemos oferecer às futuras gerações, propostas nas políticas públicas do país para que a droga fosse erradicada da sociedade, que a nossa juventude não fosse atraída para o mal, que as famílias não fossem destruídas, enfim, que os nossos filhos e o filho do outro, fossem poupados dos ardis desses animais do narcotráfico, que mais vidas não fossem sacrificadas!

-Meu caro amigo, nossa intenção foi lhe demonstrar que substâncias alucinógenas são usadas muito antes de Cristo, conforme a religião, a cultura e os costumes sociais daquela época. Hoje, essas substâncias são industrializadas, transformadas e comercializadas, não são mais usadas no tratamento de doenças, mas para alienação da realidade e fuga existencial. Acho pretensão pensar em alguma proposta para sua erradicação. As substâncias psicóticas existirão sempre, nenhuma

varinha de condão eliminará a droga num passe de mágica. Portanto, a droga é uma droga!

-Meu estimado guru, sei que é uma empreitada quase impossível, pois a droga mexe com o psiquismo das pessoas, muda o comportamento do indivíduo, também é nociva fisicamente, além de produzir toxicômanos aos milhões no mundo. Hoje, é uma preocupação de todos os poderes do nosso país, combater a produção e a distribuição de substâncias alucinógenas e punir com leis severas os narcotraficantes, todavia, torna-se cada vez mais difícil porque eles se homiziam e controlam comunidades com poder de fogo igual às polícias civis e militares!

-Meu caro, você terminou sua fala com o “xis” da questão: matar criminosos, prendê-los, apreender substâncias e fechar “laboratórios”, não irá resolver o problema da droga, acho que o caminho... – eu o interrompi:

-Qual a saída, senão, o uso da força?

-Meu amigo, “enxugar gelo” vale a pena?

-Não!

-Pois, as ações dos órgãos de segurança de combate ao narcotráfico têm se prestado a isso. Você me pediu uma opinião, vai lá: seguir o exemplo do Uruguai, Dinamarca, Colômbia, Portugal, Chile, Holanda, Bélgica, etc. Nesses países, a droga é vendida como se vende remédios de tarja preta nas farmácias, conforme a necessidade de cada um, inclusive, o governo propicia ao dependente químico, salas e praças para o uso da droga. Não existe uma política de repressão policial, de proibição, mas programas de terapia. Pouco a pouco a influência do narcotraficante se extinguirá, porém, só isso não basta, é necessária muita informação nos meios de comunicação. A mídia mostrar, diuturnamente, os malefícios do uso e da dependência dos alucinógenos, ou seja, fazer apologia às avessas do uso da droga.

Acho que o encontro com Tanaguchi foi proveitoso. Ele tem razão, as autoridades estão dando “murro em ponta de faca”, tudo que é proibido é desejado, talvez, o caminho seja a liberação da droga de forma controlada e a dependência química tratada como doença.

Deitei o “Rei” no xadrez da Academia de Letras de Itabuna – ALITA

R. Santana

Em um jogo de xadrez o “Xeque-Mate!” é pra quando o jogo chega ao fim, porém, nem sempre é assim, quando o adversário tem menor número de peças e o bom senso indica que não existe saída aí, ele “deita o rei”, simbolicamente, ele abandona o jogo, dá-se por vencido, foi o que ocorreu comigo em relação à Academia de Letras de Itabuna – ALITA: - Deitei o rei!...

Não tenho mais motivação nem força pra continuar lutando contra o despotismo e o maquiavelismo de Cyro de Mattos e Sônia Maron. O primeiro, se assenhorou da entidade, indicou mais da metade de seus membros de fidelidade canina, hoje, ele manipula todo o colegiado a seu bel prazer; a segunda, em nome de uma amizade septuagenária, endossa todos os seus atos e transfere-lhe suas responsabilidades acadêmicas.

“Deitei o rei” porque ousei ter uma postura não atrelada aos interesses de outrem, me insurgir contra o domínio da entidade acadêmica, por extensão, o domínio de seu site e da revista “Guriatã” tão bem engendradas pelo escritor Cyro de Mattos. No site e na revista, suas produções literárias são a vitrine dessas mídias.

“Deitei o rei” por rebelar-me em meu diário on-line “Saber-Literário”, contra esse domínio, contra essa maquinação, essa eminência parda, por isto, recebi no início da gestão da Dr.^a Sônia Maron, uma “advertência” protocolada e a “proibição” (ela cancelou o meu e-mail da relação de endereços eletrônicos da academia), para participar de reuniões ordinárias, extraordinárias e eventos. Mais recente, no dia 10 de março do ano em curso, a “diretoria” da ALITA publicou em sites e jornais, um “Termo de Desagravo” que me atingiu moral e eticamente, com calúnias, injúrias e termos desairosos.

Não obstante o meu “alijamento”, eu continuei contribuindo de acordo o Regimento, com 10% do salário mínimo de maio de 2011/agosto de 2017, sem faltar um mês sequer.

Abre Parêntesis:

Além de membro fundador da ALITA, fui o seu primeiro tesoureiro e cuidei com cuidado a gestão do dinheiro da entidade e fui “campeão” de presença no dizer do seu presidente. O presidente, naquela época, Dr. Marcos Bandeira, fez a instalação e posse dos seus membros, com Buffet contratado com recursos próprios, no auditório da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Itabuna – FTC, e, ainda tínhamos uma funcionária efetiva.

Marcos Bandeira não se deixou tutelar, fez uma administração ímpar, agregadora, sem sectarismo, sem intolerância, sem preferência individual, democrática. Fez com a diretoria, o Regimento e o Estatuto da ALITA, para que ela deixasse de ser uma hipótese, desejo de alguns, para tornar-se um fato, uma pessoa jurídica, assim, ele a habilitou seu reconhecimento como entidade cultural pelas autoridades municipais, estaduais, federais, e os filantropos, os mecenas da cidade.

Com a eleição da Dr.^a Sônia Maron, para presidente, perdemos ou deixaram de frequentar à academia, membros importantes do ponto de vista da cultura e das letras e das artes, o escritor e jornalista Antônio Lopes, as poetisas Genny Xavier e Marialda Jovita Silveira, Gustavo Fernando Veloso Menezes, Antônio Laranjeira Barbosa, dentre outros. Com devida vênia, a ex-juíza, Dr.^a Sônia Maron, não teve capacidade para aglutinar cabeças pensantes diferentes, produzir literatura, nem a promoção sociocultural da academia, a exemplo de doutor Ivann Krebs Montenegro, na sua coirmã AGRAL.

Fecha parêntesis

Depois da posse da confreira Silmara Oliveira, na presidência da ALITA, em 19 de abril deste ano, escrevi um e-mail e lhe solicitei uma entrevista com o objetivo de solucionar os meus problemas de relacionamento com a ALITA. Encontramo-nos no Shopping Jequitibá com sua vice-presidente, a professora Lurdes Bertol. Levei uma pasta com todos os documentos que tinha sobre a academia, embora tenha se apresentado como uma “pessoa de diálogo”, eu percebi que não haveria evolução em nossa conversa, os dignitários da direção condicionaram afastar-se da entidade com a minha presença, mesmo assim, acordamos que ficaria ciente das atividades da ALITA, que não seriam divulgadas no “Saber-Literário” sem a sua anuência. Hoje, penitencio-me da minha incompetência, fui incauto com meu gesto de humildade e aproximação,

pois ela foi indicada e sacramentada na presidência da ALITA, pelos senhores Cyro de Mattos e Sônia Maron.

Faz-se necessário esclarecer que a atual presidente, professora Silmara Oliveira, é uma pessoa competente, bem articulada, administrou com lisura e desenvoltura, o Memorial Adonias Filho em Itajuípe, todavia, politicamente, não seria a pessoa mais indicada para dirigir a ALITA neste momento, pois mora e trabalha em outra cidade, não tem trânsito livre nem é conhecida pelas autoridades locais nem pela comunidade itabunense. Evidente, ela foi envolvida com “presente de grego” por mentes ardilosas com o objetivo de continuarem no comando da entidade das letras itabunenses.

No dia 14 de julho, publiquei no **Recanto das Letras** e noutros sites de literatura um quase “ensaio” com o título: **“Digressões Literárias”**. Pelo fato do site da ALITA, as produções não são renovadas com frequência, enviei uma cópia para diretora do site, a congreira Raquel Rocha, que pra minha surpresa foi publicado, mas a minha alegria durou pouco - ainda brinquei com minha esposa: “olhe, eles publicaram” - , menos de uma semana depois o texto foi deletado. Então, enviei 2 e-mails para presidente para conhecer o motivo da eliminação do texto, tive como resposta o silêncio, o descaso.

Nesse “ensaio” fiz uma digressão, um “passeio” com os autores baianos, aqueles poetas e escritores que admiro sem nenhum estudo técnico. Deixei claro que me expressava como leitor, que outras pessoas poderiam ter outra opinião de acordo seus princípios e leituras literárias.

Rilvan Batista de

Santana

Enfim, não irei renunciar (eles que resolvam, juridicamente, a minha permanência ou não no quadro da ALITA), apenas, irei me afastar por tempo indeterminado até que os ventos mudem de direção. Não tenho mais tempo nem saúde pra ficar cuidando de egos inflados, cabeças não resolvidas e a mesquinhez do nada. Rilvan B. Santana – Itabuna, 13 de agosto de 2017

Desejo de matar

R. Santana

Ano 2016, mês de Maio, Sexta-feira 13, o “Hyundai HB 20” de Dimitri Petrovich Petrov, deslizava sem pressa na Avenida Santos Dumont na cidade “X”. Ele não tinha pressa, quase não respondia às perguntas do seu sobrinho emprestado Marcos. Marcos cuidava dos interesses comerciais de sua tia Natasha e de Dimitri. Naquele dia, ele dirigia o automóvel, enquanto seu tio ia sorumbático no banco de detrás. Para animá-lo, Marcos enchia-lhe de perguntas:

- Tio, as câmeras do hotel irão nos flagrar?

- Tomei todas as precauções!

- Como assim?...

- Segredo!

- Segredo!? Não estamos juntos!? Se o senhor não confia em mim, que Saulo Fontes fique impune, aliás, a justiça não lhe incriminou!

- Sua família contratou bons advogados...

- Então!?

- Seus advogados construíram álibis, nós os desconstruiremos. Quando ele estiver sob a mira da minha “Glock 18”, irá se borrar de medo e frouxar... – Dimitri além de médico, dono de clínica, tinha feito CPOR/NPOR, portanto, oficial do Exército da reserva não remunerada e praticava tiro esportivo.

- Concordo. Tio, eu estou com o senhor pra o que der e vier, mas tem que haver cumplicidade, não pode haver segredo entre mim e o senhor!

- Já leu a história da onça e do gato?

- Não!

- Não? A fábula encerra que o gato escondeu da onça o pulo que lhe salvou a vida!

- Não vejo a relação!

- O pulo do gato nos manterá vivo, rapaz!

- O senhor está misterioso... – Dimitri temporiza:

- Eu lhe trouxe porque confio em sua lealdade, além disto, você e Leyna foram criados juntos, frequentaram a mesma escola... – acrescentou:

- E, temos em comum a morte de Saulo, não é?

- Sim!...

Às 23,30 h, tio e sobrinho estacionam o carro no hotel “Hollywood”. O hotel estaria em silêncio se um casal jovem não o adentrasse de modo espalhafatoso, simultaneamente. Dimitri foi recebido com deferência pelo recepcionista:

- Doutor, o seu quarto é de número 308. Boa noite... – acrescentou:

- Ah, gostei da fábula que me recomendou: “A onça e o gato”, a onça já está aí, qualquer dificuldade, lembre-se do “pulo do gato”...

Dimitri preferiu subir pelas escadas, dispensou o elevador (justificou claustrofobia), enquanto Marcos usou o elevador até o 3º. Andar e o aguardou deitado na poltrona da sala. Dimitri demorou mais do que o previsto e deixou Marcos irritado:

- Porra tio, quanto tempo!?! – Dimitri não lhe respondeu, puxou-o pelo braço, abriu a porta do quarto e o empurrou pra dentro:

- As câmaras foram desligadas antes de chegarmos, não existe nenhuma imagem registrada, daqui a pouco, este andar terá um blackout de 5 minutos, tempo suficiente pra entrarmos no quarto 309 de Saulo e matá-lo!

- O tempo é suficiente?

- Sim!

- E... depois de entrarmos?

- A luz volta ao normal e teremos mais 1 hora pra fazer o serviço e sairmos sem ser vistos... – o corredor ficou escuro, Dimitri apressou o sobrinho:

- Rápido!

Não foi difícil o tio e o sobrinho entrarem no quarto 309, sem luz, usaram a tocha do celular de Marcos. Saulo dormia a sono solto, assustou-se quando o blackout terminou e Dimitri apontava-lhe uma arma:

- Leyna chora vingança...vou lhe matar, canalha! – Saulo desmaiou.

25 anos antes:

Leyna gostava da mãe, no entanto, era mais apegada ao pai: um amor freudiano, uma admiração e confiança extremas. Natasha tinha ciúmes de sua filha caçula e compensava esse amor não correspondido com o amor dos filhos mais velhos: Yuri e Ivan. A afeição que faltava na filha sobrava nos filhos mais velhos. Os meninos eram

carinhosos e prestimosos com a mãe, se lhe doesse a unha do dedo mindinho, eles ficavam solícitos e preocupados.

Leyna era o xodó de Dimitri, seu desejo era uma ordem. Seu pai, nos finais de semana, levava-a para todos os eventos infantis da cidade, casas plays, não perdia um aniversário. Nas reuniões dos pais e professores de sua escola, sua mãe quase não comparecia, mas chovesse ou fizesse sol, seu pai estava lá.

Quem censurasse o amor preferencial de Dimitri por Leyna em detrimento de Yuri e Ivan, ele apressava-se justificar: “ela é nossa caçulinha, os irmãos entendem isso, o amor é o mesmo, todos são meus benjamins”, e, era verdade, não havia preferência ostensiva, talvez, os cuidados fossem diferentes pela fragilidade do gênero feminino.

Quando Leyna completou 15 anos de idade, exigiu do pai um passeio no Disneylândia - Los Angeles - Califórnia, Estados Unidos -, o pai lhe sugeriu uma grande festa de debutante, mas ela não arredou o pé, nenhum argumento a demoveu da ideia:

- Paizinho, eu não quero festa!
- E, Yuri e Ivan?
- Virão com a gente...
- Eles estão estudando pra o ENEM!
- Então, eu, você e mãezinha, tá? – a solução foi embarcar para os Estados

Unidos, um mês depois.

Leyna foi criada como princesa plebeia e os parentes seus súditos, quando atingiu a maioridade, os cuidados da família eram os mesmos de menos 18 anos de idade: afora a faculdade de medicina, todos os passos que dava, os irmãos, o pai e a mãe vinham atrás.

Começou namorar firme com Saulo Fontes quando os cuidados demais dos pais e irmãos, tornaram-se desnecessários e constrangedores... Porém, o costume do cachimbo põe a boca torta, de quando em vez, eles apareciam onde ela estava de surpresa.

Após 25 anos:

- Filha, quem é esse rapaz?
- Somos colegas do curso de residência médica!
- Marcos me disse que é um “galinha”!...

- Marcos é um despeitado, ainda não percebeu paizinho?
- Ele lhe tem como irmã!
- Seu ciúme me incomoda... dessa boa intenção o inferno está cheio!...

- Acorda vagabundo! – Saulo acordou aturdido com as bofetadas de Marcos.

Dimitri o admoesta:

- Calma Marcos, não se humilha um homem que vai morrer!
- Isso não é homem! É um verme, e verme se pisa, se destrói... – Saulo soergue-se (a pistola de Dimitri, continua lhe cutucando), e surpreende-os:

- Eu não sou verme! Você que é mau-caráter, calhorda, dissimulado e baixo. Seu tio sabe que andava perturbando e chantageando Leyna? – Marcos deu-lhe outra bofetada, mas foi contido pelo tio:

- Endoideceu Marcos!? Você não vê que ele está mentindo pra se safar!? Não acredito numa palavra deste criminoso de mulher! – Saulo o desafia:

- Prove que fui eu que a matei? – Dimitri perde a calma:

- Rapaz, não queira zombar de nossa inteligência, todas as evidências concorrem pra lhe culpar: foi a última pessoa que esteve com Leyna, seu RG foi encontrado em cima do corpo, suas digitais estavam presentes – baixou a cabeça envergonhado -, seu esperma também foi encontrado... além de assassino, cínico!?

- Quem ama não mata! Eu amava sua filha... As provas que o senhor citou não provam nada, não se esqueça que estávamos num motel, a justiça não me incriminou... – Marcos intervém:

- Aperte esse gatilho, tio! Vamos ficar aqui nesse lero-lero, quer que o mate? – puxou a pistola.

- Calma Marcos, quer ser preso!? Guarde essa arma!

- Deixe-me dar cabo desse miserável. A polícia não terá elementos para nos incriminar!

- Calma Marcos, há um provérbio na terra dos meus pais que diz: ” "Quando o ódio e a vergonha se casam, a filha deles é a crueldade." Quero lhe torturar mentalmente até a morte... – Saulo o interrompe:

- Quer me matar? Mate-me logo, não me torture! Mas, o senhor irá se arrepender pela morte de um inocente. A polícia já tem material do verdadeiro assassino, aliás –

pega o celular na cama – tenho aqui algumas provas... - liga o gravador do celular e a voz de Leyna enche o quarto:

“Amor, Marcos vai me matar se não terminarmos o noivado...”

“Amor tenha cuidado, novamente me ameaça, agora, usa você...”

“Tenho medo que faça alguma maldade com paizinho, eles andam pra fazenda a sós..”

Dimitri era todo ouvido, um sentimento de dúvida tomou-lhe a mente: “...será que irei matar um inocente?”, “...Judas Iscariotes, junto de mim!?”, sem frouxar a arma nas costas de Saulo, grita para Marcos:

- Assassino!!! – Marcos com a arma em punho, quase chorando:

- Eu a amava mais do que esse palerma... ela não me deu ouvido... naquela noite.. quando eles saíram do motel... antes dela entrar em casa, eu a chamei pra conversar... ela resistiu, tive que lhe pegar a pulso... – Dimitri empurrou Saulo e frente a frente com Marcos:

- Vai morrer bandido!!! – Marcos puxa o gatilho primeiro, mas a arma... tac..tac...tac...tac... – Dimitri sem se mexer:

- A pistola está descarregada... entende, agora, “o pulo do gato”!? Leve pra o inferno essa lição!!! – e, dispara no sobrinho uma saraivada de tiros fatais.

Digressões Literárias

R. Santana

Hoje, acordei com o demônio socrático cutucando-me para escrever sobre os escritores e poetas baianos, em particular, os poetas e escritores regionais e itabunenses. Não com a mesma determinação de Garcia Márquez: "Quando não escrevo, eu morro. Quando escrevo, também", todavia, celebro a leitura e a escrita, diuturnamente, com gosto e prazer. Acordei com a vontade de produzir um texto “suis generis” sobre a nossa literatura tupiniquim, a priori, quero pedir licença poética e avisar aos nossos poetas e

escritores, que não é um ensaio, com referências bibliográficas, estudos aprofundados, mas um texto embasado em minhas impressões e experiências pessoais.

Também não cultivo o ritual de Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, que usava roupas de estilo com punhos de renda quando ia escrever sobre ciência da natureza. Como sou, apenas, um escrevinhador sem nenhuma pretensão literária ou científica, meu ritual é modesto: depois do desjejum, com qualquer vestimenta (quase sempre de bermuda), uma cachacinha com limão, um charuto fumegante no canto da boca, um dicionário de lado, começo escrevinhar e conjecturar sobre o mundo e coloco no papel minha produção criativa.

Não sou amante de literatura erudita que valoriza mais o conhecimento ordenado, metódico, lógico, que a produção criativa, organizada, simbólica, significativa, lúdica, com recursos literários que antecipam e vislumbram. Se um babalorixá, por exemplo, vomita num espesso livro conhecimento acumulado de sua seita religiosa, ou, outro religioso de princípio diferente exagera em sua exegese, prefiro ignorá-los, pois o pensamento flexível, metafórico, sobrepuja o pensamento lógico cheio de amarras.

Nem sempre quem faz poesia é poeta ou quem escreve texto é escritor, romancista, cronista, articulista, ensaísta, além do conhecimento intelectual, é imprescindível que o poeta ou escritor seja sensível aos elementos da realidade que, transmitidos à sua obra, são capazes de despertar emoções. Hoje, se cultiva o verso livre, não existe mais o compromisso com a métrica, com as formas fixas, com os gêneros épicos, líricos ou dramáticos, assim como as produções textuais não valorizam mais a sintaxe, a ortografia, enfim, a gramática e o estilo como antes, o importante, é transmitir o conteúdo sem censura, sucinto, comunicar-se, e que a interlocução entre pessoas flua com naturalidade... As Redes Sociais contribuem para essa nova linguagem, o Whatsapp, por exemplo, envia mensagens instantâneas, vídeos, fotos, áudios, em tempo de segundos através da Internet, portanto, a escrita erudita é de somenos importância, se não desaparecer com o tempo, certamente, será modificada.

Dentre todos os estados da federação, a Bahia é um celeiro de poetas, escritores, artistas, folclore e cultura afro-brasileira, notadamente, no interior dos candomblés. Desde o período Barroco com Gregório de Matos, “Boca do Inferno”, até os dias de hoje, o estado baiano revelou dezenas de homens de letras de primeira grandeza. Seria impossível nomear e analisar todos esses nomes, além de não ser necessário. Esta crônica pretende, apenas, analisar an passant, os poetas e escritores mais recentes: os

pré-modernos, os modernos, os contemporâneos e os regionais, ou seja, aqueles de nossa intimidade intelectual.

Não obstante Sósigenes Costa ter nascido no interior, em Belmonte, no início do Século passado, deixou uma obra poética significativa. Sua "Obra Poética" foi bem recebida pela crítica em 1959, mas foi no seu livro "Iararana" em 1979, que veio a consagração e trata do domínio da terra virgem e inóspita do cacau.

Porém, escreveu poemas com elementos simbólicos e metafóricos como ninguém: "O Pavão Vermelho", "A cabeleira da musa", "Duas festas no mar", leiamos alguns versos: ... Pavões lilases possuí outrora / Depois que amei este pavão vermelho / os meus outros pavões foram-se embora, então, na "Cabeleira da Musa": No oceano de tua cabeleira entrevejo / um porto cheio de homens vigorosos / de todos os países... e navios de todas as formas. Baudelaire. No poema "Duas festas no mar": ... Uma sereia encontrou / um livro de Freud no mar / Ficou sabendo de coisas / que o rei do mar nem sonhava...

Sósigenes, certamente, passara para história literária não como um regionalista de poucos recursos, mas um autor de riqueza poética inigualável.

O que diferencia Jorge Amado de Adonias Filho, é o despojamento linguístico do primeiro; o segundo é mais contido, mais seco, menos emoção, cultua mais a língua, tem mais apego pela gramática, menos popular, mais clássico, mas ambos são gênios universais.

Lembro-me que em tempos idos, estudante do curso médio "Científico", havia certo preconceito com Jorge Amado, aqui, em nossa terra do cacau. Os falsos intelectuais daquela época, rotulavam-no de pornográfico, literatura imprópria para menores de 18 anos de idade, pouco recomendado para pré-adolescentes e adolescentes, sublitteratura, mas após produzido para TV, "Gabriela, Cravo e Canela", pela Rede Tupi 1960 e Rede Globo em 1975, esse estigma desapareceu, hoje, Jorge Amado é lembrado endeusado aqui, ali e alhures.

Li quase tudo de Jorge Amado, seu livro "Tocaia Grande", quase o devorei, é um livro com conteúdo conhecido já explorado por outros autores: a disputa da terra pelas armas. Embora o assunto da conquista de terra já tenha sido batido e rebatido, a narrativa é inteligível, bem articulada, uma saga de lutas e incidentes.

Recentemente, li "Um baiano romântico e sensual", um livro escrito por João Jorge Amado, Paloma Jorge Amado e Zélia Gattai Amado. Os filhos e a mulher expõem a intimidade e a humanidade de Jorge Amado, desde seu encontro romântico com Zélia,

suas ideias políticas, suas viagens pelo mundo, o apego aos filhos, aos netos e, aos seus amigos: Jadelson, Carybé, Pablo Neruda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, o poeta Emi Siao, Georges Moustaki, seu editor Alfredo Machado, Carlos Prestes, Anny Claude Basset, Edvaldo Pacote e Fernando Sabino.

Esse livro fecha com o desespero de Jorge Amado quando descobriu sua deficiência visual irreversível e a conseqüente dificuldade de escrever, de produzir novos romances e a morte.

Adonias Filho morreu aos 74 anos de vida, filho de Itajuípe, fazendeiro de fala mansa, jornalista, romancista, contista, crítico literário e remanescente do Modernismo. Hoje, seus romances são traduzidos para vários países e um dos ícones da nossa literatura baiana e quiçá nacional. Ele e Jorge Amado são expressões máximas de nossa literatura.

Dentre suas várias publicações, destacam-se: Memórias de Lázaro, Luanda Beira Bahia e Corpo Vivo. O primeiro é um livro de memória literária de narrativas jocosas e ziguezagues na trama; o segundo livro, ele aborda as relações do Brasil e África através dos personagens-irmãos, Caúla e Iuta, ele, filho de Ilhéus, ela uma negra moradora de Luanda, não se conhecem e se apaixonam, nascidos dos dois lados do Atlântico, têm o mesmo pai, o marinheiro João Joanes, uma história dramática e surreal; o terceiro livro Corpo Vivo, narra as lutas e as violências nas terras do cacau. Cajango, seu principal personagem tem sua família assassinada, acolhido pelo padrinho Abílio e criado pelo índio, seu tio Inuri, cresce com sede de vingança, após formar um bando, vinga sua família e termina de mãos dadas com sua mulher Malva, depois que matou seu tio e o irmão dela, Leonel, numa serra inóspita e impenetrável da serra de Camacã.

Euclides Neto, advogado, criador de cabras, político, ensaísta, cronista e escritor, também, integra o Planeta Letras. Um homem preocupado com os problemas sociais, com a distribuição de terra, quando prefeito de Ipiauí, implantou a “Fazenda do Povo”, dizia que a Reforma Agrária era o meio mais simples de gerar emprego. Foi Secretário de Reforma Agrária no governo de Waldir Pires, porém, foi como escritor que se notabilizou, inclusive, mereceu de José Saramago o comentário: “... se sei o que é escrever, Euclides Neto é bom escritor”. Suas produções têm com pano de fundo, as relações dos coronéis do cacau e os trabalhadores.

Euclides Neto, pela qualidade e quantidade de sua obra literária, entra em qualquer lista que se faça dos escritores baianos.

João Ubaldo Ribeiro, filho da Ilha de Itaparica, cresceu em Aracaju, foi professor da UFBA. Os seus livros mais conhecidos: “Sargento Getúlio”, “Política”, “Viva o povo brasileiro”, “O sorriso do Lagarto” e a “Casa dos Budas Ditosos”.

Todavia, a bibliografia do autor é vasta: romances, contos, crônicas, ensaio, antologias, além de adaptações para TV e cinema.

Foi traduzido para o alemão, dinamarquês, espanhol, francês, hebraico, italiano e sueco.

Permita-me o leitor contar uma historinha que ocorreu comigo em Estância, interior de Sergipe, adquirei em Aracaju dois livros do escritor João Ubaldo Ribeiro: “O Sorriso do Lagarto” e “A Casa dos Budas Ditosos”. Li, logo, “O Sorriso do Lagarto”, leitura difícil entre o bem e o mal e, apressei-me para ler o outro livro pelo chamativo do título que me pareceu de base religiosa, que grosso modo, seria traduzido: “pela casa dos budas Felizes”, no entanto, a história é duma mulher devassa, libertina, que usa seu corpo para seduzir seus incautos clientes.

O escritor João Ubaldo Ribeiro apresenta, desde o início, a história como a transcrição de uma gravação que recebeu de CDL, uma mulher de 68 anos de idade, que se apresenta como lasciva, dissoluta, compulsiva consciente de sexo sem culpa: “a vida é pautada pelo apetite sexual, e se resume a foder”, o livro é um texto de perversão, de sacanagem... Embora CDL justifique que escritores e filósofos já tivessem discorrido sobre sexo sem pruridos morais e censura, o sexo é natural, é o prazer maior da vida.

Depois de lê-lo, a minha sobrinha tomou-me o livro emprestado quase a pulso, então, na casa do sem jeito, roguei-lhe que não o recomendasse aos seus irmãos menores de idade.

Não conhecia o escritor Clodomir Xavier de Oliveira, mas certa feita, eu parei numa “banca” de publicações periódicas e comecei bisbilhotar os jornais e revistas, quando me deparei com “Pulu”, a priori, não me chamou a atenção: o livro tinha algumas páginas coladas e o dorso colado com fita adesiva transparente, mas o preço e a recomendação do jornaleiro que “o livro é de um escritor de Ubaitaba”, aí, eu o adquirei.

Pulu narra a história da região cacauera na planície do Rio das Contas, uma mistura de ficção e realidade. O autor tem a preocupação de registrar os hábitos locais e Pulu, uma morena ingênua e sensual, é a personagem principal, naquele mundo de roças de cacau e jagunços das terras de Ubaitaba.

O sindicalista, o político e o escritor Clodomir Xavier de Oliveira, será incluído, decerto, na galeria dos grandes nomes da literatura regional do Sul da Bahia para

sempre, pois o seu dom ficcionista é raro, seu estilo é simples, inteligível e, prazeroso para o leitor.

Itabuna é uma terra rica de escritores e poetas. Sou um leitor contumaz, leio quase tudo, principalmente, com o advento da Internet, o acesso às produções literárias ficou muito mais fácil. Ultimamente, os poetas e escritores usam vídeos e textos nas Redes Sociais para divulgarem seus trabalhos, aí, mais fácil fica a leitura, o áudio e a imagem.

Dentre os poetas e declamadores populares, gosto de Glória Brandão, Joselito dos Reis, Adeildo Marques, Clovisnaldo Argolo, Genny Xavier, Lourival Piligra Júnior, Expedita Maciel, Gislene Marques, Donaciano Macedo e Zélia Possidônio.

Abre parêntesis:

A mídia itabunense, as academias de letras e as entidades culturais têm sido injustas com o maior escritor de autoajuda de nosso planeta letra tupiniquim, refiro-me ao escritor e jornalista João Batista de Paula, cearense de nascimento e itabunense de coração.

João de Paula é criativo e inesgotável é sua produção de textos de autoajuda. Possui uma mente fértil, uma veia cômica, é um ás da imaginação, se ele fosse burilado, tivesse um editor competente e patrocínio editorial, seria igualado aos escritores de autoestima deste país e talvez do mundo como: Augusto Cury, Daniel Goleman, Anselm Gron, Simão de Miranda, Cristophe André e François Lelord e padre Marcelo Rossi.

Pra justificar tudo que foi dito no parágrafo anterior, permitam-me transcrever o trecho de um recente texto que enviou para o Saber-Literário:

“Nada é nosso! Nem o vento, nem o sol, nem a lua, nem as estrelas, nem a terra e nem o mar. Podemos até ter o desejo de posse, ou posse deles e achar que somos os donos e proprietários. Pura ilusão!

Tudo passa e estas grandiosas coisas permanecerão como as pedras, que duram muito mais tempo no universo que vivemos.

Então, sejamos homens presentes e de boas ações, porque voga muito mais...”

Li e reli os seus livros: “Viva Bem”, “Você é importante”, “Proibido Ler (A bela face do mal)” e “A Bíblia do Inconveniente (O Impossível Acontece)”. Além disto, João de Paula é solidário, amigo, não é falso, não é esnobe, é prestativo, ele é gente de bem.

Fecha Parêntesis.

Depois da fundação da ALITA, tive contato literário com Hélio Pólvora, Florisvaldo Mattos, Aleilton Fonseca, Walker Luna e Ariston Caldas. Não os conheço com profundidade, li, apenas, alguns poemas e textos esparsos desses poetas e ficcionistas, todavia, pela biografia, pela obra, são grandes autores do Sul da Bahia e referências literárias obrigatórias.

Eles devem ser lidos e festejados pelos seus conterrâneos de Itamirim, Uruçuca e Itabuna. Hélio Pólvora morreu o ano passado, mas sempre será lembrado por suas obras e na história das academias, daqui e de Salvador. Na fundação da ALITA houve um episódio que sempre irei me lembrar: - na escolha dos patronos, escolhi Machado de Assis, meu escritor preferido, inclusive, ele é o patrono do Saber-Literário muito antes da academia de letras Itabunense. Hélio Pólvora condicionou seu ingresso à ALITA se o patrono também fosse Machado de Assis, pra não criar empecilho, escolhi Walker Luna, um grande poeta da Região.

Seria injusto, em nosso passeio literário, esquecer as trovas de Francisco Minelvino, as irmãs Marília e Jasmínea Benício dos Santos, o patriarca Francisco Benício dos Santos, autodidata, historiador, deixou: “Aquarela, recordação e autobiografia”, aos textos com graça e humor de José Dantas de Andrade, “Dantinhas”, com os livros: “Espírito da roça”, “Documento Histórico e Ilustrado de Itabuna” e “Itabuna minha terra”, Ribeiro Gonçalves e Oscar Ribeiro Gonçalves com “Jequitibá da Taboca”, Manoel Lins, Antônio Lopes, Adelindo Kfoury e as crônicas diárias e os poemas de Plínio de Almeida.

Jasmínea Benício escreveu 5 livros: “A vida cantada de Francisco Benício”, “Minha Rosa Vermelha”, “Devaneios e Saudade”, “Senhoras de Itabuna que se destacaram socialmente” e “Personagens Populares que marcaram o dia a dia de Itabuna”. Seus textos são cantos, são memórias de sua terra.

Hoje, depois de sua morte, Jasmínea começa ser reconhecida por entidades culturais de Itabuna e intelectuais, mas ela está longe de ser popular, ou seja, ser reconhecida pelo povo.

Marília e Francisco Benício produziram, também, bons textos: textos de viagem, experiências cotidianas e textos bucólicos. Acho que, Marília, Jasmínea e Francisco não ultrapassaram fronteiras, não pela má qualidade de suas produções, mas por terem produzido uma literatura lúdica, um hobby, escreveram, somente, pra colocar no papel suas experiências de Itabuna, do mundo, escreveram pra família e amigos e não para um grande público, isto é, não foram profissionais, foram sempre amadores das letras.

Uma poetisa que ficará na minha memória para sempre enquanto eu existi é Valdelice Pinheiro. Conheci Valdelice na FAFI (Faculdade de Filosofia de Itabuna), na condição de aluno do curso de Filosofia, lembro-me que muitos colegas não desistiram do curso pela ascendência da professora Valdelice Pinheiro. Não que o curso não fosse bom, mas tínhamos compromisso que atender às demandas de mercado e o curso de filosofia, naquela época, não tinha mercado.

Valdelice não é uma poetisa local, regional, mas universal. Pouco escreveu sobre Itabuna, rio Cachoeira e cacau, no entanto, ela fala de emoções, de amor, aqui, ali e acolá: - existência, origem, amor, medo, desencanto, obsessão, tristeza, alegria, Natal, Cristo, ecologia, seca...

Escreveu pouco, afora alguns poemas esparsos publicados em coletâneas e periódicos, em vida fez: “De Dentro de Mim” e “Pacto ou Como São Francisco”. Em 2014, com o apoio da ALITA e do laboratório LIDI, seus poemas foram reunidos com sugestivo título: “O Canto Contido”.

Meu poema preferido de Valdelice Pinheiro:

“Teoria da origem

Eu vim do musgo
para o clarão de todas as esferas,
Sou astro e relâmpago,
água e flor.
Caminharei nas ondas feito espuma,
serei pó de estrelas
e vento sobre o mar.
Serei alga e musgo outra vez.”

Querida poetisa será que um dia ainda iremos nos encontrar pra falar de filosofia e amor?...

Conheci Ceres Marylise há 40 anos, numa viagem de Itabuna-Ubaitaba, naqueles tempos idos, a nossa preocupação maior não era o canto dos poetas, mas repor as nossas perdas salariais e melhores condições de trabalho no magistério do estado, portanto, nós fomos em missão sindical, não em caráter pessoal. De lá pra cá, pouco nos encontramos, mas na fundação da ALITA em 2011, nós passamos ter interesses comuns e tive o privilégio de descobrir uma grande poetisa.

Em 2014, Ceres publicou seu livro: “Atalhos e Descaminhos”. O poeta Paulo Afonso Ramos foi objetivo quando disse:

“A poesia de Ceres Marylise é apaixonante pela pureza que brota em cada verso. Têm metáforas de grande envolvimento que criam uma empatia imediata com o leitor e tem a lucidez de aflorar temáticas quotidianas que são a fonte de nossa vida porque nos correm no sangue por existirmos. A emoção também poderosa que, mais que poesia, é a demonstração inequívoca de estarmos perante uma excelente pessoa com uma sensibilidade apurada.”

“Em alguns poemas nota-se um ritmo musical que fariam deles boas canções.”

Dizer mais o quê?...

Conheci Helena Borborema nos idos dos anos 60, ela ensinava Geografia e História no Colégio Estadual de Itabuna. Ela sobressaia-se de pronto pela elegância e altura (um mulherão), mas nos cativava pela doçura e inteligência. Ela levava o aluno aprender e não decorar, dizia sempre: “... o conteúdo decorado tende ao esquecimento e compromete a aprendizagem”.

Alguns anos depois, ela é secretária de educação municipal, bati em sua porta e pedi-lhe uma bolsa de estudo para faculdade de filosofia (havia passado no vestibular), além da bolsa de estudo, custeou quase todos os livros, justificava essa atitude de Mecenas, que tinha sido um dos seus melhores alunos no ginásio e não podia parar de estudar por falta de dinheiro pra comprar livro.

Helena Borborema deixou “Terras do Sul”, é uma autora bucólica, uma historiadora, cantou e exaltou a beleza do campo, exaltou os costumes e a vida dos camaradas das fazendas de cacau, compreendeu os jagunços, não como heróis, mas produto de uma sociedade perversa e primitiva. Descreveu as manifestações culturais e costumes de sua cidade: o comércio e a indústria de quintal, os mascates, os armazéns, a política dos coronéis do cacau, a euterpe da cidade, as praças, o rio Cachoeira, o folclore, as artes, os cinemas, as novas ruas que avançavam em becos e avenidas, o trem que apitava, o trem que transportava pessoas e cargas e, que eventualmente descarrilava, enfim, o progresso da antiga Tabocas, o progresso de Itabuna.

Faz-se necessário esclarecer que inclui-la no planeta letra tupiniquim não é gesto de gratidão de um ex-aluno, é o reconhecimento de sua obra, que pouco e pouco, é exaltada pela nossa comunidade e reconhecida na região que já foi do cacau.

Helena Borborema não escreveu ficção, não cultuava a poesia, talvez, pela formação profissional de professora de História e Geografia, acostumada com fatos e

datas não com hipóteses, conjeturas, porém, como Cecília Meireles, Rubem Braga e Clarice Lispector, cultivou a crônica e escreveu as melhores do dia a dia do seu tempo e botou no papel, apenas, os causos reais.

Fecho este texto, com os poetas que representam Itabuna lá fora: Firmino Rocha, Telmo Padilha e José Bastos. Na época que não havia Internet, Redes Sociais, Whatsapp, as informações não eram conhecidas em tempo real, foi incrustado numa placa de bronze, na sede da ONU, em Nova York, um poema de um poeta do interior da Bahia, de uma cidade sul-baiana um dos mais significativos poemas da humanidade: “Deram um fuzil ao menino” de Firmino Rocha:

Deram um Fuzil ao Menino - Firmino Rocha: Adeus luazes de Maio / Adeus tranças de Maria / Nunca mais a inocência/nunca mais a alegria / nunca mais a grande música / no coração do menino / Agora é o tambor da morte / rufando nos campos negros / Agora são os pés violentos / ferindo a terra bendita / A cantiga, onde ficou a cantiga? / No caderno de números / o verso ficou sozinho / Adeus ribeirinhos dourados / Adeus estrelas tangíveis / Adeus tudo que é de Deus / DERAM UM FUZIL AO MENINO.

Telmo Padilha foi um poeta e jornalista itabunense de mancheia, agraciado com vários prêmios literários, aqui e lá fora, traduzido na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em França, na Alemanha e no Japão. Telmo deixou uma obra vasta (Girassol do Espanto, Onde tombam os pássaros, Pássaro da noite, Canto Rouco, o Rio, Noite contra noite, etc.), passeou com facilidade em vários gêneros literários, 20 anos já passaram de sua morte, mas ainda é hoje é lembrado nas academias, nos centros de cultura, nas faculdades e no coração do povo simples.

José Bastos é o nosso poeta parnasiano, nasceu no Arraial de Água Preta atual Antique. Seu único livro: “Hora Lírica”, foi reeditado no Cinquentenário de Itabuna. “José Bastos”, hoje, é nome da praça e de rua. Morreu com 32 anos, vítima de tuberculose. Sua poesia é um louvor à natureza, da utopia, da estética do belo.

Enfim, este documento não é um ensaio com referência, autores e datas, para mim, é uma crônica histórica refletida das minhas experiências, quando necessitei de alguma fonte, fi-la com aspas. Tive a pretensão de registrar os escritores e poetas baianos que na minha visão e reflexão são os melhores. Claro que não encerra em si este texto, nem é verdade absoluta, outras pessoas devem ter outras preferências literárias, outras leituras...

Eu não gosto de Félix

R. Santana

Nada contra o ator Mateus Solano, aliás, ele desempenha o papel de homossexual com tanta desenvoltura e graça com os seus ditos religiosos que prende o espectador do começo ao fim mesmo que não seja aficionado por novela na TV, mas não gosto do que Félix personagem representa para juventude incauta brasileira. Todavia, não é o primeiro personagem gay televisivo que capta a simpatia duma parcela ingênua da sociedade que não percebeu ainda que os autores noveleiros têm por objetivo “destigmatizar” e “eufemizar” as relações homoafetivas, pois é de conhecimento de todos que alguns autores, atores, atrizes e diretores são homossexuais assumidos ou enrustidos. Eles comungam com o pensamento de Oscar Wilde que a vida imita a arte e não o contrário.

Não é necessário ser beato ou xiita para saber que a homossexualidade é reprovada por Deus: “Se um homem usar com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometeram uma torpeza abominável; serão punidos de morte e sua morte recairá sobre eles.” (Levítico 20,13). No islamismo a homoafetividade também é condenável, em alguns países muçulmanos, o homossexual é punido com a pena capital, outros países são mais tolerantes e a morte é substituída por castigos severos. O efeminado

ainda é reprovado em outros textos bíblicos: “Acaso não sabeis que os injustos não terão parte no reino de Deus? Não vos iludais: nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas...” (I Coríntios 6, 9-10). É procedente e oportuno registrar, também, a ira de Deus com os habitantes de Sodoma e Gomorra.

Hoje, essas citações bíblicas são consideradas irrelevantes, coisas remotas, distantes, fantasia da história, fábulas, parábolas, princípios morais obsoletos, recursos disponíveis naquela época para educação dum povo primitivo e duma sociedade e estado desestruturados e inaptos, porém, não se pode negar que com todos os avanços da sociedade moderna, a homossexualidade ainda é uma perversão moral imposta e não aceita espontaneamente, se a homossexualidade fosse uma opção sexual natural, sem preconceito, não seria necessário de leis para proteção de homossexuais contra a fúria de heterossexuais intolerantes.

Desde 1990 que foi comprovado que a homossexualidade não é um “transtorno mental”, uma “inversão congênita”, uma anomalia da natureza a exemplo da partenogênese e do hermafroditismo, mas uma opção sexual do indivíduo, o homossexualismo não consta na relação internacional de doenças da Organização Mundial de Saúde – OMS, nem nos programas de políticas públicas de saúde dos municípios, estados e união. O homossexual é um sujeito saudável com prerrogativas e deveres como qualquer outro cidadão e deve ser respeitado e integrado à sociedade, portanto, não é justo que lhe dê uma legislação diferenciada em detrimento dos demais.

A homofobia também não é aceitável sob os aspectos humanos e jurídicos. Não se pode violentar ou discriminar o indivíduo pelo fato dele ser homossexual. A agressão física e a agressão moral não se justificam sob nenhum pretexto nem no homossexual nem no heterossexual, o agressor deve ser responsabilizado e apenado. Os direitos humanos são para humanos cidadãos não para bandidos e malfeitores. As ideologias radicais raciais, sexuais e os preconceitos não subsistem no mundo democrático de hoje. Todo homem deve ser respeitado e amado de

maneira cristã independente de sua opção sexual, de sua raça, de sua idade, de sua condição física, de sua religiosidade e de sua posição social.

Entretanto, reprova-se não a homossexualidade em si, é uma conduta efeminada de alguns homens desde os princípios dos tempos... Quem leu a “Crônica escandalosa dos 12 cézares” e os livros de Platão, onde Sócrates se manifesta contra os homens efeminados, irá perceber que é impossível insurgir-se contra essa chaga humana que há séculos subsiste, é como disse Jesus Cristo a Saulo: “... Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões” (Atos 9, 4-5), todavia, gozando do mesmo princípio democrático que eles, é ignomínia social o “casamento” gay, a adoção de crianças e a figura jurídica de “União Estável”, os mesmos direitos da previdência pública de um casal convencional e a concepção de uma nova família.

Hoje, é chique ser gay! Certas profissões são estigmas dessa opção sexual que os profissionais de sucesso, geralmente, são homossexuais ou representam bem esse papel, a exemplo de cabeleireiros, estilistas, cozinheiros, dançarinos clássicos, atores, atrizes, cantores, cantores, etc., etc. Alguns se jactam que gostam de homens e mulheres, são os bissexuais, marido da mulher e mulher de todos os maridos. É comum, artistas em declínio tornar público sua opção sexual invertida com o objetivo de chamar a atenção de seus incautos seguidores e não sair da mídia televisiva, jornais e revistas específicas de gays, lésbicas e simpatizantes, os famigerados GLS.

A caricatura de Félix seria engraçada se não houvesse uma mensagem subjacente do autor com o objetivo de maximizar, “destigmatizar” e “eufemizar” as relações homoafetivas, torná-las mais naturais, mais aceitáveis e minimizar os preconceitos. Quando se iniciou na TV essa campanha, em particular nas telenovelas, dramatizar e falar explicitamente da relação homoafetiva, havia certo cuidado no enfoque e nas cenas do assunto para não traumatizar o espectador, mas à medida que o tempo passou, hoje, exagera-se no trejeito dos atores e nas cenas obscenas. Ultimamente, os autores estão empurrando goela adentro da nossa sociedade que o

modelo de família tradicional está perto do fim, agora, já não é pai e mãe, mas pai e pai ou mamãe e mamãe.

A corrupção de costume, princípios éticos relegados, vicissitudes, libertinagem, desregramento e a falta de Deus têm contribuído para degradação moral e o esfacelamento de muitas famílias. A promiscuidade sexual além de ser um risco para saúde, as relações dissolutas atraem a droga e a bebida. A droga, hoje, é o câncer que pouco e pouco toma conta da sociedade e preocupa os governos de todos os níveis que se esforçam com políticas de saúde pública para atender a demanda.

Portanto, Félix não é bom exemplo para juventude por mais que seja caricato e engraçado. O autor de teledramaturgia não explora as relações homoafetivas, somente, para aumentar os índices de audiência no IBOPE da empresa televisiva que trabalha, é que a TV ainda é a maior vitrine que se pode ter para difusão instantânea dessas ideias e imagens e o meio de comunicação mais visto e mais popular. Caberá à sociedade filtrar o joio do trigo e não aceitar todo lixo eletrônico.

17

Feira Livre

R. Santana

A feira livre é a maior expressão de cultura popular. A feira livre tem literatura de cordel, grafiteiros, CDs e DVDs de todos os cantores, de todos os gêneros, além de DVDs de histórias infantis vendidos nas barracas: Chaves, Chapolin Colorado, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Os Três Porquinhos, Pinóquio, Rapunzel, Frozen e todas as histórias dos irmãos Grimm, filmes policiais, cowboys e filmes românticos.

A feira livre do São Caetano, bairro da cidade de Itabuna, talvez, seja a maior feira livre do interior da Bahia, mais que as feiras de Alagoinhas, de Feira de Santana,

de Santo Antônio de Jesus, de Vitória da Conquista, pois ela é permanente, de Segunda-feira a Domingo, inclusive, feriados e dias santos.

A feira livre do São Caetano, certamente, não é maior do que a Feira Central de Campina Grande, nem a feira livre de Caruaru, a maior feira ao ar livre do Brasil, mas tem tudo pra chegar lá.

A feira livre são-caetanense está situada numa área de mais de 20.000 m², suas bancas e barracas são distribuídas pelas ruas: Cosme Damião, São João, Potomiano, as transversais, e, a praça Dr. Simão Fiterman. Ela possui uma área coberta com estrutura de zinco e “metal galvanizado”, onde ficam os restaurantes, os bares, os pequenos frigoríficos, os açougues, as mercearias, as barracas de farinha e, no entorno, lojas de roupa, mercados, lojas de calçado, armarinhos e oficinas de conserto e venda de celulares e acessórios eletrônicos.

Os feirantes de frutas e verduras usam ao longo das ruas para distribuir suas bancas. Ali, o fereiro encontra tomate, berinjela, abobrinha, pepino, pimentão, manga, morango, açaí, jaca, mamão, coco verde, coco seco, todo o tipo de banana, limão mirim, limão rosa, todo tipo de laranja, pera, uva, maçã, jambo, etc.

A quantidade de verduras e legumes é grande: brócolis, cará, couve, feijão, jiló, maxixe, nabo, salsa, alho, cebola, cebolinha, mostarda, taioba, salsão, repolho, espinafre, grão-de-bico, lentilha, milho verde, amendoim, quiabo, cenoura, batata doce, batatinha, aipim, inhame, rúcula, agrião, e, um sem número de verduras e legumes.

As barracas de bolo de aipim, de puba, de beiju, de milho, doces e guloseimas saciam os pirralhos. Os adultos preferem as frituras: os pasteis, os quibes, as coxinhas e batatas fritas e acarajés. Ali, na feira livre do São Caetano, não faltam sucos de acerola, de limão, de laranja, caldo de cana e água de coco.

Quando é meio-dia, os empregados de lojas e mercados vizinhos correm para os restaurantes da feira livre caetanense e existe ali uma variedade de comidas para todos os gostos e preços. Claro que no cardápio não há filé mignon assado ou à parmegiana, mas carne no feijão, farofa amanteigada, dobradinha, ensopado, carne suína, carne de carneiro, feijão tropeiro, churrasco, caldos, arroz e macarrão.

Nos dias de sábado e domingo, a frequência é de mais de 10.000 fereiros, do centro da cidade itabunense, de outros bairros, de outras cidades, de quando em vez, turistas de outros estados ou de outros países. O enxame de gente é grande. Quando a feira é pra perto, usa-se a galinhota como meio de transporte, quando a feira é levada

para outros bairros ou o centro da cidade, o fereiro mais aquinhoado usa o automóvel e o pobre vai de buzu.

A partir de Sexta-feira, as entradas das ruas e as transversais são fechadas por bancas de pequenos agricultores que descem de suas roças em animais com caçuás repletos de verduras e frutas, alguns alugam camionetes porque grande é a quantidade de produtos agrícolas.

As donas xepas deixam para ir à feira livre quando restou, somente, ao feirante, sobras de verduras ou de frutas e a queda dos preços se faz necessária, segundo a “Lei da Oferta e da Procura”, os produtos não perecíveis, a exemplo de farinha, do coco verde, do coco seco, dos óleos de coco e dendê, as carnes acomodadas em frigoríficos, as carnes salgadas e alguns cereais não vão à queima, ficam para final de semana vindoura ou vendido durante a semana.

As carnes são variadas: carne fresca de boi, carne de frango in natura, frango e galinha caipira vivos, carne de porco, carne de carneiro, dobradinhas, caças, jabá e carne-de-sol, além de peixes de todas espécies, caranguejos, camarões e pitus.

Os furtos e os roubos não prosperam, embora os produtos sejam cobertos por lonas plásticas e amarrados em suas bancas com cordas de “nylon”, de segurança vulnerável. Porém, a organização do feirante mantém vários vigilantes armados que rondam a feira livre toda noite, impedindo assim, as ações de meliantes.

O fato de barracas fixas, pouco e pouco, elas são usadas como moradia e lugar de perdição, corrupção e vícios.

A feira livre são caetanense não é contemplada como deveria ser com medidas efetivas do governo municipal de saneamento (fica à beira de um canal de esgotamento sanitário), limpeza e organização: o canal urge cobertura, a limpeza deveria ser diuturna, as barracas padronizadas, fiscalização e normas duras de higiene com o objetivo de evitar os desleixos e a falta de consciência comunitária da maioria dos feirantes.

Enfim, mazelas corrigidas, a feira livre do São Caetano, bairro itabunense, é a maior e mais atrativa do interior baiano, lá tem tudo, não levará tempo, o fereiro aquinhoado irá encontrar “stands” de venda de carrinhos de bebê, de motos, de bicicletas, de automóveis, de tratores e caminhões.

Fonsequinha

R. Santana

Foi um homem santo e pecador. Santo, porque não tinha a maldade dos maus, mas a bondade dos bons. Pecador, porque usufruiu como ninguém dos prazeres da carne e da vida. Seguiu à risca o conselho do poeta Vinícius de Moraes em relação à vida afetiva: “Que seja eterno enquanto dure”. Senhor de harém, homem volúvel, teve muitas mulheres e uma penca de filhos, cuidou dos filhos e das mulheres todo o tempo com responsabilidade e amor, além de um pai presente.

Homem simples de voz arrastada e sonora, trabalhador, amigo, prestativo, sempre preocupado com o outro e, de amizades duradouras. Não tinha tempo para alimentar inimizades, seus inimigos eram gratuitos, não declarados, mais por inveja do que por quaisquer outros motivos escusos. Nas suas relações políticas partidárias, justificava: “... em política, não há amigos incondicionais nem inimigos irreconciliáveis”. Ele elegeu-se duas vezes ao legislativo itabunense.

Poder-se-ia, hoje, considerar Fonsequinha um pequeno empreendedor, teve olaria, pedreira, caminhoneiro, mercadinho e fundou e loteou o “Fonseca”, bairro popular itabunense. Esse loteamento foi regido pela cobrança de aforamento e não a venda definitiva dos terrenos. Fonsequinha empreendeu esforços políticos consideráveis para que autoridades municipais e estaduais levassem ao novo bairro, serviços básicos de saneamento, luz e água. A fundação do “Bairro Fonseca” visava, naquela época, atender à demanda de um segmento menos favorecido da sociedade com a construção de casas populares e não de lucro imobiliário.

Porém, mais do que por vocação comercial, Fonsequinha trazia na alma e no coração, a vocação política, não ideologia política, poder político, mas política como condição **sine qua non** para desenvolver políticas públicas que atendessem às necessidades primárias do povo. Por isto, foi várias vezes candidato ao legislativo itabunense nem sempre com sucesso até se eleger por 2 mandatos consecutivos.

Fonsequinha não era homem de briga, mas de enfrentamento: “...dou 1 boi para não entrar e 10 bois para não sair”. Com o assassinato em Dallas (1963), Texas, do presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, os políticos do país, os puxasacos dos norte-americanos, batizaram com seu nome, ruas e bairros, aqui, em nossa terra tupiniquim, não foi diferente, o vereador Antônio Calazans apresentou na câmara municipal um anteprojeto para mudar o nome do bairro: “São Caetano” para “John

Kennedy”. O vereador da proposição justificava que Kennedy havia criado o programa “Alliance for Progress”, “Aliança para o Progresso”, cujo objetivo seria incentivar o desenvolvimento econômico e social latino americano.

Antônio Calazans era um político tupiniquim, ladino, manhoso, conseguiu convencer seus pares para que o anteprojeto avançasse e, no máximo, em 2 sessões, fosse aprovado e enviado à sanção do prefeito. Fonsequinha liderou o descontentamento dos bairristas, ocupou as ruas da prefeitura e ocupou, parcialmente, o plenário da Câmara de Vereadores enquanto na rua ouvia-se o som de charanga tocando o Hino Nacional e discursos inflamados.

A proposição foi aprovada por maioria absoluta e enviada para o prefeito Alcântara, um político populista, jamais ficaria contra o povo, entretanto, não queria desagradar os vereadores, convocou os líderes do bairro, dentre eles, Fonsequinha, depois de muita discussão, Antônio Calazans foi convencido retirar o projeto e apresentar uma emenda que ao invés da mudança do nome de São Caetano, John Kennedy, passaria ser o nome de sua principal avenida, portanto, Alcântara agradou aos gregos e aos troianos e foi inaugurada à Avenida Kennedy que vai da princesa Isabel à BR-101.

Fonsequinha foi importante, também, na implantação da rede de energia elétrica (nos primórdios do São Caetano, as famílias usavam o candeeiro ou o Aladim), da rede de água tratada (assim como não havia energia elétrica nas casas e nas ruas, não havia água encanada, os reservatórios eram abastecidos por água de chuva e os potes por água de cisterna). Hoje, alguém pode até pensar que não foram grandes feitos, mas, naquela época, foram lutas, discursões e ações políticas para que esses serviços fossem implantados na comunidade.

Embora de partidos diferentes, Fonsequinha reivindicou do prefeito Simão Fiterman (1973/1974), aberturas de novas ruas nos bairros: Fonseca e São Caetano. Essas novas ruas alavancaram o desenvolvimento desses bairros com saneamento básico, construção civil, energia elétrica, água encanada e o tráfego de automóveis e caminhões.

Quatro décadas depois, São Caetano, hoje, é uma cidade dentro da cidade de Itabuna, aqui, é a sede administrativa municipal, bancos, igrejas, colégios, escolas infantis, mercados, consultórios médicos, odontológicos, posto de saúde, casa de material de construção, frigoríficos, feira livre e uma população de mais de 30.000 habitantes. Todo este progresso foi devido ao trabalho de muitos homens e mulheres

que ficaram no anonimato, mas de homens que jamais serão esquecidos, a exemplo do inesquecível vereador Eduardo Fonseca, o Fonsequinha.

O homem é o agente da História, todavia, a História é feita por homens bons, os homens maus não constroem, destroem, a título de ilustração: qual foi a contribuição para humanidade de Hitler, Goebbels, Himmler, Franco, Mussolini, Muammar Kadafi, dentre outros? Nenhuma. Os homens maus passam e deixam um rastro de maldade que leva muitos anos para ser apagado.

Por outro lado, os homens bons não morrem, cristalizam-se no tempo. Homens e mulheres a exemplo de: Albert Sabin, Santos Dumont, Christian Barnard, Irmã Dulce, Florence Nightingale, Madre Teresa de Calcutá, Robert Koch, Freud, dentre outros. Fonsequinha, resguardando as proporções históricas, foi um benfeitor tupiniquim, não deixou nada escrito, nenhuma descoberta científica, mas deixou o exemplo, pois “a palavra voa, a escrita fica e o exemplo permanece”. Seu exemplo permanecerá para sempre na memória da comunidade do São Caetano e Fonseca, sua história passará de geração para geração.

19

Judite

Quando a conheci nos últimos anos da década de 70, ela já era uma mulher madura, deveria ter uns 45 anos de idade. Altura mediana, forte sem ser gorda, de pele trigueira, cútis lisa, sem marcas de expressão, olhos esverdeados, um sorriso solto e uma predisposição inata de servir quem quer que lhe procurasse, não importava o dia e a hora. Ninguém do Jardim Primavera, jamais lhe ouvira dizer: - não! – parecia que seu tempo era superior ao tempo dos demais mortais. Ninguém nunca lhe vira doente ou com queixumes.

Os adultos e os mais velhos chamavam-na de “dona Judite”, a molecada de “tia Judite”, os mais íntimos, de “mãe Judite”. Todos respeitavam-na. Não tinha filhos legítimos, mas era a mãe legitimada daquela meninada circunvizinha. Às vezes, sua casa estava alegre, em polvorosa, com vários moleques, comendo e brincando. Quando havia necessidade, ralhava com dureza de mãe e coração de avó:

-Pedrinho meu filho, você vai quebrar o espelho com essa bola! – era sua bronca

Pouco se sabia de sua origem. Sabia-se que tinha ficado viúva ainda nova, de um funcionário graduado do governo federal e jamais quis contrair novas núpcias. Não foram poucos os pretendentes que deram com a cara na porta, quando não sabiam distinguir o interesse homem e mulher numa amizade.

II

Falava-se que era filha de uma rica e tradicional família do Rio Grande do Sul. Fazia 10 anos que se mudara para cidade de Itabuna, interior da Bahia. Quando chegou do Sul foi morar com o marido (recém aposentado), no município de Camacan, na rua de Mascote, centro da cidade, numa confortável e aprazível casa. Tinham sido atraídos pela fama do cacau. Aposentado, o marido dela, o Sr. Júlio Medeiros, tinha comprado uma propriedade rural nesse município, com a intenção de investir os recursos economizados na vida pública e não ficar ocioso. Mas, não afeito às carraSPANas do campo, morreu dois anos depois de febre tifóide. Sozinha, vendeu os bens e mudou-se para Itabuna.

No final de cada ano letivo, ficava com a casa cheia de sobrinhos e sobrinhas que costumeiramente, vinham passar as férias na casa da tia “baiana”, apelido carinhoso por ter adotado a Bahia e não o Rio Grande do Sul, para viver e morrer. Quando cutucada, justificava:

-Quem bebe a água dessa terra, fica presa por um cordão umbilical invisível. Vocês depois de formados mudarão pra aqui de mala e cuia. Duvidam? – os sobrinhos ficavam calados.

III

Hoje, mais de três décadas depois, acho que dona Judite era uma santa. Não sou santófilo - não sei se existe este termo, se não existe, estou adicionando à língua, afinal, isso não é apanágio só de Guimarães Rosa, os pobres mortais também têm esse direito -, ou seja, não acredito que alguém beatificado e canonizado, torne-se santo a oferecer

graças e milagres, mas acredito numa vida santa e testifico-lhe, depois de tanto tempo, que essa mulher teve uma vida santa.

Era católica sem ser piegas. Ia à igreja quase todos os dias, mas sem farisaísmo, ia porque gostava de viver em oração, não para demonstrar ao vizinho da frente ou de lado sua religiosidade. Ia como se estivesse assegurando os ensinamentos proféticos que a fé sem a obra é inócua.

Judite tinha uma missão. Não a missão de sua xará judia que decapitou a cabeça de Holofernes para libertar Betúlia e por extensão seus irmãos de raça. Mas, a nossa Judite teve a missão de matar a fome dos necessitados, minorar o sofrimento dos doentes, enxugar as lágrimas dos desesperados, levar conforto ao idoso, sorriso à criança, companhia ao solitário e ajudar alguém encontrar o seu caminho, usando a arma do amor.

Tinha uma vida discreta, sem ostentação, quando alguém lhe questionou por que não fundava uma instituição para atender maior quantidade de pessoas, respondeu:

-Não sei lidar com essas coisas, além disso, teria que conviver com políticos que não comungam com os mesmo ideais e que não são solidários com os menos favorecidos. Não tenho vocação política. – o interlocutor insistiu:

-Dona Judite, é ficar em cima do muro e apoiar o vitorioso.

-Meu filho, não é preciso. Deus dá o frio conforme o cobertor. A minha solidariedade é do tamanho do meu merecimento, se não faço mais pelo meu semelhante é que o meu merecimento não condiz. Alguns abnegados usam esse disfarce político em nome da caridade, porém, falta-me jeito, não tenho coragem...

IV

O dia despertou normal e alegre. Cedo ainda o sol já penetrava nas frestas das janelas e das portas da maioria daquelas casas populares do Jardim Primavera. Judite não esquentava cama, levantava-se todos os dias mais cedo do que suas duas auxiliares da labuta doméstica. Não tinha marido e nem filhos para cuidar. Podia se dar ao desfrute de acordar com sol a pino, mas por mais que desejasse gozar desse ócio não conseguia.

E, se o hábito é uma segunda natureza, Judite, chovesse ou fizesse sol, às 5 h, já estava em pé no trabalho da casa.

Pela manhã, Judite socorreu uma vizinha, que deixou o seu filho mais novo aos seus cuidados, enquanto ia ao hospital cuidar da saúde do mais velho. Era comum suas vizinhas, principalmente as que tinham filhos menores, socorrerem-se dela. Doida por criança, sublimava suas frustrações por não tê-los tido, emprestando seu colo aos filhos daquelas mulheres que precisavam atender suas eventuais necessidades. Noutro dia:

-Comadre Judite, você fica com Marquinhos enquanto irei participar de uma entrevista de emprego da CACAU & CHOCOLATE S.A.?

-Comadre Maria, não precisa pedir. Se eu não estiver, deixe-o com as meninas, quantas vezes forem necessárias, já lhe disse! – ela não tinha problema, tinha solução.

O dia já entrava no crepúsculo vespertino, quando alguém toca a campainha de sua casa, gritando socorro:

-Dona Judite!!!... - ela saiu dos fundos reclamando:

-O quê foi Paulinho? Quer me matar de susto, seu diabinho!...

-Mamãe mandou chamar a senhora. A casa de dona Flor está fumaça pura, parece que estar pegando fogo!... – fez o moleque esperar somente o tempo de vestir uma calça e trocar as sandálias por um sapato fechado – Vamos Paulinho! – saíram em debandada.

Havia mais fumaça do que fogo. Alguém já tinha ligado para o Corpo de Bombeiro. A casa ainda continuava fechada e o pessoal atônito, receoso em invadi-la. Parecia que não havia ninguém no imóvel, ledô engano... Quando o fogo começou colocar a língua de fora, eis que surgem dona Judite e Paulinho. Ele, com um palmo de língua do lado de fora como um cachorro cansado; ela, esbaforida, cansada, porém, num relance de olhos, juntou as energias latentes que tinha e começou dar voz de comando:

-Vamos amigos!!! – e, num gesto felino pulou o muro.

O exemplo fica. Os indecisos começaram também, pular o muro da frente, o que separava a casa da rua e sem muita dificuldade, adentraram no seu interior, seguindo os passos, o exemplo e a voz de comando de dona Judite.

Porta e portão escancarados, sem muita organização, mas com excesso de solidariedade, latas e baldes de água foram jogados no fogo que teimava em se arrefecer, em certos cômodos, apresentava-se com mais entusiasmo. Porém a turba não deu moleza, minutos depois, que pareceram infinitos, o mal estava debelado. A fumaça é que ainda resistia deixar o ambiente.

Judite conhecia a casa de olhos vendados, não foi difícil descobrir donde vinham um choro desesperado e uns gritos de socorro e, com ajuda de dois ou três voluntários, arrombaram a porta de um dos quartos dos fundos da casa. Ainda não havia fogo, porém, a fumaça pouco e pouco ia tomando conta do recinto e por mais desesperada que fosse a situação, teve equilíbrio e discernimento para orientar os demais:

-Juca, leve o menino maior! Marly tome essa criança, deixe a outra comigo!... – assim, num átimo de tempo, as tarefas foram distribuídas.

Na rua, as palmas e as vaias se confundiam, é que a chegada atrasada dos bombeiros coincidiu com a aparição na porta de Judite, Juca e Marly, cada um trazendo nos braços uma criança. Provocou no povo um sentimento simultâneo de alegria e revolta. Júbilo pela salvação das crianças e revolta dos moradores pela demora dos soldados do fogo, homens acostumados enfrentar e dominar grandes sinistros, tão necessários nesses infortúnios.

Como profissionais zelosos, fizeram ouvidos de mercador. Inundaram a casa de água, eliminando os possíveis focos de fogo. A demora foi explicada: estavam em serviço, tentando evitar um maluco se jogar de um edifício por ter perdido sua mulher. E, como só havia uma viatura disponível no quartel, em circunstâncias sinistras simultâneas, priorizavam atender os casos começados. Em seguida, com a chegada de uma ambulância, socorreram às pessoas que mais fumaça tinham inalado e estavam com a respiração comprometida, as mais sofridas eram uma criança de colo e dona Judite.

V

The day after, os fatos do sinistro foram esclarecidos: os donos da casa tinham ido ao centro da cidade às 14 h. Ele, para atender o chamamento duma empresa distribuidora de produtos alimentícios para um teste de motorista; ela, comprar um remédio de uso contínuo na Farmácia do Povo. Como era costume, em viagens curtas e para protegê-

los, deixavam seus filhos com brinquedos, trancados no quarto dos fundos enquanto voltavam. Porém, naquele dia, um curto circuito na velha instalação, tinha sido a causa daquela pirotecnia que com ajuda de Deus e do povo, especialmente dona Judite, seus filhos não tinham morrido sufocados de fumaça ou carbonizados.

Judite não tivera a mesma sorte, com um histórico de doenças respiratórias crônicas e ter inalado muita fumaça, morreu um dia depois de hospitalizada, assistida por alguns parentes e muitos amigos.

VI

A moribunda, entubada, com a respiração ofegante, ainda lúcida para perceber que na vidraça do Centro de Terapia Intensiva, muitos rostos se sucediam e muitos gestos eram feitos com desejos de sua cura. Não podia falar por causa dos aparelhos mas de quando em vez acenava com os dedos abertos em V de vitória. Não a sua vitória, porém, a vitória de ter salvo a vida de três criaturinhas de Deus.

VII

O pátio e os corredores do hospital Sta. Cruz estavam lotados de gente apreensiva com notícias freqüentes do agravamento clínico de Judite, quando um preposto veio anunciar que ela teria tido uma parada cardíaca irreversível em decorrência da agravante insuficiência respiratória:

-Senhores, a paciente Judite Santos e Medeiros, teve uma parada cardiorespiratória e entrou em óbito. A direção solicita que os parentes compareçam à secretaria. Nossas condolências e boa noite!

VIII

O cortejo ia subindo a ladeira em direção ao cemitério com centenas de pessoas orando e cantando cânticos de despedida quando alguém que não era do meu convívio se aproxima e pergunta-me:

-Quem morreu?

-Um anjo!... – respondi-lhe abruptamente.

-Anjos não morrem, senhor! – respondeu-me.

-Tu tens razão garoto, anjos não morrem!...

20

Jipe

R. Santana

“Quero a certeza dos loucos que brilham. Pois se o louco persistir na sua loucura, acabará sábio” (Raul Seixas)

Pense nesta história, caro leitor: se o prefeito de uma cidade resolvesse homenagear a figura mais popular de sua cidade e propusesse erigir estátua na praça, o faria com base nos feitos do homenageado e no reconhecimento da comunidade, mas se os feitos do homenageado não passassem de loucas e excêntricas manifestações, que o homenageado fosse conhecido pelo apelido e não pelo nome de batismo, será que o prefeito teria sucesso nesse pleito? Claro que não! Mas, se o homenageado fosse Afrânio Batista Queiroz, maluco beleza itabunense, carinhosamente apelidado de Jipe, claro que sim! Pois Jipe é a figura folclórica mais popular de Itabuna e quem mais

povoou o imaginário lúdico da criança daquela época, além de obter a compreensão do adulto de seu tempo.

Não se sabe até onde é lenda e até onde é fato: conta-se que Afrânio, jovem, pediu ao pai um Jeep Willys de presente, o velho prometeu, mas não lhe deu, ignora-se o motivo do descumprimento paterno, contudo, foi a gota d'água para o distúrbio mental de Jipe. Daí em diante, ele proveu-se de apetrechos (rádio de pilha, lanterna, retrovisores, antena, buzina, volante, caixa às costas, etc.), e, tornou-se um homem-carro.

Com fôlego de maratonista, Jipe percorria com seu “Jeep” imaginário, cidades circunvizinhas de Itabuna, algumas com distância acima de 20 Km. Com uma caixa cheia de apetrechos às costas, antena balançando da esquerda pra direita, pra cima e pra baixo, rádio de pilha ligado em alguma FM ou AM, retrovisores laterais, volante para manobrar o “carro”, lanterna, jipe é alegria da molecada aonde vai. Quando chegava à cidade, percorria a rua principal, fazia demonstrações de baliza na praça, parava quando alguém lhe oferecia combustível (água) – não tomava bebida alcóolica, fiel às leis de trânsito.

A molecada fazia uma festa quando Afrânio saía da cidade com o seu “Jeep”. Os moleques acompanhavam Jipe com tampa (volante) de panela nas mãos, numa imitação hilariante, assim, eles divertiam-se e divertiam a todos.

Suas aptidões de chofer deixaram marcas na Avenida Cinquentenário, Jipe acompanhava os automóveis com pensamento criativo nas manobras que deixavam as pessoas embasbacadas, se ia estacionar entre 2 carros, ele fazia o movimento de baliza com precisão de um piloto de Fórmula-1: colocava o seu “Jeep” à altura do retrovisor do carro estacionado, dava uma ré em diagonal, ia pra frente e pra trás no limite da vaga, puxava a “trava” de mão, dava-se por satisfeito.

Jipe era um louco talentoso, inteligente, instinto aguçado, criativo, feliz em seu mundo imaginário, nunca fez o mal, alma pura, recolhido em sua ideia obsessiva, perseguiu o objeto do desejo e o alcançou não do modo normal, concreto, mas do modo imaginário, no mundo das ideias, lugar que somente os loucos têm acesso, lugar que tudo é possível, lugar onde não há censura, não há proibição, lugar em que o superego não decide e onde a fantasia é real.

O homem desde o princípio do mundo investiga a mente humana, mas pouco evoluiu até agora, fisiologicamente tem havido avanço, no entanto, existe ainda muito

mistério. Há um adágio popular que "cada doido tem sua mania", o que é verdade, aí se justifica o estereótipo de Afrânio Batista Queiroz.

O modelo "Jeep" 1918 bateu o motor em 2010 e Jipe foi morar no céu e parodiando os versos do poeta desconhecido, o destino de Jipe é viajar... Viajar na rua, na estrada, na luz, no ar, nas estrelas, nos cometas, nos planetas, porque o signo de Jipe é viajar, sempre aprender viajar... Jipe, o audaz, Jipe, o incansável, Jipe, o maratonista, Jipe, o homem-carro... Seu destino é viajar, sempre viajar, viajar, viajar, viajar...

Labirintos da inteligência R. Santana

Não faz muito tempo, solicitei o serviço de uma empresa de informática para consertar e configurar o meu computador. Enquanto o técnico mexia e remexia no CPU, observei que certas operações eram automáticas e repetitivas, o técnico, certamente, já tinha feito aquelas operações dezenas de vezes, embora o serviço de informática tenha o status de conduta inteligente, o raciocínio pouco lhe era exigido no desempenho daquela tarefa, então, descobri naquele momento, que as experiências retidas na mente de uma pessoa, são condições necessárias para o bom desempenho da inteligência.

Se inteligência é a capacidade de resolver problemas ou a reestruturação imediata de dados perceptivos com ingredientes emocionais e cognitivos, a medida do QI é tão relativa e inesperada quanto um atirador acertar na "mosca" de um estande a longa distância. A mente do ser humano não é um pedaço de matéria sujeito à medida do homem e a sabedoria popular de que "nunca se conhece o outro" corrobora no mistério da mente.

Para explicação de mentes como a de Einstein, Leonardo de Vinci, Darwin, Winston Churchill, Thomas Edison, Rousseau, Maomé, e, outros gênios da humanidade, que tiveram desempenho sofrível em determinadas atividades e foram

capazes de revolucionar o mundo quando descobriram os seus reais dons, a ciência, hoje, recorre às teorias de Daniel Goleman, Alfred Binet, Theodore Simon, mais recente, a teoria da Inteligência Espiritual de Danah Zohar e Iam Marshall, pois uma só teoria não responde às perguntas que o homem faz ao longo do tempo.

Existem coisas que quanto mais se explica, mais se tropeça em definições e conceituações. O neófito estudante de matemática não entende quando o professor conceitua a “Teoria dos Conjuntos” e dentre os conceitos, ele se depara com “Conjunto Vazio” e “Conjunto Unitário” que não aceção do dia a dia, conjunto significa várias coisas, ele não entende como “um elemento” e um “espaço vazio” têm o significado de “conjunto”, isto vale pra explicação de inteligência, quanto mais se conceitua ou se define “inteligência”, mais questionamentos se suscitam.

Sem rigor científico, “inteligência” é um grande labirinto, de compartimentos pequenos, médios e grandes, interligados (sinapses), em que o pensamento percorre e desenvolve elementos lógicos, elementos emocionais e elementos espirituais com potencialidades diferentes. Alguém afeito à lógica jamais irá cultuar a digressão, porém, em condições sócio-econômicas iguais, ele terá as mesmas possibilidades se perseguir os mesmos ideais.

O mestre chamar o discípulo de “burro”, “orelhudo”, por dificuldade de aprendizagem, é ignorar os meandros psicológicos e mentais, não se apreende o que não inspira prazer e significado (a percepção do menino da cidade é diferente do menino da zona rural), se o mestre souber combinar o gosto pela aprendizagem e o seu significado, ele não terá dificuldade de ensinar nenhum assunto.

A tradição de que a pessoa culta é mais inteligente do que a pessoa não culta vem de longe até os dias atuais. A Grécia berço da civilização ocidental reservava o trabalho manual, o trabalho braçal, enfim, a mão-de-obra não qualificada, para os escravos, as mulheres e os camponeses. Os filósofos, os oradores, os políticos, os sofistas (mestres do saber e contemporâneos de Sócrates), eram os cultores do saber, os detentores do conhecimento, os guardiães da justiça e do estado, a elite inteligente...

O homem comum, intelectualmente, é diferente do gênio? Potencialmente, não! Todos têm as mesmas faculdades e as mesmas possibilidades em condições iguais, apenas, o interesse e o significado de algo para o homem comum é diferente do interesse e do significado de algo para o gênio.

Se alguém, por exemplo, é um gênio da música, é que a música, aliada à disciplina e muito trabalho, foi o seu norte e sua razão de viver, se um gênio não persegue o seu ideal, ele não é gênio, é um homem comum.

Se Darwin e Isaac Newton não perseguissem suas idéias, eles não teriam deixado a “Origem das Espécies” nem a “Philosophiae Naturalis Principia Mathematica”, duas referências da Ciência Moderna. Certa feita, alguém perguntou a Thomas Edison, se seus inventos eram frutos de sua genialidade e para surpresa do curioso, ele lhe respondeu que os seus inventos eram frutos de “transpiração” e não de “inspiração”.

Um indivíduo de emoção instável, sob pressão, jamais terá o mesmo desempenho de um “cuca fresca” em um exame de vestibular ou coisa que valha, não por ser menos inteligente ou por ter menos conhecimento, decerto, a sua memória e o seu raciocínio serão embotados por fatores emocionais instáveis, portanto, desconfie de escalas Stanford-Binet, desconfie dessas medidas de QI, cuidado com os aplicadores contaminados desses testes!...

22

Ladrão genial

R. Santana

Assalto a banco, saidinha de banco, sequestro e latrocínio eram coisas inimagináveis nos meados do Século XX, aliás, ladrão só de galinha e alguns golpistas salafários que usavam a boa fé dos incautos para lhes roubar. Os judeus e os agiotas eram confundidos e mal vistos pela sociedade, pois eles emprestavam dinheiro a juros escorchantes às pessoas necessitadas de recursos financeiros e quando inadimplentes, eles perdiam seus bens na justiça, afora esses escroques, a população vivia livre, leve e sossegada.

Nas noites de verão itabunense, aqui, no Bairro São Caetano, as pessoas dormiam de janelas abertas e sem grades, então, os vizinhos se juntavam nas calçadas, as mulheres jogavam conversa fora, os homens jogavam dama ou dominó e, a criançada brincava de pega-pega, sem preocupação de malfazejo.

Nesse céu azul de brigadeiro vivíamos todos tranquilos e quando havia algo que destoava dessa tranquilidade era um Deus nos acuda, um auê, por isto, nunca me esqueci daqueles tempos idos de um roubo *suis generis*, praticado por um sujeito de prenome Altino ao bodegueiro Antônio Fonseca. Altino não era um ladrão de carreira, era um trabalhador rural, furtava alguma coisa quando a fome lhe batia à porta. Antônio Fonseca era um bodegueiro forte, sua bodega era uma armazém que vendia do carrinho de linha ao fardo de charque. Sovina histórico, gostava de trabalhar sozinho, por isto, de quando em vez, devido sua idade avançada, ele era ludibriado.

Altino impedido de adentrar dentro do balcão porque poderia ser flagrado e preso, usou um vara de pescar com a ponta untada de visgo de jaca que cobria a distância entre o balcão e a gaveta. Quando o velho Antônio Fonseca virava as costas para pegar um produto, Altino “pescava” o dinheiro da gaveta que, grosso modo, ficava entreaberta.

A sabedoria popular diz que, “quem gosta volta”, Altino gostou do dinheiro fácil e voltou outros dias e um desses dias, ele foi flagrado com a mão na botija, melhor, com a vara de visgo na gaveta de dinheiro. Altino passou cinco dias no xilindró, recebeu um corretivo, devolveu o dinheiro ao idoso comerciante e desapareceu cheio de vergonha do São Caetano.

Foi bem feito... cara pálida!

23

Lamentos da velhice

R. Santana

Tu és dádiva divina? Não! Mas o regalo do isolamento

O desprazer dos parentes, a negação do amor e da vida,

Tu vives ansiosa e a falta de afeto é a tribulação maior,

Não vives mais o futuro, mas esperas o Anjo da Morte.

Ó Geras, ó deusa filha do tempo de dor e sofrimento,

Melhor seria se tu tivesses morrido jovem, mas feliz,

Hebe é filha de deuses jovens da mitologia Zeus e Hera

Tu és o crepúsculo, o ocaso, a decadência, a corrupção...

Ó deusa malquista, rabugenta, enrugada e asquerosa,

O cutelo que Deus usa pra punir o homem bom e mau

Tu és a limitação do homem, reflexo de sua pequenez,

Certo quem moço não morre, velho não escapa, é lei.

Tu geras desconforto estético, aversão e repulsa social

Tu geras dor, dor aqui, dor acolá e infinita dor na alma,

Tu és a ruína, a decrepitude do ser, o crepúsculo, o medo

Ó Geras, não geras mais outro ser, tu não és mais fértil.

Ó Geras, deusa da velhice, fostes louca desafiar o tempo?

O tempo é o senhor da razão, jamais dê tempo ao tempo!

O homem idoso, ó Geras, melhor seria não ter nascido...

A velhice é a voz da experiência e o suplício do homem.

Não adianta o epíteto que lhe dê: “melhor idade“, hábil,

Tu és a “pior idade“, idade da demência, parvoíce, lesa,

Jovem é ser maior de que “n” anos de tua experiência,

Ó Geras, bom seria se tu fosses sempre jovem e bonita.

24

Manolo

R. Santana

Manolo conheceu Laika em uma praça não muito distante de sua rua. Não foi amor à primeira vista, ela resistiu, adiou encontro, argumentou compromisso, passeou

com outro em sua rua para dissuadi-lo, mas Manolo não desistiu, conquistar Laika passou ser obsessão, questão de honra, como “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, assim, conseguiu conquistá-la. Algum tempo depois, veio-lhe a recompensa: “onde ele vai, ela vai atrás”, um nasceu para o outro e ambos nasceram para o mundo, todos dizem que ela é igual chiclete, grudou nele para não mais sair.

Ultimamente, eles vivem num perrengue de dar dó, se comem de dia, não comem de noite, mas se conformam, porque, tem um ao outro, situação ruim que se dane, acreditam que depois de uma noite tempestuosa, poderá vir dia de sol, o importante, eles estarem vivos e felizes, o resto que se lixe! Se não fosse pelo apego de Manolo por uma amizade antiga, eles não estariam mais naquela rua, naquele bairro, naquela cidade.

Laika alimenta deixar descendente, seria desperdício passar por esse mundo e não gerar outro ser que lhe fosse semelhante no físico e no coração, mais no coração que no físico, ainda mais por ter um companheiro bonito, bondoso e corajoso quanto Manolo, portanto, sua prole seria bem-vinda se não fosse a resistência de seu macho em evitar outro serzinho, pelo menos, enquanto eles não tivessem casa própria e comida sem sacrifício.

Manolo nasceu bravo, mas dócil e fiel, aliás, fidelidade é seu traço maior, enquanto Laika é brava, delicada, porém, menos fiel. Se não fosse a dureza de atitude do seu companheiro, ela já estaria nas garras de outro macho, porém, ele é prestimoso, fiel e carinhoso e, ela foi ficando e ficou.

Naquele dia, ambos estavam inquietos, irritados, nervosos, com feelings aguçados, sentiam que algo estava para acontecer. Perguntavam: - o quê? Mas, não obtinham resposta. Se fosse bom, seria bom para ambos, se fosse algo mau, o mal seria, também, para os dois. Laika só tinha medo de algo que lhe separasse de Manolo, preferia morrer! ...

À noite, cedo foram dormir, às 2 horas do outro dia, acordaram com o perigo...

[...]

Naquele dia, também, Danilo Moretti não pregou os olhos logo, pensava em sua vida, o destino que lhe trouxe até ali há 30 anos, com a mesma a força que as ondas agitadas do mar empurram as coisas para costa.

Naquela época, jovem, bancário de banco do governo e a cara metade, médica, boa situação financeira, dois pirralhos de 4 anos e 6 anos de idade e uma pirralha de 3 anos de idade, foi obrigado deixá-los, tangido pela droga. No início, ele usava cocaína e outras drogas de rico e quando a mulher o expulsou de casa por não aguentar mais aquela situação de vício, ele saiu da cidade, tornou-se morador de rua, pedinte, mudou de cocaína para maconha e da maconha para pedra de crack e o inferno lhe acolheu em vida.

Acostumou-se com a miséria e a falta de identidade. Naquele submundo ninguém tinha nome, mas apelido, de “Danilo Moretti” passou ser conhecido por “Lopeu”, desconhecia a origem do apelido e quando alguém lhe questionava o significado, ele respondia rindo que deveria ser corruptela de “Lopes”, se não fosse, nenhuma importância faria para o outro, continuaria Lopeu.

Na rua, não aprendeu roubar nem matar pra roubar, resquícios morais de antes não tinham desaparecido do seu ser, não tinha natureza, preferia sustentar seu vício pela mendicância ou prestar um ou outro serviço esporádico quando alguém lhe contratava, geralmente, lavar um carro, capinar um quintal, ajudante de pedreiro, serviço sem qualificação nem carteira profissional assinada. Não criava limo no lugar, não criava vínculo com o outro, quando acontecia, ele mudava de rua e de cidade.

Gostava mesmo, era de perambular aqui, ali, acola, saco nas costas cheio de apetrechos pessoais, comia onde lhe desse e dormia onde lhe parecesse seguro com seu cachorro que pra completar tinha arranjado uma fêmea pra lhe seguir.

O cachorro surgiu em sua vida não sabe como, amor à primeira vista, lhe matou a fome um dia, no dia seguinte continuou e continuou sempre, ambos tinham natureza de andarilho, jamais eles se separariam, pois se completaram no infortúnio da vida.

Às vezes, aparecia algum curioso para lhe bisbilhotar o passado, Danilo Moretti pouco falava ou nada falava, quando incitado, dizia que o passado fechou a porta e jogou a chave fora.

Foi internado duas vezes por overdose, da última vez, passou 6 meses numa casa de apoio do governo, tomou vergonha na cara e, determinado, abandonou o vício.

À noite, cedo foram dormir, às 2 horas do outro dia, acordaram com o perigo...

[...]

Sexta-feira 13, mês de abril, deste ano, às 2:00 horas, a luz do poste entrava pelas frestas do barraco, quando Danilo Moretti é acordado com chutes no traseiro. Dois sujeitos exigiam-lhe que ele desse conta de uma mochila, aturdido pela hora e pelo sono, ficou sem saber lhes responder de imediato, o mais moço dos indivíduos e mais inconsequente, sacou uma arma e o ameaçou:

- Vagabundo, que é de a mochila?

- Mas... não... sei lá!

- Não se faça de desentendido, seu maluco!

- É o primeiro dia que pernoito neste barraco, rapaz!

- Se não me devolver a mochila, é o primeiro dia e o último, seu doido!

- Vai procurar sua mochila onde perdeu, saia que quero dormir...

- Eu vou contar de 1 até 10, se você não abrir essa matraca, vou estourar seus miolos! – na iminência do perigo, Danilo Moretti ergueu-se rápido e tomou distância segura do indivíduo, enquanto ele contava com o revólver apontado:

- Um, dois, três... – Danilo Moretti deu um grito:

- Manolo! - o cachorro num átimo de tempo abocanha o punho do sujeito com tal força que o revólver cai no chão, enquanto, Laika pula com igual agressividade e firmeza no pescoço do outro marginal. Os homens sob o domínio dos cachorros gritam:

- Socorro! Socorro! Socorro!...

Danilo Moretti, com o revólver em punho, chama os cachorros e os homens com ferimentos lastimáveis no antebraço, peito e pescoço, são atendidos pelo SAMU, escoltados pela polícia, foram para o “Pronto Socorro” e, levados depois para delegacia e aguardarem audiência de custódia. Na saída, o oficial comandante recomendou:

- O senhor vá dormir, amanhã cedo, vá à delegacia do bairro!

Depois do furdunço, salvo dos marginais pelos seus cachorros, Danilo Moretti passou refletir e achou estranho que os meliantes, em nenhum momento, fizeram alusão à mochila, ele também, não a aludiu, preocupou-se em defender os cachorros, que agiram com agressão para lhe defender da morte, por isto, prometeu a si, procurá-la, assim que a noite se fosse.

Pelo sim, pelo não, teria que sair dali no outro dia, pois os elementos não ficariam detidos por muito tempo, foram mais vítimas do crime, portanto, eles voltariam para encontrar a cobiçada mochila.

[...]

Naquela manhã, Danilo Moretti apresentou-se à delegacia de polícia para colocar em pratos limpos a tentativa de morte que foi vítima à noite. No início, houve uma certa resistência dos assessores encaminhá-lo ao delegado, de saco de aniagem, roupa velha e chinelos, não era bom cartão de visita em nenhum lugar, mas quando o doutor delegado soube que ele tinha colaborado para aqueles meliantes da noite fossem detidos, fê-lo entrar:

- Senhor Lopeu, como tudo aconteceu? - Explicou ao delegado que estava dormindo e foi surpreendido com chutes no bumbum e ameaças de morte se ele não desse conta de uma "mochila". Disse-lhes que não sabia, que estava ali àquela noite, uma alma boa lhe tinha dado o barraco para morar enquanto não fosse construir, daí o rapaz mais moço e mais agressivo, sacou de um revólver e o ameaçou, na casa do sem jeito, deu voz de comando aos seus cachorros, foi salvo e apreendeu a arma que foi entregue aos policiais. Findo o relato pelo mendigo, o delegado voltou-se para um homem bem vestido que parecia esperar o desfecho daquela conversa:

- Doutor, acho que neste caso aplica-se o adágio popular: "ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão". Ele roubou do senhor, alguém roubou deles, agora, os esforços da polícia serão muito mais para recuperar os seus bens. Qual o valor estimativo, hoje, do roubo?

- Bem... não sei....talvez...acho que... uns R\$ 500.000,00 (Quinhentos mil reais), uma parte em dinheiro, outra parte, em joias, portanto, um prejuízo...

- Doutor José Maria, irei colocar mais gente na rua até descobrirmos o paradeiro dessa fortuna. Amanhã, eles terão uma audiência de custódia. Quem sabe se eles não darão informações mais precisas ao excelentíssimo juiz? – o mendigo cheio de dedos, pediu ao delegado um aparte:

- Doutor, depois que os rapazes foram presos, procurei a dita mochila ao amanhecer e a encontrei embaixo de Laika. O motivo de minha vinda, hoje, aqui, foi para lhe entregar essa mochila, não sei o que há dentro, mas deve ser o produto do roubo – tirou a mochila do saco de aniagem e a entregou ao delegado.

- Doutor José Maria, olhe seus pertences!

A euforia foi geral, Lopeu foi abraçado e agradecido, várias vezes, pelo Dr. José Maria. O delegado quis conhecer sua história de vida. Achou-o muito articulado e inteligente para um mendigo. A mídia foi informada do gesto do mendigo e a honestidade do mendigo virou notícia.

[...]

- Filho, é o seu pai!

- Mas mãe, esse mendigo é muito velho, pra ser o nosso pai. Com quantos anos, ele está hoje?

- Ele deve estar com 56 ou 57 anos...

- Então, esse aí deve ter 65 anos ou 70 anos de idade, ademais, chama-se Lopeu!

- Meu filho, o desleixo avilta. Dê-lhe um banho de loja, faça-lhe a barba e o cabelo, e, não será mais chamado de “Lopeu”, mas de Danilo Moretti!

- Duvido!...

[...]

- Manolo, a TV marcou uma entrevista comigo às 16 horas, não sei o que eles querem, já lhes disse que não quero aparecer, fiz a minha obrigação, nada mais... não é Manolo?

Silêncio...

Às 16 horas, daquele dia, na praça do bairro, Moretti barbeado, cabelo feito, roupa e sapatos novos - patrocínio da TV e empresários – e, um aparato de câmaras, cabos-mans e entrevistador, Danilo Moretti na berlinda, era o centro das atenções de curiosos que passavam e de muitas outras pessoas:

- Quanto tempo o senhor mora na rua?

- Há 30 anos!

- E, sua família?

- Desde essa época, não temos contato!

- Seu nome é Lopeu?

-Sim!

- Chama-se Danilo Moretti, não é?

- Ele morreu...

- Foi? Para as pessoas que vieram lhe ver, não!

- Quem veio me ver?

- Olhe para traz...

Moretti ficou pasmo, num primeiro instante, reconheceu a ex-mulher e deduziu que as demais pessoas eram os seus filhos. O mais velho dos três não negava sua

paternidade pela semelhança, os outros dois filhos pareciam com a mãe, mas tinham muito do pai.

Choros, abraços e beijos marcaram o reencontro.

25

Morreu Maria Preá

R. Santana

Diz o adágio popular: “quem conta um conto aumenta um ponto”. O conto que iremos contar já foi cantado em verso pelo poeta Itanildo Medeiros, mas resolvemos por conta e risco transformá-lo em prosa e aumentar esse conto em vários pontos.

Em tempos idos, lá onde Judas perdeu as botas, três autoridades mandavam na cidade: o prefeito, o juiz e o padre, quando não havia o agente da lei, o prefeito cuidava das obras da cidade e o padre cuidava do lado espiritual e moral do homem, portanto, tudo que o padre dizia ou publicava no pórtico da igreja virava lei, ou seja, “pater dixit et dix”. Sua autoridade era providencial, todos beijavam sua mão, inclusive, o prefeito e a mulher do prefeito, sua autoridade só seria embaçada se um dia o bispo ou o papa pisasse naquele confim de mundo, coisa impossível e impensável.

Lá no sertão nordestino, nasceu, cresceu e morava Maria Preá. Beata, não perdia uma missa, uma procissão, uma novena, envolvida de corpo e alma nos trabalhos da igreja, sua abnegação era tanta, que tinha a cópia da chave da sacristia e, zelava pelos valores do dízimo. Tudo passava por Maria Preá, antes do padre. Alguém poderá presumir que fosse uma velha coroca, voz rouca, penugem no lábio superior, enrugada, pelancuda e cabelo encanecido, ledô engano, era a mulher mais bonita daquelas paragens: jovem, alta (mas, não varapau), morena cor de canela, olhos verdes, cabelos lisos encaracolados, lábios grossos e bem desenhados, corpo escultural, digna de capa da revista “Playboy”. Os homens ricos e os não ricos da cidade babavam-se por Maria Preá, mas havia um padre no meio do caminho parecido com o padre Fábio de Melo, e, ela entregou-lhe o corpo e a alma, mais o corpo do que a alma.

Tudo ia bem no reino de Matusalém se o sacristão não flagrasse o casal na cama num vaivém maluco, ora um embaixo, ora o outro em cima, e gritasse: “Padre!!!”, “Maria Preá!!!”, aí, foi um vexame...

Daquele dia em diante, o insignificante homem que arrumava e guardava as coisas na sacristia e ajudava o sacerdote na missa, na eucaristia, transformou a vida do padre num inferno: extorquia-lhe no dízimo, limitou as atividades da xodó do padre na igreja, antes um figura apagada, passou mostrar influência na paróquia, perpetrava os mais diferentes ardis para ter o padre sob controle com ameaça de denúncia e escândalo. Alguns achavam que o padre tinha reconhecido o apego do sacristão ao trabalho religioso estafante, outros, os adeptos de São Tomé, cismavam: “embaixo desse angu tem caroço”, e, eles estavam certos, o malandro do sacristão escondia as cartas de trinca no punho da camisa e as lançaria na mesa se o padre se rebelasse à sua chantagem.

Porém, quando Deus tarda vem no meio do caminho: do padre tanto suplicar-Lhe, de tanto colocar os joelhos no chão de milho, pedindo-Lhe socorro, a desforra veio dois meses depois: o padre foi convidado para realizar um novenário numa cidade distante de sua paróquia, não muito longe, teve que voltar porque esqueceu um documento e, quando empurrou a porta da sacristia, lá estava o sacristão debruço, nu de cintura pra baixo, embaixo de um negão que lhe empurrava uma gueba enorme no traseiro que de tanto gozo, ele não percebeu sua chegada:

- O que é isso, sacristão!? – acrescentou:

- Tu fazes da casa do meu Pai, Sodoma e Gomorra? – depois, lembrou:

- Fica o visto pelo não visto, portanto, de agora em diante... – fez uma pausa e gritou:

- Morreu Maria Preá! Morreu Maria Preá! Morreu Maria Preá!

Daí em diante, tudo como dantes na cidade de Abrantes!...

O ano deve ter sido 1964 ou 1965, não me recordo à data precisa, naquela época, eu não passava de um rapazote sem ideologia política, a minha única ideologia era a

ideologia da sobrevivência. Lembro-me que foi após o Golpe de Estado de 1964, que encerrou o governo popular de João Belchior Goulart, popularmente, “Jango” e, estabeleceu-se o regime militar no país que ocorreu essa história burlesca e hilária que contarei a seguir.

O “Bar de Pedro” era o point principal do Bairro São Caetano. Ali, os moradores tinham o seu lugar de prazer e diversão dia e noite, pois além de bar de jogos de sinucas, de dominós e de baralhos, havia um arremedo de lanchonete com sorveteria. A freguesia era enorme, gente simples, cordata, conhecida, não obstante recinto de jogos e bebidas, a polícia e a justiça não tiveram trabalho durante anos que o “Bar de Pedro” foi o principal point do São Caetano.

Dentre esses fregueses, “José Pedreiro” (só se conhecia o prenome e o apodo, o nome e o sobrenome nunca se soube). José Pedreiro gabava-se ter sido soldado da FEB (Força Expedicionária Brasileira), e lutou nos campos da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, além de ter participado da vitória de Monte Castelo.

Não se levava a sério José Pedreiro, todos achavam que suas histórias não passavam de apego doentio pelo exército brasileiro, contos da carochinha, um aficionado, principalmente, a influência recente do Golpe Militar de 64, e suas histórias da FEB na Itália serem contadas quando ele já tinha tomado alguns goles de água que passarinho não bebe.

Uma molecada divertida frequentava o “Bar de Pedro” com assiduidade e fidelidade, notadamente, estudantes do CEI (Colégio Estadual de Itabuna), às vezes, pra jogar sinuca, outras vezes, pra lanchar, chupar picolé, tomar sorvete, contar suas últimas conquistas amorosas, gozar do colega que não tinha ido bem à prova da escola, jogar conversa fora, tudo era motivo de gozação e brincadeira.

Foi essa molecada que criou um imbróglio institucional que, por pouco, não é chamado o SNI ou DOI – CODI pra apurar uma denúncia de José Pedreiro, mas a denúncia foi parar em major Dórea, brioso oficial do exército que trabalhava em Ilhéus e morava em Itabuna, é que a molecada havia rasgado uma bandeira (não oficial) do Brasil, colada na vitrine do balcão de doces e massas do “Bar de Pedro”. A molecada, com a conivência do proprietário do bar, provocou José Pedreiro e rasgou a bandeira de papel para lhe irritar, pois estávamos na semana da pátria e o ato era, conforme seu entendimento, um desrespeito à pátria ao governo e coisa de comunista.

Dois dias depois, quando ninguém se lembrava mais da brincadeira, pára uma Aero Willys reluzente na porta do bar com um homem fardado verde oliva e José

Pedreiro, todos perceberam a embrulhada: ele tinha ameaçado e cumprido a promessa de denúncia, e o pior: os restos da bandeira brasileira ainda se achavam colados na vitrine. Todos ficaram assustados...

Os dois homens desceram do automóvel e, eles caminharam em direção ao bar, José Pedreiro um pouco atrás, de paletó e gravata, noutra situação, a molecada o teria ridicularizado de tanto rir, mas naquele momento ninguém riu. O major que o conhecia de “eu ouvi dizer e fama”, ia à frente, de estatura normal, um pouco obeso, não tinha a aura de um Napoleão quando derrotou os Austríacos e assinou o “Tratado de Campo Formio” nem o porte do general cartaginês Aníbal nem do intelectual Júlio César que transformou a República Romana em Império Romano, se não fosse o peso da farda, não passaria, naquele momento, de uma figura de somenos importância e caricata.

Os moleques deram “pernas pra que te quero?...”, o dono do bar, Pedro Batista de Santana, vulgo “Pedro do Bar”, sergipano intrépido, arretado, afeito às situações mais difíceis da vida, desde que migrou de Sergipe e comeu o pão que o “Diabo amassou” em Maria Jape de Ilhéus, apresentou-se ao major Dórea como proprietário do estabelecimento. Depois que o major bufou e ameaçou todos os presentes com prisão e processo, que aquilo era prática comunista, Pedro com segurança e raciocínio perfeitos, argumentou que ali ninguém tinha ideologia política, que os moleques muito menos, que todos estavam satisfeitos com o governo, que tudo não tinha passado de uma brincadeira pra irritar José Pedreiro que bebia mais que trabalhava, que o denunciante tinha um “parafuso a menos na cabeça”, etc., etc.

Felizmente, o major Dórea reconheceu o ridículo que o “dedo duro” fê-lo passar e “rabo entre as pernas” entrou no carro e voltou para sua tropa e seu quartel, porém, para que sua autoridade não fosse maculada, burlesca, enxovalhada, que sua ida ali tomasse ares de ofício e inteligência, exigiu:

- Seu Pedro, cole outra bandeira do mesmo padrão na vitrine e distribua uma grosa entre os estudantes no dia 7 de Setembro! – quando ele ia longe, um moleque do sinuca brincou:

- Pedro, isso é o quê? Grosa se come?

- Sei lá, peste!...

R. Santana

Naquela tarde de feriado, fiz uma visita a F. que se encontra internada num respeitável abrigo de minha cidade. Fi-la por insistência de meu cônjuge que também gostaria de ver M., sua prima. Não sou hipócrita nem demagogo para não dizer o que penso: não gosto de hospital, de cemitério, nem de casa de assistência social, não me sinto bem nesses lugares, às vezes, organizados, limpos, bem administrados, mas não deixam de ser lúgubres e funestos.

Nós passamos pelo corredor de entrada, fomos informados pela cuidadora de idosos: “os quartos de F. e M. ficam na última ala”; depois, passamos por um pátio interno que serve para atividades recreativas e banho de sol dos pacientes, enfim, chegamos ao apartamento de F. que não estava lá, encontramos M. que carinhosamente nos levou até F., reconhecemos a gafe de termos passado pelo pátio, cumprimentado F. e, não a reconhecemos.

Chocou-me, em particular, o aspecto de seu estado físico: chocha, mirrada, sem aura nem graça, curvada, peitos caídos, usando andadeira para se locomover, não parecia nem de longe a F. ativa, compenetrada, independente, inteligente, prosa boa, leitora contumaz e profissional comprometida da educação. Eu senti vergonha dos enteveros administrativos que tivemos na escola que trabalhamos em tempos dourados que se foram. Diretor dessa escola, personalidade perfeccionista, bati de frente com F. por questionar e não cumprir as minhas diretrizes administrativas.

Não sabemos nem interessamos saber a doença de F., porém, dever ser Alzheimer ou Parkinson. Falamos de Drummond, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Paulo Coelho, Jorge Amado, disse-nos que dos autores tupiniquins, lia com gosto Valdelice Pinheiro, Helena Borborema, as irmãs Benício, das crônicas históricas e humoradas de Dantinhas, Telmo Padilha e Firmino Rocha, ensaiou recitar: “Deram Fuzil ao Menino”. Sugerimos outros poetas e escritores da terra, mas, ela os negou com muxoxo de boca. Minha esposa voltou conversar com M., então, aproveitei o momento e aprofundei a conversa literária com F.

F. oscilava entre lucidez, devaneio e insanidade. Perguntou-me se sabia os requisitos para se candidatar a deputado estadual, respondi-lhe que não, ela insistiu que me inteirasse desses requisitos, pois seria candidata a deputada estadual na eleição vindoura. Noutra momento, perguntou-me o nome da doença de incontinência urinária,

respon-di-lhe que é enurese, ela completou: “mijo na cama quando elas não me dão fraldas”. Isto, levou-me pensar com os meus botões: “serei você amanhã”.

Eu saí de lá arrasado, minha resistência de frequentar esses lugares soturnos, tomou forma e consciência, prometi a mim e aos meus familiares que doravante, serei levado para esses lugares, a pulso, involuntariamente, não por vontade própria, não compreendo como filhos e filhas jogam seus pais e parentes nessas instituições e os esquecem lá pra sempre, por mais cuidadosas, altruístas, e sérias que elas sejam para comunidade. Essas casas de acolhimento de idosos, a maioria não é ruim em si, porém, jamais elas substituirão o afeto, a amizade e o amor dos filhos, de netos, de parentes e aderentes.

Ali, é um repositório de almas, não de gente. Ali, reconhece-se que os males são maus. Ali, reconhece-se que o tempo é malvado. O tempo traz o homem ao mundo, o faz crescer, o faz audacioso, alimenta seus sonhos na mocidade, realiza seus projetos na maturidade, destrói-o na velhice, depois, entrega-o nos braços da morte. Os mais velhos têm razão quando coisas que parecem impossíveis, dizem: “dê tempo ao tempo”. O tempo é o cutelo de Deus, o instrumento que Ele usa para cortar a trajetória do ser que criou, para fazer vê-lo sua insignificância e sua finitude. O tempo constrói, faz acontecer e, destrói. O tempo é mau, dissimulado de bom. O tempo é um deus! A lógica das coisas não o ignora.

Deus proteja F. e a mim não desampare, porque o significado da vida é questionável. Viver é bom, morrer é melhor. A fé é que alimenta a esperança do homem, mas o faz entorpecido lógico, assim como o ópio extraído das papoulas entorpece e embrutece os viciados de narcóticos. Triste do homem que não tem religião, não tem fé, pois seu suplício é maior no caminho da morte.

A decadência física é mais nociva do que a decadência moral, esta não tira o sono de alguns, enquanto a decadência física traz dor e sofrimento. A dor e a alienação tiram a dignidade do homem, o respeito a si mesmo. Todas as arrogâncias, todos os egoísmos, todas vaidades e todos os significados humanos caem por terra diante dum mal permanente. Nós estamos preparados pra vida, não para o sofrimento. Não existe autoestima duradoura quando o mal não tem remédio pra sua cura.

Sublimar a velhice ou racionalizá-la, não faz do homem velho, homem novo, mas diminui o pesadelo de que ele está no fim da vida. Ninguém gostaria de caminhar consciente pra morte, somente, os suicidas e os loucos, a chama da vida alimenta a

alma, este é o papel de todas as religiões do planeta: assegurar ao homem que, aqui, é uma passagem e do lado de lá, a eternidade da vida.

28

“O Corcunda de Notre-Dame”

R. Santana

Não! Não! Não é o “Quasimodo” do romance de Victor Hugo. Não é o homem coxo e deformado que tocava os sinos da Catedral de Paris, o homem que se apaixonou pela cigana Esmeralda. A cigana que foi vítima de Cláudio Frollo, que amou Febo e foi amada até a sepultura por Quasimodo. O nosso “Corcunda de Notre-Dame” chamava-se Raimundo Pinheiro, mas gostava de ser chamado de “Pinheirinho”. Pinheirinho tinha certo mondrongo nas costas, todavia, andava mais ereto do que Quasimodo e não tinha o olho comprometido, sua postura era quase normal em relação ao monstro de Victor Hugo.

Alguém com fumos de intelectual lhe deu o apelido de “O Corcunda de Notre-Dame”, certo seria se lhe fosse dado: “O Corcunda de São Caetano”, mas brasileiro é pedante, adora estrangeirismos, notadamente, os galicismos e os anglicismos, lhe deu o apelido francês. Tanaguchi jura de joelhos e mãos em oração que o brasileiro tem complexo de cachorro vira-lata, não perdeu ainda o complexo de inferioridade ao longo dos anos, sempre o que é de fora é mais bonito e mais genial.

A maioria dos meninos, a faixa etária não passava dos 8 anos idade, Raimundo Pinheiro deveria, naquela época, ter uns 16 anos de vida, mas esta diferença de idade não nos afastava, mas nos aproximava pelo seu diferencial, é que Pinheirinho era desenhista e um exímio construtor artesanal de brinquedos de madeira, principalmente, os caminhões da “Ford”, da “Chevrolet” e da “Mercedes Benz”. Ele era fascinado pelos modelos da “Mercedes Benz”, e os construía com tanta perfeição que os modelos das lojas de brinquedos daquela época perdiam longe: cabina, volante, faróis (alimentados

por pilhas de rádio), rodas revestidas de borracha, carroceria, estepe, buzina, pintura e etc.

Pinheirinho era o nosso “Pop Star”, todos o admiravam, não havia bullying por causa do seu defeito físico, quando ele admoestava algum moleque, este fugia e saía gritando: “Corcunda de Notre-Dame!”, “Corcunda de Notre-Dame!”, “Corcunda de Notre-Dame!”, ele não xingava, não corria atrás para um corretivo no moleque, não se sabe se por dificuldade de locomoção, devido sua deformidade ou por sua natureza cordata, ninguém nunca o tinha visto numa briga nem falar um palavrão, era adolescente gentleman.

Pinheirinho não tinha a altura de sua idade, era pequeno e rechonchudo, transitava bem entre os adultos e os meninos mais novos e, sem complexo. Alegre, festeiro, doido por festa junina e carnaval. No São João, ele não tomava licor de jenipapo, nem ponche, nem outra bebida que contivesse álcool, empanturrava-se de canjica, milho cozido e assado, pamonha e amendoim. Depois que se empanturrava de comida de milho e suco de jenipapo, reunia a garotada da rua, cada um com sua mochilinha de fogos, acendia a fogueira de sua casa e liderava os moleques na queima de bombas, traques, chavinhas, cobrinhas e traques de bater, se algum moleque trouxesse uma bomba mais potente, ele não deixava explodi-la, evitava acidente. Se algum fogo desse chabu por defeito de fabricação, ele não deixava reutilizá-lo e alertava: “... pode explodir!”

Quando chegava perto de meia noite, os fedelhos eram recolhidos pra cama pelos pais, enquanto Pinheirinho ia balançar o esqueleto no forró dum vizinho de sua casa, então, participar de quadrilhas juninas no caramanchão da praça. Às vezes, era barrado nas festas por causa de sua altura, mas como era festa de família, festa folclórica e como era dado com todos, sempre era admitido no ambiente, aparecia alguém pra argumentar: “ele só não tem tamanho, mas pegou carona na arca de Noé, kkkkk”, assim, tornou-se o festeiro oficial da pequena comunidade do Bairro São Caetano.

No carnaval, ele fazia sua própria fantasia com folhas de tabuas pintadas e capim seco, por mais que soubéssemos que aquele “bicho” de máscara era Pinheirinho,

corríamos de medo. Como não tinha dinheiro pra comprar lança-perfume, enchia uma mamadeira de água de cheiro natural pra esguichar na molecada. Os confetes e os adereços eram dados pelos seus pais. Ele gostava de lançar confetes nas moças de sua idade como galanteio.

Para nós, os fedelhos, ele era admirado por seu artesanato, por sua arte, seu gênio criativo e os adultos admiravam-no pela promoção de festas nos feriados. Os adultos participavam com os recursos, Pinheirinho com as ideias e a execução. Não me lembro da data, mas lembro-me que em agosto, um dia do mês era reservado pra atividades folclóricas. Os adultos gostavam brincar de cabra-cega no pote, pau-de-sebo, corrida de saco e corrida de jegue. A meninada brincava de carniça, de amarelinha, de esconde-esconde, de gude, passa anel, as cinco-Marias e empinar papagaio.

Pinheirinho também era aficionado por jogo de bola, um perna-de-pau, os homens não o deixavam jogar, sua deformidade era um empecilho físico, por isto, ele recorria à tolerância dos meninos, o importante não era competir, mas participar.

Torcedor abusado quando seu time de várzea jogava, certa feita, quase foi agredido por um jogador de outro bairro que não o conhecia, alguém mais forte interveio: “olhe rapaz, você é grande e forte, não tem vergonha de agredir o nosso pequeno gandula!?” , o jogador se desculpou e voltou pra o campo.

Naquele dia, o ceu em bruma ameaçava grande queda de chuva, todos os habitantes sem saber o porquê sentiram um enorme presságio, um arrepio coletivo inusitado, uma premonição, é que chegou a notícia de morte prematura por afogamento de Raimundo Pinheiro, o nosso querido Pinheirinho. As explicações vieram logo: ele tinha por costume tomar banho todas as tardes, já perto de anoitecer, no Rio Cachoeira, este rio em tempos idos, quando ainda não era poluído, era bom pra nadar e pescar e foi na pesca que o nosso bom e querido “Corcunda de Notre-Dame” se foi ao pescar um acari.

O Acari é um peixe cascudo de tamanho pequeno que gosta de se entocar nas pedras, é muito apetitoso quando cozido em óleo de coco e dendê. Há uma técnica apropriada pra lhe pescar, o pescador não pode de nenhuma forma puxar o acari com a

mão por cima, pois ele incha e o pescador fica com a mão presa entre as pedras e ninguém pode salvá-lo. Os pecadores profissionais não correm esse risco, usam um arpão e o fisga sem nenhum dano.

Pinheirinho foi vítima dum miserável acari! Ele nadava que só piaba, pescador de quarto costado, era useiro e vezeiro na pesca do cascudo, mas nesse dia, sem arpão, meteu a mão na toca erradamente e lá ficou.

Estirado no caixão, Pinheirinho parecia um anjo, seu mondrongo assentou-se e, horizontalmente, dormiu pra sempre! Morreu o nosso “Quasimodo”, morreu nosso herói!...

O drama de Kaleb

R. Santana

Naquele dia, com a filha desmaiada nos braços, Kaleb gritava por socorro, apenas, demorou o suficiente para que vizinhos e parentes saíssem de suas casas, às pressas, para lhe acudir. Todos pensaram que a pequena Belak tivesse tido algum mal súbito em decorrência de queda (traquinagem de criança), mas, hospitalizada e sob os cuidados médicos, Kaleb explicou as circunstâncias que encontrou sua filha aos vizinhos e parentes: estendida na cama, nua da cintura para baixo e um filete de sangue lhe escorria pela coxa e balbuciava seu nome e o nome da mãe, delirava e dizia palavras desconexas.

Na delegacia, acrescentou que saiu mais cedo do trabalho, encontrou a casa fechada, chamou pela filha, ela não respondeu, adentrou pela porta do fundo que estava encostada e encontrou a filha em estado deplorável. Não teve outro pensamento do que colocá-la nos braços e sair porta afora e gritar por socorro. Disse que não entendia como alguém fosse capaz de tanta maldade. Morava com a mulher e os filhos num terreno cedido pelo sogro, aliás, nesse quintal residiam os pais de sua mulher, os sobrinhos e os cunhados. Todos viviam em perfeita harmonia. Certamente, alguém havia burlado a

atenção dos moradores e feito aquilo com sua filha. Porém, tinha prometido à menina Belak, no leito da CTI, que iria encontrar o malfeitor e vingar o mal que lhe foi feito.

Enquanto sua filha jazia no leito do hospital, sua esposa não tirava o pé dali, os pais temiam que o criminoso disfarçado de visita e relaxado os cuidados de médicos e funcionários, ele desse cabo de Belak, pois a polícia científica concluíra que a menina depois de estuprada, foi vítima de asfixia e, se não fosse a intervenção providencial e involuntária de Kaleb, o criminoso teria consumado seu crime de morte.

Embora Kaleb fosse homem de poucas letras, instrução primária, pedreiro de profissão, intuição aguçada, instinto aflorado, enquanto sua filha permanecia hospitalizada, ele procedeu uma investigação minuciosa. Conjeturou, desde o dia do constrangimento moral, da conjunção carnal forçada, sobre a possibilidade do malfeitor de Belak, ele está entre vizinhos, cunhados, sobrinhos, tios e avô. Não excluiu ninguém, pois o modus operandi do crime foi de gente conhecida e não de gente desconhecida.

Três dias depois:

- Não fui eu, Kaleb!
- O seu RG estava na bagunça da roupa de cama de Belak, que me diz?
- Não sei!
- Procure saber, miserável!
- Não sou pedófilo, Kaleb!
- As marcas mais profundas de agressão de Belak, estão do lado direito do seu corpo!
- Não entendi!?
- Você é canhoto, não?
- Sim!
- Significa que o malfeitor de Belak é canhoto!
- Eu não sou o único canhoto daqui, o seu irmão é canhoto. Eu tenho dois sobrinhos canhotos e outros moram nesta cidade, e daí?
- E seu documento?
- Alguém o plantou lá!
- Você é um escroque da sociedade, merece morrer!
- Você é justiceiro!?
- Não!

- Pois, o Evangelho diz: “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está ... ver que Deus não é a favor dos que fazem justiça com as próprias mãos”.

- José Maria, também, está escrito: "Deus odeia o pecado e o pecador também".

Uma semana depois:

O corpo de José Maria foi encontrado uma semana depois num despenhadeiro 5 Km distantes de sua residência. Kaleb foi preso por 5 dias como principal suspeito e foi solto por falta de provas, mas sujeito às medidas restritivas de não sair à noite nem viajar para outro estado ou cidade sem permissão do juiz. Sua mulher não se convenceu de seu argumento de inocência, pegou as malas e os filhos menores e voltou para casa do pai. Os sogros, os demais cunhados e os sobrinhos emprestados viraram-lhe a cara. Jonas, o irmão mais novo, foi o único que lhe compreendeu e o apoiou.

O Dia D:

Dia marcado para saída de Belak do hospital. Embora seu quadro tenha sido grave, pela asfixia e a preocupação dos médicos com os riscos de doenças sexualmente transmissíveis (DST), ela ficou sem sequelas mentais e os danos físicos foram afastados com uso de remédios antivírus, a seqüela da alma seria curada com o tempo e acompanhamento psicológico.

O susto foi contido quando Kaleb adentrou no apartamento de Belak. Lá estavam investigadores, delegado, assistente social e psicóloga. A menina chorosa aconchegou-se em seus braços, com jeito, ele a acariciou e fê-la voltar ao quase normal. O delegado explicou-lhe que tudo não passava de rotina investigativa, que a doutora psicóloga iria ouvir a menina, pois os médicos tinham dado alta a Belak, a investigação era praxe.

Depois de algumas conversas a sós com a doutora psicóloga, o delegado lhe perguntou:

- E aí, mocinha, pode dizer ao tio quem foi o homem mau? – a menina olhou para os pais, em especial, Kaleb, como que lhe pedisse desculpa, respondeu:

- Tio Jonas! – Kaleb não aguentou:

- Meu irmão!?! – a menina quase balbuciou:

- S... si... sim... p... pai! – o pai de joelhos:

- Deus ó Deus, Vós permitistes que o Diabo usasse meu irmão para mutilar minha alma, meu ser? Como irei viver de agora em diante com a consciência em chamas pela morte dum inocente? Judas foi menos ardiloso que meu irmão! Judas enforcou-se de remorso depois que entregou Jesus Cristo aos seus inimigos para ser crucificado. Meu irmão não teve remorso! Meu irmão assassinou José Maria para vingar-me de um crime que meu cunhado não fez. Que mente diabólica! Que o fogo do inferno queime sua alma!!! – Kaleb ficou-se fatigado.

Ambos foram presos. Jonas porque apertou o gatilho e escondeu o corpo e Kaleb por ter consentido. Jonas morreu, logo depois, por ter violado o código de honra não escrito do bandido que não aceita o estupro nem crime de morte de crianças.

30

O Guriatã e o Pintassilgo

R. Santana

Não faz muito tempo, mas um tiquinho de tempo, que o Guriatã arvorou-se, estufou o peito de vaidade – eu sou o maior intérprete da natureza, portanto, não é justo ficar de fora da Confraria dos Músicos da Floresta (CMF) -, e, espalhou pra quem quisesse ouvir-lhe que seria candidato à confraria assim que um dos seus membros morresse. Tudo ia muito bem se o Pintassilgo não lhe fizesse oposição: “... Gaturamo não é Curió!”, não estava sozinho, a maioria dos pássaros lhe fazia coro.

Porém, o Guriatã tinha seus seguidores: um artista que versava em mais de 50 cantos, não era justo ficar de fora da “Confraria dos Músicos da Floresta – CMF”. Dentre seus seguidores, a Calopsita e Corvo eram as mais fiéis: a primeira por interesses iguais e a segunda por puxa-saquismo, por isto, os conflitos eram constantes e trocavam farpas:

- Eu o acompanharei ao próximo congresso da CMF... – a Calopsita a interrompe:

- Não! Quem lhe autorizou, parente de Anum?

- A minha amizade!

- Ah ah ah...

- Ridícula!!!

- Eu!?

- Existe outra serelepe aqui?

- Não, encarnação do mal!

- Vem, branquela xexelenta!

- E você? Com esse grasnir de “gato engasgado”, cavernoso, grasnido de alma de padre... Negra como agente funerário!

- Eu tenho orgulho da minha raça, amarela enxofrada! Tu não passas de

periquito que não deu certo, canto de corneta Uirapuru!...

O Guriatã continuou arrostar cantos e mais cantos, mais amigo dos pássaros que sabiam cantar e indiferente com aqueles que não cantavam.

A reunião foi marcada para escolha do novo membro da Confraria dos Músicos da Floresta - CMF. Naquele dia, os 13 músicos e cantantes mais importantes da floresta estavam lá: o Uirapuru, o Rouxinol, o Curió, o Sabiá, o Pássaro Preto, o Bicudo, Trinca de ferro ou “João velho”, o Azulão, o Bigodinho Mineiro, o Canário Belga, o Pintassilgo, o Cardeal e o Coleirinha.

O Sabiá, o canto mais melodioso da floresta presidia os trabalhos, assessorado pelo Curió e secretariados pelo Pássaro Preto.

João Velho apresentou o Guriatã aos confrades, ressaltou suas qualidades de intérprete mais dotado da natureza. O Pintassilgo acusou o Guriatã de cantante medíocre, um imitador comum, plagiador, que não produzia canto próprio, diferente do

Curió que imitava, mas produzia suas melodias, enfim, o Guriatã não passava de um embusteiro.

Os trabalhos ocorreram como de praxe. A eleição, avaliada pelos expertos, o Guriatã venceria se somente se o Pássaro Preto não gritasse:

- Cantantes, cantantes, a urna de votos foi inutilizada, ela está cheia de cocô!!!

Todos olharam pra cima e o Beija-flor, a única ave que sobrevoa e pára no meio do nada...

Moral da História: Não se deve subestimar o outro. Deve-se respeitar os diferentes, pois Deus premiou todos os seres com aptidões e talentos. Nenhum ser Lhe é insignificante!...

(*) Fábula

O pequeno cajueiro

R. Santana

Ele tinha um pouco menos de três metros de altura, aliás, sua altura não passa de palpite, apenas, sabíamos que dentre todos os cajueiros da chácara, o nosso era o menor, o mais aconchegante, o mais estimado, aquele que alimentava as nossas fantasias, os nossos sonhos, as minhas esperanças e as esperanças da minha prima Gilcélia, às vezes, passávamos a tarde ou a manhã embaixo do cajueiro brincando de “casinha”, de “médico”, de “carrinho de madeira”, de “boneca”, então, trepado nele gozando a paisagem, ou, trotando-o como um cavalo, o cajueiro parecia gostar de nossas brincadeiras, o cajueiro parecia gostar de dois pirralhas de 8 e 9 anos de idade.

O nosso pequeno cajueiro nasceu na chácara do meu avô João Zabelinha, cresceu lá e ainda está lá no Coqueiro, na cidade sergipana de Lagarto. Hoje, ele está maior e mais robusto, mesmo com o tempo, não perdeu o viço e a boniteza: frondoso,

tronco forte, rijo, galhos compridos, brotos que nascem ao redor, folhas esverdeadas, amareladas e avermelhadas.

No inverno chorava sempre e as lágrimas escorriam em suas folhas. No outono, ele curti a temperatura amena, mas amarelava de medo de perder essa temperatura suave; vinha o verão, ficava irrequieto, ardiloso, vivo, alegre e provocante, e quando a primavera chegava, abria-se para vida e reflorescia e brotava vida por todos os lados e sorria pra natureza.

O sol sinalizava meio dia e Gilcélia, arteira, improvisava o nosso almoço embaixo do nosso pequeno cajueiro: os pratos de esmalte, as colheres, os garfos e o feijão eram trazidos de sua casa; a farinha, o arroz, a carne e a cabaça de água potável eram trazidas da casa do meu avô, a minha casa. Depois do almoço, refestelávamo-nos no seu tronco e com voz desafinada, nós cantávamos “Cajueiro” de Jackson do Pandeiro:

Cajueiro

Cajueiro, êê, cajueiro ê-á

Cajueiro pequenino

Todo enfeitado de flor

Eu também sou pequenino

Carregadinho de amor.

Tradicional cajueiro

Dos meus avós traz lembrança

Testemunha evocativa

Dos meus tempos de criança.

O cajueiro não dá coco

Coqueiro não dá limão

O amor quando é de gosto

Não produz ingratidão.

Cenário de festa contemplado lá de cima pelo nosso pequeno cajueiro, talvez a gozar de nossas invencionices, de nossas estripulias, do nosso amor, das nossas vozes desafinadas, de nossa ingenuidade, de nossa inocência... Eu batia o pé que nosso amigo

entendia-me, Gilcélia me chamava de maluco, então, na casa do sem jeito, eu a desafiava:

- Eu vou lhe pedir o maior caju... – ela interrompeu-me:

- O quê? Tu estás maluco, onde já se viu o cajueiro lhe dá caju? – não me fiz de rogado:

- Meu pequeno cajueiro! Meu pequeno cajueiro! Meu pequeno cajueiro manda um caju pra mim! – não se sabe se coincidência, o caju despencava no chão.

Ó Deus! Ó Deus! Quê razão Tu fizeste de mim um homem? Porque Tu não me deixaste menino? O tempo não recua e os momentos de felicidade também, já que não sou mais menino, Vós não apagues de minha alma esses momentos de criança e permita que minha alma goze essas recordações sempre! Que elas sejam eternas enquanto um sopro de vida me restar!...

32

O Talento

R. Santana

De quando em vez, depois de algumas cachacinhas com limão (pobre não toma whisky), de cabeça cheia, problemas resolvidos, fico filosofando sobre os enigmas existenciais: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e, “Para aonde vou?”, decerto, não encontro resposta nem ninguém a encontrará. Melhor seria se o homem não ficasse conjeturando o desconhecido. Saber o quê? Inteligente é não saber. Porém, uma das coisas que me intriga é o talento, seria gratificante se todo homem desenvolvesse seu talento qualquer que fosse sua atividade.

O talento é importante para Deus, todos nascem com mais ou menos talento, uns desenvolvem-no e outros não, isto não significa, que aquele que recebeu menos talento não desenvolva melhor que aquele que recebeu mais talento.

A parábola contada por Mateus (25:14-30), traduz o propósito de Deus sobre o talento. Certo senhor fez uma longa viagem e deixou para seus servos alguns talentos. O primeiro servo, recebeu 5 talentos e quando o senhor voltou recebeu o dobro e o reconhecimento: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei, entra no gozo do teu senhor”. O segundo servo, recebeu 2 talentos, também,

dobrou os talentos e com o dobro, veio-lhe o reconhecimento do seu senhor. O terceiro, recebeu 1 talento, com medo do senhor, enterrou seu talento na terra e não o devolveu: “Mau e negligente servo, irei tirar seu talento, porque a qualquer que tiver lhe será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado”.

Para o feiticeiro de Menlo Park (The Wizard of Menlo Park), Tomas Edison, que patenteou em vida mais de 2300 inventos, o talento exige sacrifício, determinação, trabalho, transpiração, senão, não produz, não se cria, a ideia morre no nascedouro, é como o servo que enterrou seu talento com medo de ser admoestado pelo seu senhor, Edison teve vários fracassos antes de colocar no mercado consumidor sua lâmpada elétrica incandescente. Se ele se rendesse às dificuldades iniciais de seu invento, o homem teria vivido o Século XX, à luz de candeeiro, não, de luz elétrica.

O talento independe do aspecto físico. É sabido que na Conferência de Haia, Rui Barbosa foi vítima de preconceito de seus pares, pelo seu aspecto físico diminuto, inclusive, uma das conferencistas o chamou de “macaquito”. Para surpresa de todos, iniciou sua preleção inquirindo-lhes qual o idioma seria mais condizente para compreensão de todos e transitou com facilidade no idioma inglês, no idioma francês e no idioma alemão, os idiomas oficiais da conferência, enfim, defendeu a tese dos países em desenvolvimento e foi cognominado: “Águia de Haia”.

O talento é tão importante nas atividades humanas, que há anos, os ingleses buscam-no através do programa televisivo nacional, quiçá mundial, intitulado: “Britain’s Got Talent”. Os resultados não são tão animadores... Centenas de candidatos se apresentam para demonstrar seu talento, mas poucos fazem a diferença, por isto, quando aparece um talento de verdade a exemplo de Susan Boyle, é curtido nas Redes Sociais por centena de milhões de pessoas.

Susan Boyle se apresentou em Glasgow, vinha de West Lothian (aglomerado de vilarejos), Scotland. Desajeitada, quase cinquentona, nunca tinha sido beijada, desempregada, afastada da família, sua única companhia era seu gato Peebles. Não obstante seu aspecto físico desleixado, malvestida, cabelo desgrenhado, sua autoestima permaneceu pra cima: “eu vou fazer esta plateia tremer”.

O talento venceu o preconceito. Simon Cowell, como de praxe, quis saber de sua vida, de onde vinha, qual seu modelo de sucesso e fez uma cara de incredulidade quando Susan Boyle informou sua idade. Um programa voltado para faixas etárias de gente nova, ao informá-lo que estava com 47 anos, os risos da plateia e dos jurados encheram o ambiente. Para desanuviar as circunstâncias, o jurado Piers Morgan,

perguntou-lhe o que ela ia cantar (I Dreamed a Dream From – Les Miserables) e, ao invés duma voz de taquara, estridente e desafinada, surpreendeu ao mundo com seu canto harmonioso, versos claros, voz doce e afinada. Quando ela terminou de cantar, foi aplaudida de pé.

Deus deixou talento para todos, independente, de gênero, de cor, de raça e de religião. Cabe ao homem, multiplicá-lo ou enterrá-lo como fez o servo mau. A missão do homem, aqui na Terra, é direcionar seu talento para o bem ou para o mal, conforme sua natureza e seu livre arbítrio.

Enfim, a diferença entre o gênio e o homem de talento, é que o gênio é mais inspirado, desenvolve em altíssimo grau sua capacidade mental criadora, isto é, faz acontecer seus talentos, persegue-os sempre; enquanto o homem comum desenvolve menos sua mente criadora, esforça-se menos, não persegue seu talento, conforma-se com o pouco, exercita menos sua mente, ele usa seu talento a nível de sua existência, ou seja, explora sua inteligência, somente, para resolver os problemas da vida cotidiana e não do espírito.

O velho e o menino

R. Santana

Estava sentado no banco da praça “X” quando fui atingido por uma bola e atrás da bola um menino, de chofre lembrei-me do saudoso locutor Nilton Silva que na sua “Voz do Povo” (rede de alto falantes), alertava os motoristas: “Cuidado motorista, atrás duma bola vem sempre uma criança!”, Nilton Silva, aliás, conhecido por amigos e inimigos pelo apelido de “Lagartixa”, era um

sujeito pretensioso em sua simplicidade, às 4: 00 h da manhã, ele acordava os moradores com seu programa sertanejo, mas antes anunciava: “Amigos e amigas, bom dia! A “Voz do Povo”, do seu estúdio, à Avenida Princesa Isabel, 1020, Bairro São Caetano, a partir de agora, fala para Itabuna, o Brasil e o mundo!...”.

De quando em vez, eu o caçoava: “Lagartixa os seus alto-falantes são ouvidos, somente, no São Caetano – e, olhe lá! -, não Itabuna, Brasil e mundo, ah ah ah...”, ele

justificava: “Os nativos daqui são itabunenses, mas há gente de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, etc., ou seja, gente de outros brasis, e, gente português, espanhol, inglês, logo, do mundo” – fazia sentido... Aí, dei-me conta do meu devaneio quando um loirinho me tocou:

- Vê, desculpe, foi sem querer... – fiz-me de zangado:

- Garoto, quase quebra meu óculos! -

Mas... mas... eu... eu lhe pedi desculpas... – com cara de choro.

- Oh, não precisa chorar garoto! – brinquei:

- Homem não chora! – selamos nossa amizade com um toque de mãos espalmadas, depois com o toque das mãos em punhos:

- Seu nome?

- Paulo Guilherme! – mais descontraído:

- E o seu, vê?

- Narvil!

- Hum... hum...que nome bonito!

- O meu nome é comum, mas o seu é cheio de significado: Guilherme foi um grande rei normando, cujo codinome era o “Conquistador”; Paulo um líder de todos os tempos da religião cristã, um apóstolo de Jesus Cristo!

- Uau!!! Você é sábio!?

- Quê sábio!?!...

- Meu pai disse que os velhos são sábios...

- Paulinho, seu pai quis dizer que “alguns velhos são sábios”, não foi?

- Não sei!

- Você tem quantos aninhos?

- Seis!

- Já sabe ler e escrever? – acrescentei:

- Paulinho, quer ler aqueles nomes?

-Mi...xi... mixi... ri... cas...”Mixiricas!”; de...ta...lhes...”Detalhes!”; so...a...res...”Soares!”; con...sul...”Cônsul!”...

- Parabéns, Paulinho!

- Vê, ainda não leio de uma vez... gaguejo... não é?

- Paulinho é assim no início, com o tempo, você irá ler corrido igual um trem bala!

- Você gaguejou quando era pequeno?...

- Pior, Paulinho! Na sua idade, eu ainda estava no ABC, não soletrava. A professora lia corrido o alfabeto, depois furava um buraco numa folha de papel, colocava aleatoriamente o buraco do papel na letra e perguntava: “Quê letra é esta?”, se errasse...

- Se errasse, vô?

- Bem... se errasse, ela dava na mão com palmatória!

- Palmatória é o quê?

- É uma peça circular pequena de madeira com um cabo (eu a desenhei no chão do jardim), antigamente, quando o aluno não acertava a lição, ele tomava “bolo” nas mãos!

- Tia Ruth não me bate, quando não sei a lição, eu fico de castigo pra pensar!

- E, quando sabe a lição?

- Eu assisto aos filmes, desenhos na TV e, uso os brinquedos da escola!

- Ufa!... Quais são os filmes e desenhos que você gosta?

- Peppa Pig, Os Três Porquinhos, Capitão América, Homem Aranha, Frozen, Dora, Chaves, Patati Patatá, Atchim e Espirro...

- Um bocado, né?

- Sim!

- Mas... os que você mais gosta?

- Vô, gosto muito de Chaves, Capitão América, Homem Aranha, os brinquedos eletrônicos e os jogos pra encaixar peças!

- Paulinho, eu tenho inveja de sua época, na minha época, não havia esses super-heróis em DVD, os heróis vinham em revistas de quadrinhos, literatura de cordel, depois surgiram as revistas de Walt Disney e histórias de livros escolares, aliás, não havia TV, não havia videogame, brinquedos educativos, etc., até as novelas eram radionovelas!

- Vocês brincavam de quê?

- Paulinho, as nossas brincadeiras contribuía para o desenvolvimento da mente e do físico mais que hoje. As meninas brincavam de boneca, bambolê, pular corda, amarelinha, esconde-esconde; os meninos, de peteca, jogo de bola, de carrinho de

rolimã, de pipa, de esconde-esconde, de pega-pega, de gude, de corrida de bicicleta... – fomos interrompidos por 2 casais de pombos.

Paulinho é um menino precoce, mas como todo menino de sua idade, os passarinhos, as aves, os cachorros, os gatos, os cavalos, os jegues, enfim, os animais, exercem um fascínio que as crianças e os adultos não resistem. Ele me deixou sozinho sentado no banco da praça e, tirou do bolso um pacotinho de biscoitos de chocolate e começou alimentá-los, os pombinhos, num instante, ficaram seus amigos e ele foi puxando-os para um canto distante de onde estávamos. Quando não mais havia farelo de biscoito, os pombos bateram asas e voaram.

Paulinho voltou para mim, quis lhe falar que não era sábio, pois cada um é sábio de sua sabedoria, que de acordo o nosso pensador Paulo Freire: “Não há saber mais nem saber menos, há saberes diferentes”, e, daria o exemplo que ele sabia todas as histórias dos super-heróis atuais, enquanto eu não sabia nada, porém, tal conversa havia sido esgotada, por isto, puxei conversa que mais lhe agradaria naquela hora:

- Cadê os pombos?

- Quando terminou o biscoito, eles voaram!

- Você não ficou zangado, Paulinho?

- Não vô, é assim mesmo, quando eu como, vou brincar, capo o gato!

- Você gosta dos bichinhos, né Paulinho?

- Minha mãe me ensinou gostar! Lá em casa ninguém mata nem formiga, meu pai é médico, diz que os bichinhos têm vida, só Deus tem o direito de tirar a vida. Você gosta dos bichinhos, vô?

- Claro!

- Vô, meu pai tem uma fazenda não muito longe daqui. Lá têm cachorro, boi, vaca, cavalo, égua, frutas, verduras, e, no fundo da casa principal, ele fez um jardim com muitas flores!

- Flores?

- Muitas flores... rosas.... jasmins... orquídeas... antúrio... helicônias... hibisco... bastão-do-imperador... gengibre ornamental.... muitas flores, vô!

- Você as reconhece pelos nomes, Paulo Guilherme?

- Sim!

- Quem lhe ensinou?

- Minha mãe!

- Eu sou um ignorante, não sei diferenciar uma orquídea amarela de uma orquídea vermelha, aliás, eu não reconheço nem... uma rosa branca de uma rosa rosa!...

- Verdade!?

- Sim!

- Pois vô, eu converso com as flores, com meu cavalinho “Zé Pequeno” e minha vaquinha “Gerusa”!

- Os animais e as flores entendem sua fala?

- Sim!

- Sim? Por quê?

- No jardim, quando chego, elas estão murchas, pra baixo, quando eu chamo cada uma pelo nome, elas começam abrir-se... dentro de pouco tempo, tudo está florido e bonito!

- E os animais?

- Eu passo a mão pelo lombo, chamo-os também pelo nome, daqui a pouco, eles tão saltitantes e alegres!

- Cuidado com coices!

- Vô, não foi rápido, primeiro, o vaqueiro fez um trabalho de domesticação, depois foi minha vez! – foi interrompido por sua mãe:

- Paulo Guilherme, vamos embora! – ele me apresentou:

- Minha mãe, seu Narvil, ele, agora, é meu vô, ele é maneiro! – cumprimentamos e, fiquei de visitar sua casa no Góis Calmon, por fim:

- Tchau, vô!

-Tchau, Paulinho!...

A chuva torrencial escorria na janela envidraçada da residência da família Caldas. O relâmpago de quando em vez iluminava o quarto e os pipocos dos trovões estremeciam o ambiente.

Sílvia e o seu sogro Luiz estavam aflitos, não sabiam como socorrer Oscar, àquela hora da noite, ele arfava cada vez mais ofegante em busca de ar. A filha do casal, de 4 anos de idade, era a única alheia àquela situação dramática, dormia profundo embalada pelos anjos.

O medo de Oscar era morrer no escuro, ainda cedo, tinha levado pra casa um pacote de velas de espermacete e uma caixa de fósforos, porém, no momento de um grande trovão, o “Aladim” que iluminava o quarto entrou em blackout e, o fósforo e as velas sumiram na bruma da noite, Oscar sussurrava no ouvido da esposa, rogava-lhe ar e luz.

Não há escuridão que a chama de uma vela não ilumine... Sílvia encontrou em suas bugigangas uma vela e um fósforo e a luz foi restabelecida de maneira precária e atendeu parcialmente ao rogo de Oscar, seu semblante iluminou-se, tudo seria remediado se a chuva desse uma trégua e as janelas pudessem, também, ser abertas e o ar aliviasse o moribundo.

Às 23 horas e 50 minutos daquele dia, o céu parou de chorar, as lágrimas, agora, escorriam fininhas, o trovão e o relâmpago fizeram as pazes, aí, o velho Luiz abriu de repente as vidraças e uma rajada de ar envolveu o quarto. Oscar sugava o ar com vontade, porém, a força do vento além de apagar a vela consumiu todo o fósforo nas mãos trêmulas de Sílvia, novamente, o blackout tomou conta da casa.

A pequena Tereza, perto da meia noite, choramingou quando o movimento no quarto elevou o ruído dos objetos, Sílvia como não mais tinha fósforo, esqueceu-se do marido por minutos e voltou-se para filha, aconchegando-a, para que ela não acordasse de uma vez e o socorro ao marido ficasse comprometido, mas a Providência intercedeu e a criança parou de choramingar e voltou a dormir como antes.

O quadro cardiorrespiratório de Oscar teve uma pequena melhora, com a corrente de ar que entrava e saía do quarto. O ritmo descompassado de sua respiração parecia, agora, normal o que não agradou ao experiente Luiz que viveu até aquela data, com o adágio popular na cabeça: “... todo doente pra morrer sente um alívio...”, não queria pensar na morte de Oscar, pois seria sua própria morte: filho e pai eram um só, o que um pensava o outro adivinhava, os dois eram unha e carne, jamais tiveram rugas, a

felicidade do filho completava a felicidade do pai e a felicidade do pai era sentida pelo filho.

Minutos eternos de normalidade para Oscar...

Estimado leitor, no ano de 1943, mês de agosto, dia 2, Oscar Caldas de terno de casimira azul, chapéu panamá branco, camisa branca de mangas compridas com abotoadoras de ouro, gravata, cinto de fivelas de ouro, sapatos pretos engraxados, orientava 5 carroceiros que atravessaram a ponte Góis Calmon, até avenida “Macuco”, onde ficava sua casa comercial, no bairro Nossa Senhora da Conceição, antiga Abissínia, na cidade itabunense. Os carroceiros descarregaram as carroças e ajudaram o negro Tuiúca arrumar as mercadorias no armazém, compradas do outro lado da cidade.

Quem não o conhecia diria que o moço iria pra um evento ou reunião de negócios pelos trajes impecáveis, quem o conhecia no dia a dia, diria, apenas, que naquele dia, ele tinha exagerado, dado um toque a mais, porém, o terno e o chapéu panamá eram rotina em sua vida, às vezes, mais relaxado, ele dispensava a gravata. Sua elegância era admirada por conhecidos e não conhecidos, tanto que o negro Tuiúca o apelidara: “Il Príncipe”.

Esse traje almofadinha o tinha livrado de morrer 2 meses antes: um sujeito quase decepa o seu pescoço pra lhe roubar. A gola alta de sua camisa amorteceu o golpe. Mesmo com os cuidados do médico Dr. Moisés Hage que lhe atendeu de pronto, ele perdeu muito sangue.

Oscar, meses depois, consultou o médico Dr. Victor Maron sobre sua saúde, pois ele vinha sentido um desconforto no peito e ouviu do médico a recomendação:

- Oscar, trabalhe menos. O nosso coração é uma bomba natural, se recebe uma sobrecarga, tende a pifar... – o médico assustou-se com a infausta resposta:

- Doutor, não passo deste mês!

- Não se agoure, meu caro, você ainda é moço!...

Naquele dia, no finalzinho da tarde, depois do armazém arrumado, as mercadorias nos devidos lugares, prateleiras cheias e o que sobrou armazenado no depósito, Oscar chama a esposa para os fundos do armazém e inicia uma conversa estranha:

- Sílvia, eu não estou bem... Chame meu pai! – a esposa suaviza:

- Querido, não é nada... – Oscar deixa-a assustada:
- Sílvia, não me deixe morrer no escuro!
- Poupe-me desta conversa!...

Naquele dia, 02 de agosto de 1943, às 23 horas e 58 cinquenta e oito minutos, a chuva voltou abundante, o velho Luiz correu pra fechar as vidraças enquanto Sílvia afagava o marido. Os relâmpagos anunciaram novas trovoadas, mais estrondosas. O tempo fechou...

Às 23 horas e 59 minutos, um relâmpago demorou alguns segundos e iluminou todo o quarto. Luiz e Sílvia juntos de Oscar foram testemunhas dos seus últimos estertores. Luiz não suportou tamanha perda, tombou sobre a cama e foi amparado por Sílvia - Luiz foi sepultado no mesmo dia do seu filho e Dr. Victor Maron o atestou vítima de AVC fulminante.

O presságio de Oscar se confirmou. Um relâmpago foi providencial para que ele não morresse no escuro.

- Dias depois, a pequenina Tereza dizia vê-lo:
- Papai voltou mamãe!!!

35

Pedro, o Grande.

Não, não, não falo de Pedro, o Grande, da Rússia, o Czar do Czarado, mas falo de Pedro Batista de Santana, de apelido “Pedro do Bar”, valente nordestino que deixou

Lagarto no finais dos anos 40 e migrou para Ilhéus, Maria Jape, em cima dum pau-de-arara, não o pau-de-arara dos porões de governos discricionários no início do Século XX, mas num caminhão “Ford” ou “Chevrolet”, ou num caminhão “GMC”, adaptado com bancos de madeira (tábuas de 35 cm de largura, em horizontal, que eram travadas nas laterais da carroceria.

Pedro chegou ao Sul da Bahia, fugindo da seca e do trabalho estafante do cultivo e produção de fumo in natura em sua terra natal. Trazia na mala de couro curtido desenhado (o chique do chique da época), roupas de linho, cáqui, brim e uma única calça de casimira tropical que seu padrinho João de Juvência lhe presenteou no dia da viagem e, uma força indômita de vencer.

Em Maria Jape comeu “o pão que o Diabo amassou”, se não se valesse para seu sustento da fauna dos mangues e do rio Cachoeira, ou rapadura com charqueada e farinha seca do Japu e de Buerarema, ele teria morrido de fome. Seu primeiro emprego, se tirar madeira na mata para fazer feixe de lenha (não havia gás de cozinha, todos cozinhavam com lenha), pra vender na feira-livre de Ilhéus, é considerado emprego, foi aí que ele começou em terras grapiúnas.

Se algum pesquisador da História do Bairro São Caetano, for honesto e competente, lhe elegerá como principal fundador deste bairro itabunense. Claro que o fundador oficial foi José Batista Caetano, depois, na linha sucessória, seus ociosos filhos: Peó e Zezinho. Eram negros cordatos, amigos, direitos, mas onde pisavam, o capim morria, viviam no ócio do aforamento dos terrenos do bairro e sustentaram um litígio judicial por mais de 20 anos com Dr. Durval Guedes de Pinho, pela titularidade e reconhecimento de propriedade das terras do bairro, mas perderam a causa e o patrimônio com as custas de advogados.

Pedro chegou à Itabuna no ano de 1949, quando São Caetano não era São Caetano, mas “Fuminho”. Aliás, há uma estória folclórica no início do bairro: contavam os antigos que quando ainda não existia a ponte Francisco Lacerda sobre o Rio Cachoeira, 2 ladrões roubaram na cidade, umas bolas de fumo e se homizaram, depois duma travessia perigosa no Cachoeira (nessa época o rio não era poluído, era caudaloso com grandes correntes de água, atravessá-lo de canoa e carregada, era uma epopeia), e esconderam o produto do roubo nesse bairro que não passava de um pequeno vilarejo com meia dúzia de casebres de famílias e de putas, mais de putas do que de famílias, além de muita mata e roças de cacau.

A polícia encontrou os ladrões, também, o produto do roubo e o vilarejo passou ser conhecido por “Fuminho”, alguns anos depois, em homenagem ao fundador, José Batista Caetano, e o fato das terras possuírem grande quantidade de plantas de São Caetano, o bairro foi batizado com este nome.

Pedro sempre foi um empreendedor, um negociante nato, desde menino, ele ia pra feira-livre de Lagarto com 1 litro de cachaça, vendê-la a varejo. Quando saiu de Maria Jape e chegou ao “Fuminho”, logo, comprou um quiosque e fê-lo ponto comercial e residência. O quiosque tinha de tudo, desde o fósforo à carne-de-sol, a farinha, o toucinho e o feijão. Pouco depois, passou construir pequenas casas e vendi-as com facilidade, pois o bairro crescia a olhos vistos.

Pedro tinha compromisso moral em Lagarto: lá deixou uma noiva. A despeito dos comentários desairosos, que ele não voltaria para honrar esse compromisso matrimonial (tinha fama de namorador e raparigueiro), voltou 6 anos depois e se casou com a jovem Celsa que o esperou por todo esse tempo. Ele não podia ter feito coisa melhor, tirou a sorte grande, porque, desde o início do casamento, ela demonstrou determinação, fidelidade, generosidade e trabalhadora. Depois do casamento, os seus negócios cresceram e ele passou ter não só um pé-de-meia, mas, dois pés-de-meia.

Os filhos vieram, todos cresceram no trabalho e no estudo, hoje, o mais velho é engenheiro agrônomo, o do meio, juiz de direito e, o mais novo, administrador e aposentado pelo Banco do Brasil. Não foram criados com mimos e vícios, mas na labuta do dia a dia. Desde cedo, os pais lhes ensinaram que a vida se baseia num tripé: conhecimento, respeito ao outro e Deus.

O “Bar de Pedro” surgiu em 1957, com 2 sinuques, mesas de dominós, um arremedo de lanchonete e algum tempo depois, uma sorveteria, na esquina da Avenida Princesa Isabel, 1020, São Caetano. Não demorou muito, tornou-se o principal point e referência de endereço, aqui, ali e alhures - o sujeito em São Paulo, ensinava: “no Bar de Pedro, todos sabem onde moro”. Porém, foi no governo do Gal. Juracy Magalhães (1959 – 1963), que liberou geral o jogo de azar, o período mais próspero do “Bar de Pedro”, o dinheiro corria a rodo de cacifes, no final da noite, feito o caixa, havia uma dinheirama, isto ajudou que Pedro educasse todos os filhos e construísse um pequeno patrimônio.

O trabalho no bar era cansativo, se não fosse Celsa, sua esposa, que além “pé de boi”, fazia mingaus e doces para abastecer o bar como ninguém! Às 6 horas, quando a rotina do bar começava, Celsa já tinha pronto para seus fregueses, panelas de mingau de

milho, de puba, arroz doce, bolos, canjicas, torradas, vitamina de banana ou abacate, chocolate, café, leite, etc.

No bar, não havia roleta. O jogo de baralho preenchia às necessidades dos jogadores contumazes, viciados, que jogavam dia e noite. Quantas vezes acordei no crepúsculo da madrugada e estava lá, Pedro, atento para que o cacife não fosse negligenciado.

Os jogadores são gozadores, principalmente, com os “perus”, lembro-me de “Crente” ou, “Gordo”. Não obstante “Crente” fosse de família abastada, sobrinho do pecuarista e deputado estadual Paulo Nunes, era um malandro, um gozador, cuja atividade principal era o jogo apostado de baralho, de sinuque, ou dominó. Possuía (Deus o tenha em sua misericórdia), uma língua ferina e facilidade para botar apelido mesmo quem já o tinha. Ele colocou: “Lubião” no negro Crispim; “Papagaio de Pirata” em Lopeu; “Maneta” em Zé Urubu”; “Mão-de-gato” em Altino; “Soldado Meganha” em Dico...

Certa feita, Lubião perdeu os últimos centavos no jogo de baralho, o sortudo foi “Crente” que limpou todos os parceiros, ao lhe solicitar ajuda financeira para reverter sua má sorte, “Crente” lhe propôs: “Se você comer aquela barata sem vomitar, eu lhe darei Cr\$100,00 (cem cruzeiros), não é que o negro “Lubião” comeu a barata?! Pois sim, comeu a barata e fez da má sorte, a sorte grande, limpou todos os parceiros, inclusive, “Gordo”.

Pedro não fazia sua felicidade com a infelicidade do outro, o jogo de azar era uma atividade de maduros, de velhos, adolescentes, menores de 18 anos de idade, não jogavam, os jovens de 18 anos de idade e acima desta faixa etária, jogavam dominó e sinuca, mas esportivamente, nada de aposta, somente, o prazer de saber quem era o mais apto no taco de sinuque ou, no jogo de dominó, isto é, divertir-se, hobby...

Pedro, embora de poucas letras e pouco leitura, gosta de política, não somente a consciência cidadã, **a polis de** Aristóteles, o exercício de cidadania, a consciência de direitos e deveres, mas a política partidária. Por insistência de Daniel Gomes, filiou-se ao MDB, hoje, PMDB. Dentre os políticos de expressão da terra que apoiou, que pediu voto e votou: Simão Fiterman, Alcântara, Fernando Cordier, Pinheirinho, Oduque e Fernando Gomes (5 vezes eleito prefeito de Itabuna e 2 vezes deputado federal). Naquela época e ainda hoje, com a idade propecta de 90 anos, cultivava boas amizades políticas, não mais participa como antes das campanhas, porém, é o caudilho da família, seu pedido político pode ser avaliado, nunca desconsiderado. Eu sou em exemplo

emblemático: ilustre desconhecido nos anos 70, comerciário e estudante de Filosofia, com sua indicação, fui um dos mais jovens vereadores do legislativo itabunense de 1970 pra cá, eleito pelo MDB, com 584 votos, o 3º. mais votado, depois de Orlando Lopes e Plínio de Almeida, águias da política daquelas eras. .

Nos governos de Oduque e Fernando Gomes, como chefe da patrulha mecânica, prestou um grande serviço à comunidade de Itabuna, principalmente, os menos favorecidos e os ribeirinhos em especial. Seu trabalho social foi e ainda é significativo, sem chamar a atenção, usa um dos mandamentos de Jesus Cristo: “Tu, porém, quando deres uma esmola ou ajuda, não deixes tua mão esquerda saber o que faz a direita” (Mateus 6:3).

Hoje, com 90 anos de idade, lúcido, aposentado, patrimônio considerável, filhos formados e independentes, netos e bisnetos, ainda trabalha em sua bodega, no fundo da única casa lotérica do Bairro São Caetano. Não mais trabalha para ganhar “o pão nosso de cada dia”, mas pelo hábito (segundo Santo Agostinho, o hábito é uma segunda natureza), para não ficar ocioso dentro de casa e os males da idade se agravarem.

Há 2 anos o destino lhe deu um tombo emocional, lhe quedou, jogou-o no chão, mas pouco e pouco, ele tenta soerguer-se, conformar-se, aceitar como fato inevitável de todos os seres vivos: a morte. Foi a morte que levou Josefa Batista de Santana, Celsa, aos 83 anos de de vida e mais de 60 anos de vida conjugal. Celsa foi seu norte, seu “pé de boi”, mulher sem vaidade, sem exigência material ou financeira, esposa, mãe e amiga.

Enfim, que a História de Itabuna lhe faça justiça e o eleja o fundador do São Caetano, pois foi ele que aqui chegou nos anos 40, impulsionou o comércio, a construção civil, politicamente, trouxe energia elétrica e água encanada para o bairro, abriu ruas, elegeu os primeiros vereadores do bairro: Rilvan Santana e Eduardo Fonseca. Hoje, ele é nome de rua no Bairro Jaçanã, homenagem justa e merecida, pois ali, também, foi um dos pioneiros na formação desse bairro com Epaminondas Pinho Lima, porém, é o São Caetano que lhe deve 70 anos de pioneirismo e trabalho.

Itabuna, 03 de julho de 2000.

À Direção, Coordenação, Supervisão, docentes e discentes do IMEAM

Prezados colegas:

Parafrazeando o poeta popular, diria que quem parte, parte chorando, quem fica, fica.... bem... quem fica, fica chorando de dor ou de alegria por ter se livrado de uma **persona non grata** que não irá fazer falta ao grupo, principalmente, não irá fazer falta à comunidade docente e discente dessa escola.

Não iria me aposentar pela prefeitura, agora, teria mais 3 (três) anos pela frente, todavia, pelas mudanças constantes das leis previdenciárias, averbei 3 (três) anos de uma escola de Itajuípe e fui pendurar as minhas chuteiras no cabide do Instituto Nacional da Previdência Social – INSS.

Se a prefeitura dispusesse da figura jurídica do abono de permanência do estado da Bahia em sua relação de trabalho tê-lo-ia solicitado, pois o meu desejo seria ficar mais algum tempo junto com a família do IMEAM. Todavia, nem a vida é eterna, tudo tem o seu tempo e o meu tempo chegou, consola-me ter a consciência do cumprimento do dever.

Levo no baú das recordações mais alegrias do que tristezas dessa escola, mágoa e ódio nenhum. Sempre serei eternamente grato aos gestos e ações solidárias que recebi dos meus colegas nos momentos de dor com a minha filha Ana Paula. Lembrando dela e do seu infortúnio, não poderia deixar de lembrar, por gratidão e justiça, o meu singelo e eterno reconhecimento às preocupações de Alzair, Gracinha, Elza, Nivalda, Inês, Rose Mangabinha, Nildinha e Edulindo, que comungaram comigo no dia a dia dessa nefasta caminhada.

Sei que construir algumas arestas, o meu discurso político, às vezes, é rude entre alguns colegas, uns por dificuldade de empatia; outros, em discordância dos meus princípios políticos. Porém, peço-lhes vênica para lembrá-los que quanto à minha ousada posição ideológica, sempre fui coerente, fiel, mas sem subserviência, fuxico ou alguma conduta desairosa.

Sempre usei de honestidade e lisura com os meus colegas, independente de sua matiz ideológica, porque os governantes são efêmeros, não perenizam, porém, a amizade e a estima são tesouros imperecíveis.

Orgulho-me sobremaneira, encerrar a minha participação nessa escola e ter como diretores uma plêiade de profissionais sensíveis, éticos e comprometidos, pautados, somente, na solução dos problemas funcionais dessa instituição, que sem alimentar futricas, intrigas e alardes, vêm conduzindo com sabedoria o IMEAM, deixando para posteridade exemplo de dignidade e trabalho a ser seguido.

Gostaria de deixar uma palavra de carinho para minha amiga Vera Monteiro, que com seu jeito intempestivo e turbulento, transmite uma fortaleza obtusa, mas não passa de uma menina crescida que se desmancha em lágrimas quando por força de sua função tem que exercer autoridade com um colega.

Não quero, aqui, fazer exercício de futurologia: “mor” irá fazer uma falta inestimável aos quadros do IMEAM quando tiver de deixá-lo – sem puxa-saquismo, pois, agora, irei mamar nas tetas do governo federal, de pernas...

Sem presunção, sem afetação, direi aos meus colegas do giz e da saliva que estamos passando por um processo de abrupta mudança e avanços pedagógicos dos especialistas em educação, essas mudanças são irreversíveis enquanto perdurar o modelo político neoliberal, do livre mercado, da competitividade, da produtividade. Se não quisermos ser sucumbidos pelos novos tempos, teremos que nos adequar profissionalmente. Porém, confio na inteligência dos meus pares e na sua capacidade de discernimento e adaptação.

O desequilíbrio é necessário para o crescimento do sujeito, entretanto, é necessário a priori, que sintamos o desejo de mudar, sem ideias preconcebidas e atitudes preconceituosas. Contudo, não devemos abrir mão da luta por melhores condições de trabalho e de salários justos (não sou daqueles que me constranjo ao falar de salário, afinal, saco vazio não se põe em pé), e também, que não enfiemos goela adentro todas baboseiras teóricas daqueles que ficam nos gabinetes conjecturando ideias panaceias para justificarem a probidade dos seus salários em completo desacordo com a realidade.

O professor de Matemática e disciplinas afins, são os únicos que lidam em sua prática diária com os raciocínios lógicos, com as construções hipotéticas, indutivas, dedutivas, por isto, têm potenciais condições intelectuais para contribuir, sobremaneira, nesse processo de mudança pedagógica, onde a preocupação com a aprendizagem do sujeito e sua formação cidadã constituem as vigas mestras da escola moderna, contemporânea.

Plagiando o imortal Euclides da Cunha, em os Sertões, diria, duas linhas:

“O meu eterno agradecimento à família IMEAM.

Que a paz, a concórdia e o trabalho sejam as divisas da bandeira dessa escola”.

Cordialmente,

Rilvan Batista de Santana

37

Tribunal do crime

R. Santana

Ricardo Shoe não parava de andar sempre no mesmo trajeto, parece que havia traçado uma linha reta na sala, ia e voltava pelo mesmo caminho. O mais sabido e inteligente de todos, antes de seus pais serem vítimas de latrocínio, havia estudado Direito, largou tudo e vingou-se dos criminosos com requintes de perversidade, inclusive, um de menoridade, ele o castrou antes de assassiná-lo e colocou os testículos em sua boca porque esse menor havia seviciado sua mãe antes de ferir-lhe mortalmente. Ele não passou muito tempo detido, a polícia fez o inquérito, o promotor fez a denúncia, mas a justiça rejeitou o processo por falta de provas, na verdade, foi um jeitinho que as autoridades encontraram para concordarem legalmente com a vingança de Ricardo Shoe.

Porém, ele não se satisfiz, somente, com a vingança dos pais, tomou pra si a defesa dos indefensáveis sociais, portanto, quando a justiça falhava, ele fazia justiça por conta e risco, com ajuda de alguns cúmplices na calada da noite em um sítio de herança.

Geralmente, seus companheiros eram pessoas marcadas por injustiça e desejo de vingança. A inteligência maquiavélica de Shoe fazia a diferença dos demais. Admirado por muitos, odiado por alguns, se equilibrava com certa desenvoltura entre a legalidade e o que não é legal, mas que é justo, assim, durante o dia desempenhava seu papel de administrador de empresa, à noite, um “zorro” dos novos tempos quando a situação exigia.

Naquele dia, no julgamento de Zanolho, o cenário era o mesmo desde que começou fazer justiça por conta própria: sete jurados, quatro testemunhas, dois praças, dois advogados (defesa e acusação), um promotor de justiça e um juiz, todos encapuzados à Ku Klux Klan e confortados em cadeiras de assento e encosto macios, mesa de trabalho, e, a imagem da deusa Têmis com a balança suspensa na mão esquerda e a espada embainhada na mão direita. Todos estavam tão compenetrados do seu papel como se fossem verdadeiros agentes da justiça e operadores do Direito.

Quando Ricardo Shoe assumiu a postura de magistrado e encaminhou-se pra mesa, todos ficaram em pé em respeito ao juiz, Zanolho esboçou pequena resistência, mas foi levantado abruptamente pelos soldados trogloditas, quando o juiz tomou assento, os demais o acompanharam e a sessão começou com o sorteio dos jurados que no “Tribunal do crime” são escolhidos a priori e não entre 40 representantes da sociedade, leu-se o relatório do processo, o juiz fez uma explanação com justificativa da criação e existência do “Tribunal do crime”:

- Senhores, a nossa justiça institucional é morosa e corrupta. Há juízes probos, mas alguns são venais, outros, usam as falhas das leis para agradar aos amigos, ou, aos poderosos. Só fica preso o sujeito que não tem recursos financeiros para constituir bons advogados. As instâncias são várias e os recursos são ilimitados em quanto houver jurisprudência... O crime é generalizado, não existe mais “modus operandi” de bandido, os criminosos são iguais em barbárie. O crime está organizado dentro dos presídios e fora... A droga é o mal do século e movimenta mais dinheiro do que alguns países pequenos. O traficante não tem limite de perversidade nem escrúpulos morais, no mundo do crime a lei é a eliminação sumária sem julgamento do infrator sob o manto do silêncio e do sigilo. Nós, aqui, somos justiceiros, isto é, nós amamos a justiça, somos instrumentos de Deus para que a justiça se cumpra neste tribunal. Não somos justiceiros no sentido pejorativo, não somos linchadores, temos o nosso código de honra e o consenso é o nosso norte... – fez uma pausa prolongada e continuou:

- A Lei de Talião é a fonte de nossa inspiração: "Se uma pessoa arrombar uma casa alheia, ele deverá ser condenado à morte e ser enterrado na parte da frente do local do arrombamento", "se alguém acusa o outro, mas não pode prová-lo, o acusador será morto", “\Olho por olho, dente por dente”... Claro que é uma lei exagerada para o Século XXI, todavia, alguns princípios são aproveitáveis e devem ser seguidos. Se a impunidade em nosso país não fosse institucionalizada, o crime não acabaria, é próprio

da natureza humana, mas seria de caráter suportável e justificável, não por motivo fútil e desalmado – fez mais uma pausa e completou:

- Repetindo César: “Alea jacta est”, os dados estão lançados, os senhores do júri, os excelentíssimos advogados e o excelentíssimo promotor têm em mãos a responsabilidade de inocentar ou culpar o réu! – a sessão de fato começou.

As testemunhas foram ouvidas, ninguém quis eufemizar o crime, nem as testemunhas da defesa que, apenas, ressaltaram a conduta trabalhadora do réu, que não tinha vícios de cachaça e fumo: Zanolho havia estuprado e matado por asfixia sua enteada de 9 anos de idade. Algumas testemunhas acrescentaram que desde os 6 anos de idade da menina que ele a abusava. Sua mulher, a mãe da criança, o pegou em flagrante, ele foi preso e fugiu da cadeia. A polícia relaxou na busca, a justiça esqueceu o caso, porque o indivíduo era primário e não oferecia risco, seis meses depois, ele voltou e se vingou da prisão na menina e a mãe só escapou por encontrar-se no seu emprego de doméstica. Muitas o definiram como o “monstro” da cidade “X”.

O advogado de acusação e o promotor foram contundentes na acusação, o réu não merecia indulgência, perdão, um monstro que tinha praticado crime contra dignidade sexual - Lei nº. 12015/09 -, da criança Carol, com agravante previsto no artigo nº. 225 “Caput” CP, com as qualificadoras do artigo nº. 213 §§ 1º. e 2º. , CP... O “energúmeno” a abusava desde os 6 anos de idade sob tortura psicológica e ameaças físicas contra sua genitora. A criança inocente deixava-se acariciar e bolinar em suas partes íntimas pelo indivíduo. Flagrado pela genitora da menina e preso, mostrou-se velhaco e perigoso, premeditou o crime, fugiu da cadeia, barbarizou a vítima como vingança e homiziou-se em casa dos seus parentes no interior de Pernambuco, foi preso graças a clamor público e ajuda dos meios de comunicação que divulgou sua foto para todos os rincões do país, etc. e etc.

O advogado de defesa exerceu seu papel, foi mais ameno, explorou o lado emocional dos juízes do povo. Alegou que o seu constituinte não passava de um pobre diabo sem eira nem beira. Analfabeto, tinha como fonte de sobrevivência: catar latinhas de cerveja e refrigerantes, papelão e metais de pouco valor nos lixões. Desde cedo, enfrentou as durezas do dia a dia e a incompreensão da sociedade. Nascido na pobreza quase absoluta, sua primeira caneta foi uma enxada e quando calçou um sapato já tinha 15 anos de vida. Não se podia culpar um homem que não teve oportunidade de se educar, que não possuía consciência moral, se alguém era culpado, esse alguém era o estado brasileiro e a mãe da menina que havia amancebado com um tipo assim...

Houve réplicas e tréplicas. A acusação e o promotor argumentaram que pobreza não fabrica assassino, que era obrigado concordar com Cesare Lombroso: existe assassino nato...

Os jurados o consideraram culpado. Ricardo Shoe não quis ficar com maioria simples, todos 7 jurados votaram pela condenação do réu. Zarolho foi levado pra algum lugar e dois dias depois o corpo do estuprador foi encontrado no lixão da cidade.

Conclusão:

Não se faz apologia de crime, mas se as instituições do estado são corruptíveis, não se promove a justiça como bem comum, então, o crime organizado assume o seu lugar!...

38

Zé Pequeno

R. Santana

- Teja prezo!
- Num Tejo - acrescentou:
- Dunde vem filhoti de anum?
- Sô artoridade da poliça!
- Disde qoando nigro é artoridade?!
- Cê num tá mi respêitando seo Virbo!
- Um neguin di seo tamanho, dô de xicote...

Verbo tinha flagrado sua mulher com outro na cama no “sapeca iaiá”, matou a mulher a tiro de espingarda de caça de veado campeiro e, decepou o pescoço do indivíduo com afiado bisco de podar os cacaueiros e cabrocar as capoeiras. O crime foi brutal, comoveu os habitantes do “Fuminho” e os habitantes da cidade itabunense, não porque ambos não merecessem morrer (era o costume da época, pagar com a morte, a infidelidade conjugal), mas pela forma como eles foram executados: nus e indefesos.

As más línguas juravam de pés juntos e mãos em oração que Verbo era galhudo fazia muito tempo por um rapaz que poderia ser filho seu ou de Clô, porque o sedutor

tinha pouco mais de 18 anos de idade. A vizinhança cochichava sobre a sem-vergonhice de sua mulher, mas ninguém tinha coragem de dizer nada ao marido, primeiro, pela imprevisibilidade de sua reação; segundo, pela fama de valentão que Verbo tinha em toda zona do cacau. Soube-se depois que ele tinha recebido uma carta anônima e simulou, naquele dia fatídico, uma pescaria, voltou do caminho e os flagrou na descarração!...

O “Fuminho” não era um vilarejo, tampouco um bairro, mas um pequeno aglomerado de casebres dentro das roças de cacau sem ruas, mas de caminhos abertos pela enxada e definidos pelos pés dos moradores. Conta-se que o apelido do lugarejo surgiu com o roubo de umas bolas de fumo do outro lado do rio Cachoeira, na cidade itabunense e, os ladrões perseguidos pela polícia atravessaram o rio e se esconderam do lado de cá, no lugarejo, apelidado depois de “Fuminho”, hoje, São Caetano.

Verbo era um cariboca com quase 2 m de altura, de forte compleição física, temperamento irascível, com pouco mais 40 anos de idade. Clô tinha a mesma faixa etária, morena sensual, longilínea, lábios grossos, mãos compridas e pernas torneadas e porte de rainha, um desperdício de mulher dentro das roças de cacau. Eles eram casados há 20 anos e ambos frustrados por falta de filho. Este, talvez, foi o motivo do adultério de Clô.

Naquele início de semana, o delegado de calça curta, Célio Marques, chamou seu inspetor ajuramentado para uma conversa a sós:

- Compadre Zé, eu tenho uma missão pra você!

- Sô toudo ovido cumpadre...

- Você Sabe que nesta delegacia, eu tenho dois meganhas, mas nenhum com sua inteligência e coragem... – passou “sabão” e continuou:

- Quero que vá buscar o homem que matou a mulher e o amante lá no “Fuminho”!

- O tá do Virbo?

- Sim!

- Suzinho cumpadre?

- Frouxaste, homem!? – não esperou a resposta:

- Chame o soldado Barbosa!

- Vô pricisar de 2 cavalus!

- Vá pela ponte dos velhacos na Abissínia, logo depois, na estrada de Macuco encontrará a Fazenda Santa Fé de compadre Tertuliano, peça-lhe emprestado em meu nome...

Zé Pequeno e Barbosa chegaram ao “Fuminho” pouco antes das 18 horas, naquele ermo de mata fechada estava tudo escuro. Barbosa e Zé Pequeno pernoitaram na casa de um conhecido. Na alvorada do dia, eles foram atrás de Verbo com auxílio de um guia que tremia como vara verde e, distante uns 30 m da casa do assassino, ele lhes deixou à própria sorte e “pernas que te quero” de volta pra casa.

Zé Pequeno, filho de Xangô e Iansã, protegido por todos os orixás, desconfiado e escorregadio, não tocou Verbo pela frente de sua casa, o esperou no caminho do córrego que era costume ele se banhar ao Sol nascer, de acordo o guia que lhes levou, o córrego não ficava muito longe da casa do valentão.

Não demorou muito, um pouco mais de um quarto de hora, apareceu Verbo no caminho com uma saboneteira na mão e uma toalha no ombro, quando foi confrontado por Zé Pequeno e o Soldado Barbosa:

(...) - Um neguin di seo tamanho, dô de xicote!

- Espremeente!

Verbo deixou cair a toalha e a saboneteira e enviou-lhe uma taponada, mas o inspetor juramentado desviou o rosto e o tapa pegou de cheio no soldado Barbosa que caiu rolando pelo chão, ao mesmo tempo, Zé Pequeno deu três mariscombonas pra trás e três pra frente e num chute atingiu a caixa de peitos de Verbo que se desmoronou, mas ligeiro como um gato, levantou-se e partiu pra cima do adversário de cabeça (Zé Pequeno esquivou-se da cabeçada em um giro de 360°), em vão, bateu as fuças no chão, rolou, levantou-se e encontrou o soldado Barbosa de frente, empunhando um revólver, que lhe deu ordem de prisão:

- Teja prezo!!!

- Num tejo! – com a velocidade e um raio, deu uma cambalhota no ar e golpeou o adversário com os calcanhares, jogando longe o revólver.

- Dexe cumigo sordado!!!

Zé Pequeno deu uma rasteira em Verbo, já cansado, ele caiu como uma jaca, estatelado, o negro não lhe deu chance, num voo de morcego, deu-lhe uma tesoura, imobilizando-o por definitivo e gritou:

- Sordado traiz uma curda!!!

Às 10 horas daquele dia, para assombro e vivas dos moradores, passava pela “rua” principal do lugarejo, preso, amarrado e escanchado no cavalo, o tal Verbo, criminoso desalmado de sua mulher e de seu amante.

Ali, naquele confim de mundo, começou a Lei Maria da Penha!...

Fim

Licença:

[
O trabalho](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)

Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/).

Dados Biográficos:

Nome: Rilvan Batista de Santana

Natural: Lagarto – Se

Em: 01.06.1946

Licenciado: Filosofia / Matemática

Pós-Graduado: Psicopedagogia

Acadêmico: Academia de Letras de Itabuna – ALITA

Membro: União Brasileira de Escritores – UBE

Reside: Rua Cosme Damião, São Caetano, Itabuna (BA)

